

Diário de Lisboa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O AREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 42 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Manifestações de hostilidade ao vice-presidente da Argentina que parece ter agido de boa fé admitindo-se a reconciliação com o presidente

BUENOS AIRES, 15 — O vice-presidente Alejandro Gomez, foi forçado, durante a noite, a fugir do seu gabinete, no edifício do Congresso, quando cerca de 150 partidários do presidente Frondizi lhe invadiram os aposentos, pedindo a sua demissão.

Agentes da Polícia e guardas do Congresso tiveram dificuldade em manter a multidão a distancia, enquanto Gomez fugia para um gabinete próximo.

Os intrusos provocaram consideráveis estragos no gabinete do vice-presidente. — (R.).

Reconciliação entre Frondizi e Gomez?

BUENOS AIRES, 15 — O general Solanas Pacheco, secretário de Estado da Guerra, anunciou á imprensa, após uma conferência que teve com o ministro do Interior, Alfredo Vitolo, que o oficial que revelara ao vice-presidente Alejandro Gomez, a existência de uma conjura militar para derrubar o presidente Frondizi, fora o ten.-cor., reformado, Antonio Quijano Semino, antigo secretário do general Osório Araña, ministro do Governo provisório.

O general Solanas esclareceu que aquele oficial se apresentou na sua Secretaria, declarando ser ele quem informou o vice-presidente da preparação de um movimento revolucionário. O facto de ser conhecido o nome deste oficial, parece de molde a poder esclarecer o horizonte político. Com efeito, deverá agora que explicar como soube da existência da conjura e indicar quem eram os conspiradores.

Por outro lado, a posição do vice-presidente sairá reforçada de todo este caso, pois parece ter agido de inteira boa fé, ao indicar a existência de uma conspiração.

A sua recusa de revelar o nome do seu informador, provocou uma reacção violenta da parte dos parlamentares membros da União Cívica Radical Intransigente (U. C. R. I.), partido que apoia o Governo. O vice-presidente foi expulso deste agrupamento político, cujos parlamentares insistiram na sua demissão, ao que ele se recusou, preferindo a perspectiva de um julgamento pelo Congresso.

Certos observadores políticos admitem a possibilidade deste incidente terminar por uma «reconciliação» entre o dr. Frondizi e o seu vice-presidente. Esta eventualidade não está excluída embora os espiritos estejam ainda muito exaltados. — (F. P.).

Frondizi procura evitar a greve geral

BUENOS AIRES, 15 — O presi-

(Continua na ultima página)



Aspecto característico da pesca do atum

32 mil Portugueses desenvolvem a sua actividade nas fainas da pesca

Ao longo da costa portuguesa ou em mares mais distantes — ao largo de Marrocos, na Terra Nova, nas paragens frias da Gronelândia — cerca de trinta e dois mil trabalha-

dores portugueses labutam corajosamente nas fainas da pesca. São sempre imagens coloridas e vivas, esmaltadas de folclore e tradição, as do trabalho piscatório; mas por trás do pitoresco está presente o perigo do mar incerto, são realidades constantes o esforço estrénuo, as fadigas, os sacrifícios com que os nossos pescadores trazem o seu contributo á riqueza nacional. Tudo isso envolve, a quem souber lê-las com sentido humano, as estatísticas industriais em que se tra-

(Continua na 3.ª página)

Nota do dia

Há meio século...

Num discreto comentário á catástrofe que enlutou a aviação comercial portuguesa e o País inteiro, um jornalista francês escreve que o acidente não deixou de surpreender as pessoas familiarizadas com assuntos de aviação, que consideram o hidroavião abandonado há muito tempo para ligações de longo curso. São já numerosas as vítimas desse tipo de aparelho, desde os tripulantes do gigante «Lieutenant-de-Vaisseau-Paris» até ao malogrado Mermoz, que se afundou com o seu hidroavião quando tentava a travessia do Atlântico. Nós também já tivemos os nossos mártires. Faz hoje precisamente 34 anos que Sacadura Cabral, tripulando um hidroavião, se perdeu no mar do Norte. No momento em que a propulsão a jacto coloca Nova York a oito horas de Paris, observa o jornalista francês, não se compreende em boa verdade que se utilize ainda um aparelho pesado e lento que não hesita em prolongar os riscos em proveito de uma segurança ilusória em caso de avaria. Com mar calmo, a amargem forçada pode não oferecer perigo. Mas desde que as ondas se encapelem, a perda do aparelho pode considerar-se inevitável e os riscos que os passageiros correm não são menores. Só o avião de rodas permite, com efeito, uma razoável segurança. Já o aviador francês Garros o afirmava há cinquenta anos e para o provar não hesitou em atravessar o Mediterrâneo, de Saint-Raphael para Tunis, num avião desse tipo. Demonstração que confirma, infelizmente, conclui o redactor do «Figaro», a morte de 36 passageiros e tripulantes... meio século depois. A perda do «Porto Santo» veio pôr, mais uma vez, o problema das comunicações

com a Madeira e demonstrar a necessidade de activar a projectada construção do aeroporto naquela ilha, para que o turismo, sua principal fonte de receita, não continue a sofrer as consequências de um sistema deficiente de ligações por mar e agora inexistente — até quando? — pelo ar.

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

A arte de bem digerir (5)

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

CONFUNDE-SE a cada instante, a cada passo, alimento com nutrição, quantidade de alimento com ração nutritiva. A quantidade de alimento que cada indivíduo ingere, numa ou em mais

refeições, nem sempre traduz valor nutritivo, força e energia, sendo necessário recorrer aos chamados adicionais (sais minerais, aminoácidos,

(Continua na 13.ª página)

Moscovo vai fazer propostas às potências do bloco ocidental para a solução do problema de Berlim mas Washington recusa-se a negociar

MOSCOVO, 15 — Falando sobre a situação em Berlim, no discurso na Academia Militar, Kruchchev declarou que o Governo soviético está a preparar uma nota dirigida aos aliados, na qual se fazem propostas para a solução do problema de Berlim.

«Tencionamos — disse — fazer propostas definitivas aos países que tomaram parte na guerra contra a Alemanha nazista e a Itália fascista».

«Quando falamos de Berlim não

queremos com isso dizer que vamos lutar contra Berlim» — acrescentou. — (R. e A. N. I.).

A posição dos Estados Unidos

WASHINGTON, 15 — Segundo se declarava, ontem, na Secretaria de Estado, os Estados Unidos não tencionam discutir com as autoridades da Alemanha Oriental, as questões relativas a Berlim, o que vem desmentir as informações, segundo as quais, «o Governo americano poderia vir a aceitar a abertura de

discussões com os dirigentes da Alemanha de Leste sobre assuntos interessando a antiga capital alemã».

A Secretaria de Estado esclarece que «essas notícias não reflectem de forma exacta a política dos Estados Unidos, parecendo resultar de uma falsa interpretação do princípio, segundo o qual o Governo americano considera a União Soviética responsável por todos os

(Continuação da 1.ª página)

Diário de Lisboa
PUBLICA HOJE
32 páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE
Visado pela
Comissão de Censura

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

FACULDADE DE LETRAS

O Conselho da Faculdade de Letras de Lisboa foi agradecer ao Governo, na pessoa do ministro da Educação, o ter dado aquele estabelecimento de ensino o novo e belo edifício, integrado na Cidade Universitária. A frente dos que foram agradecer, estava o prof. Vitorino Nemesio, director da Faculdade de Letras que se referiu com palavras elevadas ao benefício material da obra, correspondente, por certo, à nova e complexa estrutura da bem recente reforma funcional, resultante da recente reforma do ensino. Respondendo, o ministro agradeceu. E pondo em relevo certos aspectos da vida da Faculdade, sobre um deles demorou o seu juízo. Referiu-se, de facto, especialmente, ao corpo docente, carregado de horas de trabalho. Um quadro de professores mais largo, uma preparação mais rápida, parece estarem na base das preocupações do ministro que pensa na solução de requisitar professores estrangeiros especializados, para atender ao crescimento do ensino e à falta de professores. A vida cresce, tentacula-se. Somos cada vez menos aquela sociedade que se movia entre o Chiado e os bairros típicos da cidade. Aqui acorrem, procurando esteio de cultura e posição social que os pequenos burgos não comportam. A vida das Faculdades revelam-no e confirmam o propósito de alargar os seus braços até aos confins soturnos de cada burgo da provincia.

FEIXE DE IMAGENS

ERA um dia de festa, esse em que o filho ia estreir-se na banda de Lobelhe (Mangualde) com fama das melhores, na terra e arredores. O Antonio da Cruz (62 anos) saiu da sua terra (Vila Chã) e meteu-se ao caminho. Vinte quilómetros para o seu coração eram, porém, de mais. Antes de chegar, ver e ouvir o filho a tocar, o Cruz caiu varado de emoção e cansaço. Caiu, para nunca mais se erguer.

* Dois irmãos (Mário e Cipriano Pinto) residentes em Foz-Tua, por lá cá aquele copo de vinho envolveram-se em desordem. Vieram o regedor e o cabo de ordens, mas o seu ódio não cedeu. Eram já dez os que os cercavam, quando se deu o imprevisto. Os dois irmãos desunidos, uniram-se para espancar quem fora para os separar. Depois, cansados, fugiram. Foi a G. N. R. que os deteve, deitando sangue. E como eles, o regedor, dois cabos e dois populares.

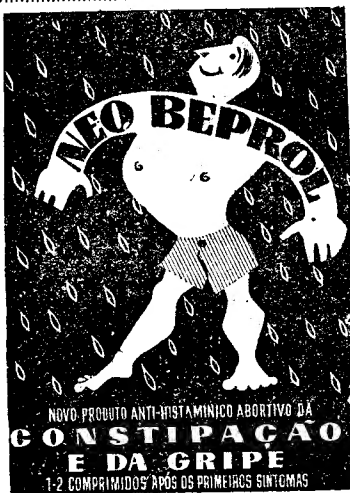
* Um homem desceu da camioneta, ido da Barragem da Bouça. Levava muitos foguetes que vendia às duzias, baratinhos. Depois, partiu satisfeito, sem se saber para onde. O seu destino era idêntico ao dos foguetes que vendia. Em vez de pólvora cantante, tinham cinza. Subiam, mas eram mudos...

* E' cigana, chama-se Constancia do Rosário, mora em Castelo de Vide, recebendo dinheiro, pelas curas imaginárias. Só a Maria Tomá-sia (Santa Susana, Redondo) a Rosário apanhou vinte contos, fora os oitinhos de peso. Cura-la-ia é, como a velha pedia, daria noivo à sobrinha. O tempo, porém, passou. Nada de cura nem de noivo. Tomá-sia foi-se queixar não à cigana ou ao médico, antes à Policia.

* Aqui em Lisboa (Rua do Sol á Graça, 32) ardeu parte da drogaria de José Silveira, por se inflamar um frasco contendo ácido. Em Boticas (Sapiões) arderam duas casas de arrecadação agricola, cereais e gado, pertencentes a João Alves Monteiro. Foram os filhos deste que, enchendo de brasas a latinha onde na escola deviam aquecer-se, quem pegou fogo á palha, originando o sinistro.

JORNAL PEQUENO

NO livro de cumprimentos ao Chefe do Estado inscreveu-se o cônsul Fernando de Castro Mouzinho de Albuquerque. * O Presidente do Conselho trabalhou com o ministro da Presidência e recebeu o embaixador da Turquia. * O ministro do Ultramar terminou a sua visita a Angola e deve chegar amanhã a Lisboa. * Para melhorar o policiamento da região alentejana a G. N. R. criou novos efectivos de infantaria e cavalaria em postos e subpostos dos distritos de Setúbal, Beja, Évora, Portalegre e Faro. * O prof. Max Müller, da Universidade de Friburgo, falou no Instituto Alemão de «A metafísica clássica e moderna». * Foi homenageado com um jantar, oferecido pelos seus colegas, o agente da P. J. Francisco Dias que atingiu o limite de idade. * O novo presidente da F. N. A. T. é o dr. Bento Parreira do Amaral que exercia as funções de vice-presidente da Federação das Caixas de Previdência. * Rendeu 90 contos o cortejo de oferendas a favor do hospital da Misericórdia de Paços de Ferreira. * Em Aldeia dos Dez (Oliveira do Hospital) foi inaugurada, com grande regozijo, a iluminação eléctrica. * Cinquenta e um prédios foram demolidos em três meses em Lisboa, para que em seu lugar se ergam outros de maior rendimento.



**COGNAC
MARTELL**

Soras?

Um sonho feito realidade

«Diário de Lisboa»

Teve a amabilidade de nos apresentar cumprimentos de despedida o sr. W. T. Grobler, que durante anos desempenhou as funções de adido de Imprensa da Embaixada da União da Africa do Sul, em Lisboa, cargo que abandonou para regressar, em breve, ao seu país. O «Diário de Lisboa» agradece a cativante gentileza.

Fagide O Vosso Restaurante Music-Hall Apresenta
**ANNA MARINELLI
HELENA TAVARES
IVONE e CLARA**
Conjunto ALEX WILLIAM'S com LAURA VILLA
Adultos (Maiores de 17 anos)

Na «COZINHA ALENTEJANA»
HÁ: EMENTA/
BOLARIA
PESSOAL
E AMBIENTE } DO ALENTEJO
UNICO RESTAURANTE PROVINCIAL EM LISBOA
Recomenda-se a marcação de mesas, que serão respeitadas até
às 20.30 horas, para jantar
Av. do Aeroporto, Lote 66 — Telef. 727071 — LISBOA
«ENCERRA ÀS SEGUNDAS-FEIRAS»

Pioneiros

da nossa aviação

Referindo-nos a Carlos Eduardo Bleck, chamámo-lo «o primeiro piloto formado pelo Aero Clube de Portugal». Acontece, porém, que em 9 de Maio de 1925, data em que ele foi «largado», ainda não existia a Escola de Pilotagem daquela cidade, que surgiu mais tarde, fundada por uma direcção presidida pelo então Alfredo Sintra e de que Carlos Bleck fazia parte, no campo do saudoso Grupo de Esquadrilhas de Aviação «Republica».

Carlos Bleck foi o primeiro diplomado pela Escola Militar de Aviação, de Sintra, como resultado de um curso para civis que funcionou na Granja do Marquês, enquanto não se verificava a criação duma escola civil de pilotagem. E nota curiosa: o chefe da Divisão de Instrução daquela Escola, que nessa qualidade assistiu á «largada», do novo piloto, era o então capitão-aviador Craveiro Lopes, mais tarde Chefe do Estado e agora marechal da Força Aérea.

As testas sintrenses

em honra de Nossa Senhora do Cabo

A comissão que levou a efeito, na vila de Sintra, nos anos de 1953-1954, as tradicionais festas em honra de Nossa Senhora do Cabo, publicou agora um volume, no qual reuniu alguns documentos sobre o que foram essas notáveis festividades que tantos forasteiros chamaram á histórica e encantadora vila, entre as quais se destacam as interessantes conferências então proferidas.

Nesse livro, orientado pelo dr. Casimiro Gomes da Silva, e que tem na capa uma bela fotografia de João Paulo Rodrigo Gil, de Que-luz, representando uma peça de fogo de artifício sobre o Palácio Nacional da Vila, deslumbrantemente iluminado, inclui um prefácio do dr. César Henrique Moreira Baptista, que foi presidente do Município sintrense, e uma explicação de Eduardo Nunes Frutuoso Gaio, alma e nervos ao serviço das solenidades de Nossa Senhora do Cabo.

As comemorações do 150.º aniversário da vila de Olhão

A Casa do Algarve promove, em Lisboa, as seguintes comemorações do 150.º aniversário da elevação de Olhão á categoria de vila: hoje, ás 21 e 30 horas haverá sessão solene, na sua sede, na Rua Capelo; amanhã, ás 9 e 45 na concentração dos Olhanenses na estação do Cais do Sodré, para uma romagem ao monumento ao Patrão Lopes, em Paço de Arcos; ás 10 e 30, recepção dosromeiros na estação de Paço de Arcos, promovida pela Junta de Freguesia local; ás 10 e 45, junto daquele monumento, evocação do Patrão Lopes, pelo comandante Luciano Sena Dentinho, e breves palavras por um representante do povo de Paço de Arcos; ás 11 horas, exercício de salvamento, em memória dos tripulantes do caique «Bom Sucesso», promovido pela delegação local do Instituto de Socorros a Náufragos; e ás 12 horas, almoço de confraternização.



O sultão em viagem

Horas trágicas

Seis mortos num choque de automóveis

CHICKASSAW (Alabama), 15. — Dois automóveis que seguiam a grande velocidade na estrada nacional desta cidade embateram de frente e ficaram destruídos. Morreram os seis ocupantes. Por estranha coincidência, um dos veículos era conduzido pelo engenheiro Clarley McLeod e o outro por sua mulher, Margareth. — (A. N. I.).

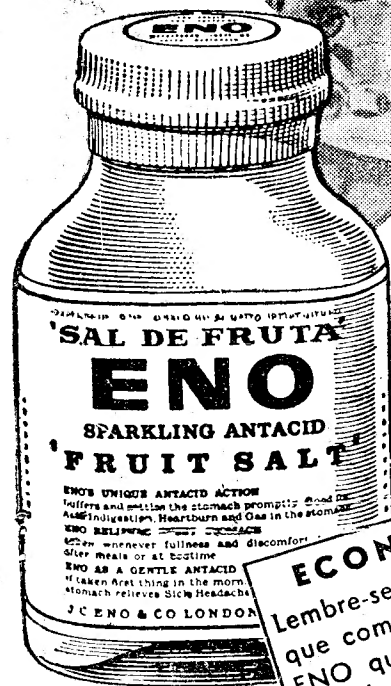
Mortos e feridos em passagens de nível

HOPSTEN (Alemanha Ocidental), 15.

— Ficaram idos 17 mineiros, quatro deles gravemente, quando o autocarro em que seguiam para o trabalho foi apanhado por um comboio numa passagem de nível perto desta cidade. — (R.).

LITTLE ROCK (Arkansas), 15. — Morreram cinco pessoas e catorze ficaram feridas quando um autocarro foi colidido, perto desta cidade, numa passagem de nível por um comboio de passageiros que seguia de Hot Springs para Memphis. — (A. N. I.).

Sal de Fruta
ENO
dá
boa saúde



todos os dias!

ECONOMIZE!

Lembre-se na próxima vez que comprar Sal de Fruta ENO que o frasco largo é mais económico.

Tome sal de fruta ENO, todas as manhãs para manter essa sensação de bem estar. ENO com as suas propriedades anti-ácidas, estimula o fígado e actua como laxante suave.

SAL DE FRUTA

ENO

ENO e SAL de FRUTA são marcas registradas

VIDA ARTÍSTICA

Abriu esta tarde uma retrospectiva das obras do artista Manuel Ribeiro de Pavia

Abriu esta tarde, na sala da S. N. B. A., uma exposição evocativa da figura de Manuel Ribeiro de Pavia, mais tarde Manuel Ribeiro de Pavia, do nome da terra alentejana de seu nascimento. Era um artista por temperamento, de uma sensibilidade muito apurada, discreto e cativante, em quem os olhos para todas as luzes do espectáculo da vida. Mas eram as figuras interiores, os rústicos, os olhos fundos das pequenas heroínas de romance vivo — os motivos que mais buscava. Quando a morte o surpreendeu, encontraram-lhe um espólio de cerca de oitocentos trabalhos, a que se somavam muitos outros, dispersos por mãos de amigos, por aqui, por acolá, ilustrações, capas de livros e de magazines, tendo marcado com o sinal da sua forte personalidade que ele, modesto e tímido, passeava discretamente.

Os amigos que deixou quiseram, piedosamente, reunir muitos dos seus trabalhos numa grande retrospectiva, apresentada esta tarde no palacete de Barata-Salgueiro. Muitos amigos se juntaram para organizar a expressiva manifestação de apreço e saudade. Esses e muitos outros se juntaram esta tarde para o momento inaugural da exposição, que durante alguns dias lembrará a uns e, porventura, revelará a outros a figura gentil do artista que teve, em toda a infelicidade da sua vida, a felicidade vitoriosa de morrer deixando de si uma obra que bem merece ser admirada.

O IV Salão de Outono na Costa do Sol

Amanhã, às 12 horas na sala de leitura da Junta de Turismo da Costa do Sol, inaugura-se o IV Salão de Outono, promovido por aquele organismo. Durante alguns dias, estarão patentes ao público vários trabalhos de óleo, desenho e aguarela.

Na Galeria A. Molder

Os artistas Camargo Prata, Vitor Belém e Michael Barrett vão expor na Galeria A. Molder. A exposição abrirá ao público no dia 17 do corrente.

Exposição de pintura

Os pintores Infante do Carmo, Hilário (Teixeira Lopes) e Sousa Santos vão expor, simultaneamente, na Galeria Mansarda. A exposição inaugura-se depois de amanhã, às 16 horas.

No PRAGAL o «Diário de Lisboa» é vendido por João António Tavares

As tarefas da pesca

(Continuação da 1.ª página)

duz na objectividade das cifras o trabalho dos homens do mar.

Em 1957, segundo a «Estatística Industrial» há pouco editada pelo Instituto Nacional de Estatística, 17.331 artes laboraram nas fainas da pesca de Portugal continental. Navios a motor, vapores de pesca do alto, traineiras, lúgres, cercos, armações do atum e da sardinha, sacadas, sardinheiras, xávegas, alcatruzes do polvo, barquinhos modestos e obscuras pescas, preenchem esse número avultado. O número de tripulantes matriculados para os diversos sectores da pesca ao findar do ano era de 32.009. E do seu esforço de todos os dias resultou para a economia nacional — para o património colectivo da riqueza de que todos aproveitaram — a verba impressionante de 1.422.566 contos. Tal foi o valor total das pescas de Portugal continental em 1957, fruto do esforço e sacrifício dos nossos pescadores.

Os navios e os homens dispersam-se no mar em inúmeras direcções. Sairam para a pesca do bacalhau, no ano passado, 86 lúgres, navios a motor e arrastões, levando nas cobertas 2.918 «doris» — os frageis barquinhos em que os pescadores se aventuram à pesca do «fiel amigo», depois saboreado tranquilamente em todas as mesas de Portugal. No regresso, aqueles navios trouxeram 71.912 toneladas de bacalhau em verde a que se atribuiu o valor na descarga de 425.449 contos. A produção posteriormente registada em seco e enfiado atingiu no mesmo ano o montante de 505.531 contos.

Entretanto, a totalidade do pescado que desembarcou nos portos do Continente atingiu em 1957 o montante de 319.077 toneladas. A parcela mais avultada no quantitativo das pescas portuguesas é a da sardinha: 109.380 toneladas foram descarregadas das «artes» inscritas no Grémio dos Armadores durante aquele ano. O peixe de «camã prateada» multiplicou-se em riqueza, visto que do total referi-

do foram entregues à indústria de conservas 58.242 toneladas de sardinha, pelo preço de 211.193 contos — e vem a propósito lembrar que só as exportações de sardinha em conserva renderam à balança comercial do País cerca de 680 mil contos em 1957.

Também nas ilhas adjacentes se trabalha vigorosamente na pesca. Nos Açores estavam matriculados na mesma data 5.495 pescadores e na Madeira e Porto Santo 2.027. O pescado recolhido pelos insulares totalizou 16.640 toneladas no valor de 43.609 contos.

A frota portuguesa continua em desenvolvimento. No ano transacto foram lançadas à água 678 embarcações de madeira e 7 de ferro.

Mas a história dos trabalhadores do mar tem sempre a sua história trágico-marítima. No decorrer de 1957 naufragaram 27 embarcações, sendo 13 à vela e 9 de propulsão mecânica, perdendo-se para sempre 9 das primeiras e 6 das segundas. Mas o mais doloroso é que morreram na labuta da pesca, vítimas de naufrágio ou de acidentes, 12 pescadores portugueses e sofreram ferimentos 2.259. E o ano pôde ainda considerar-se feliz sob este triste aspecto — porque em muitos outros anteriores foi muitíssimo mais vasto o martirólogo dos nossos pescadores. Mas as fainas continuam, animadas e sem medo, de dia e de noite, nas águas próximas ou nos mares longínquos, trazendo a Portugal a riqueza que se agita nas profundidades e que é um dos grandes factores do trabalho da grei.

VIDA ROTÁRIA

Reunião em Almada

A reunião semanal do Rotary Clube de Almada presidiu o eng.º Virgílio Lopes Correia, secretário do pelo comandante Alvaro Monteiro Teixeira Bastos. Nesta sessão, usou da palavra o rotário comandante António de Andrade e Silva.

A criação do Banco do Fomento Nacional

Foi hoje publicado o decreto-lei que determina que o Governo promova a constituição do Banco de Fomento Nacional.

Como já tivemos, oportunamente, ocasião de salientar, trata-se de um Banco de investimento, cuja acção se estenderá, quer à Metrópole quer ao Ultramar, no desenvolvimento de um plano que muito há-de contribuir para a indispensável obra de valorização económica da Nação.

Com o capital de 1 milhão de contos, o Banco de Fomento Nacional vem, naturalmente, preencher uma lacuna no nosso sistema de crédito, correspondendo a necessidades prementes da tarefa que se impõe para acompanhar os esforços destinados a satisfazer as exigências da melhoria de vida do povo português.

PUBLICAÇÕES

«A Cooperação»

O director da revista «A Cooperação», comemorando o 3.º ano de existência, promoveu, esta tarde, uma visita de um grupo de seus amigos e convidados ao Museu de Arte Popular, onde foram acompanhados pelo respectivo director, sr. D. Manuel de Melo Correia.

A noite, no Salão de Chá Império, haverá um jantar de confraternização.

A 1.ª CONFERÊNCIA

de Construtores Cívicos

Prosseguem hoje, à noite, as sessões de trabalhos da 1.ª Conferência Geral dos Construtores Cívicos. Na sessão de hoje serão apresentadas quatro teses, pelos srs. Manuel Albino Pereira Lima, Francisco de Freitas, Serafim Afonso e Wadington Espinola de França.

Homenagem à memória

do prof. Marques Guedes

No Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras da Universidade Técnica de Lisboa, na abertura das cadeiras de Direito Internacional Público, História Diplomática e Política Económica Internacional foram prestadas comovidas homenagens ao saudoso catedrático daquela escola dr. Armando Marques Guedes, pelos professores que presentemente regem essas disciplinas, o catedrático dr. António Pinto Larriga e os assistentes drs. Adérito de Oliveira Sedas Nunes e Abel Pinto Repolho Correia. Depois de enaltecere a memória daquele mestre, os referidos professores relembrou as suas lições fulgurantes, a sua alta capacidade intelectual, a sua incomparável e luminosa clareza pedagógica, bem como o seu elevado civismo, que abrangiam os mais momentosos problemas nacionais à luz da mais actualizada crítica doutrinária. A sua serenidade, a sua lucidez, a sua tolerância, a sua compreensividade e a sua inestimável amizade — afirmaram — fazia de cada colega e de cada discípulo um admirador que muito o respeitava. Esta homenagem mostra bem como a memória do prof. Marques Guedes nunca poderá ser esquecida naquela escola.

Relações comerciais

luso-israelitas

JERUSALÉM, 15 — Um grupo de negociantes portugueses, que recentemente, visitou Israel, anunciou a sua intenção de intensificar as relações comerciais entre os dois países e estabelecer uma companhia conjunta luso-israelita, para esse fim.

Os navios israelitas que normalmente escalam os portos portugueses passam a visitá-los a intervalos mais curtos, para acelerar assim o cumprimento das encomendas dos negociantes portugueses e fazer o transporte dos artigos de ambos os países. — (A. N. I.).



LEACOCK (LISBOA), LDA.



massas não dão maçadas...



ESTA É QUE É A VERDADE! QUEM ESTA HABITUADO A PREPARAR MASSAS ALIMENTÍCIAS SABE COMO É FÁCIL E RÁPIDO COZINHÁ-LAS. PREPARANDO ASSIM UMA REFEIÇÃO AGRADÁVEL NUTRITIVA E PARTICULARMENTE LEVE E ECONÓMICA.

É bom... é saudável, por isso... o Homem das Massas aconselha:

RECEITA

Princípio elementar de cozedura do esparguete e outros tipos de massa

Grande abundância de água para que a Massa, ao cozer, não se grude uma à outra. Logo que a água, temperada de sal, levante fervura, deita-se o esparguete, inteiro (nunca o parta, minha senhora!); a Massa, devido ao seu comprimento, não cabe na caçarola, mas à medida que amolece a parte mergulhada na água a ferver, o esparguete vai baixando até se introduzir por completo no recipiente.

Ao fim de dez minutos começa a provar-se a Massa para que não haja o descuido de a deixar cozer em demasia. Logo que o esparguete se possa trincar sem saber a cru, retira-se do lume e despeja-se na caçarola um pouco de água fria, para que a cozedura pare imediatamente. Escorre-se em seguida muito bem e, se tiver de esperar pelos condimentos que vão ultimar a sua preparação culinária, junta-se-lhe um pouco de manteiga, para o deixar solto, e coloca-se num prato, coberto, sobre a boca de uma panela que esteja no lume.

Idêntico processo se deve adoptar para a cozedura de outros tipos de Massa. Para a preparação das sopas é conveniente cozer a Massa à parte, e escorrê-la muito bem; à última hora junta-se a Massa à sopa, evitando-se, assim, que fique gomosa. No entanto, conforme o gosto, pode cozer-se a Massa directamente na sopa.

COM MASSAS... A VIDA É MAIS COSTOSA

COMA TODOS OS DIAS EM RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS O «HOMEM DAS MASSAS»

tuba Espuma Seca

Centenas de escudos de economia! Limpeza a seco de Carpetes e Passadeiras. Estofos de Automóveis e de Móveis. Pelas suas mãos e em sua casa! Rapidez e simplicidade de aplicação! Em menos de uma hora, sem nódoas, sem sujidade e completamente seco. Ficando com aspecto novo e brilhante! Sensacional produto da Química Alemã.

Atenção: para resultados garantidos usar sempre a esponja TUBA especialmente estudada para a obtenção da espuma.

A venda em todo o Mundo, e em PORTUGAL em todos os bons estabelecimentos.

Representantes: SCHROETER & ALMEIDA

Rua da Madalena, 128, 2.º — LISBOA

Televisão a cores

Filtros Panorâmicos de protecção à vista (maravilha da Exposição de Bruxelas) para qualquer Televisor. Peça informes e demonstrações ao Instituto Rádio Televisão, Av. Almirante Reis, 2-3.º, Telef. 731994.

VIDA MUSICAL

O maestro Silva Pereira vai dirigir uma ópera de Hindemith cantada em português



Maestro Silva Pereira

Um homem desapareceu amanhã, domingo, às 16 horas, em S. Carlos, a Orquestra Filarmónica de Lisboa, renovada com importantes colaborações nos naipes das cordas e dos instrumentos de sopro.

O programa inclui uma importante «Abertura» de Seixas, descoberta pelo dr. Ivo Cruz, «Concerto» para viola, de Hoffmeister, também em primeira audição, a «5.ª Sinfonia», de Beethoven, e os «Preludios», de Liszt. Como solista toma parte o professor balga Frangos Broos, contratado pelo Conservatório Nacional para reger a cadeira de viola.

Concertos no Pavilhão dos Desportos

Como nos anos anteriores, a Câmara Municipal de Lisboa, com a colaboração da Guarda Nacional Republicana, vai levar a efeito, no Pavilhão dos Desportos, uma série de concertos quinzenais, proporcionando, assim, ao público da capital, espectáculos gratuitos, onde poderá ouvir obras de autores clássicos e modernos.

O 1.º concerto efectua-se amanhã, domingo, pelas 14 horas, sendo o programa o seguinte: «Bodas de Figaro» (abertura), de Mozart; «7.ª Sinfonia», de Beethoven; «Mestres Cantores» (fragmentos do 3.º acto) de Wagner; «Abraço a Portugal» (3.ª fantasia popular), de Duarte Ferreira e «Marcha Eslovaca», de Tschakowsky.

A banda é dirigida pelo maestro capitão Alves Ribeiro.

A 1.ª audição da ópera «Ida e Volta»

A Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico, com o patrocínio da Emissora Nacional, vai promover, amanhã, domingo, às 21 e 45, a 1.ª audição da ópera «Ida e Volta», de Hindemith. Esta ópera será cantada por artistas do Curso de Ópera da Juventude Musical Portuguesa e executada por um conjunto instrumental sob a direcção do maestro Silva Pereira.

O PORTO pelo telefone

Um morto e um ferido numa explosão

PORTO, 15. — Quando se encontravam a trabalhar no fundo dum poço, situado em Silva Escuro, Maia, pertencente ao sr. José da Silva Correia, foram vítimas duma explosão, os mineiros Manuel da Silva Pereira, de 21 anos, morador em Verboim, daquela vila, e António Soares Carneiro, de 41 anos, natural de Leça do Balio.

Os Bombeiros Voluntários de S. Mamede retiraram os dois infelizes operários, do fundo do poço verificando-se então que o primeiro já estava morto. O segundo foi conduzido ao Hospital de Santo António, onde ficou internado, com graves ferimentos e queimaduras pelo corpo.

Dois atropelamentos graves

Em estado de choque e com fracturas da base do crânio e duma perna, e contusão torácica, recolheu ao Hospital de Santo António a sr. Clara Maria de Jesus, de 68 anos, viúva, residente na Rua da Arrábida, 47, que na Rua do Campo Alegre foi atropelada por um automóvel conduzido pelo sr. Severiano da Silva de Magalhães, residente na Avenida da República, 1131.

Afundou-se

uma traineira cuja tripulação foi toda salva

VIANA DO CASTELO, 15. — (Pelo telefone) — Cerca das 11 horas, quando demandava a barra desta cidade, a traineira «Santa Cruz III», pertencente à Sociedade Santa Cruz, Lda, de Matosinhos, bateu numa rocha e afundou-se rapidamente.

Os seus tripulantes, num total de 42 homens, foram todos salvos por pequenas embarcações de pesca que se encontravam próximo do local.

A traineira «Bela Maria» conseguiu ainda salvar alguns aprestos da traineira afundada.

Inaugurou-se uma exposição preparatória do Museu dos C. T. T.

O correio-mor, engenheiro Couto dos Santos, inaugurou esta tarde, na estação dos C. T. T., da Rua das Picoas, a primeira exposição do Museu dos C. T. T., ainda em organização, pelo que o interessante certame consta somente de aluns e diagramas dos diversos serviços, ou seja uma secção.

Esse album que tem um interesse enorme para quem deseja ingressar nos C. T. T., e, além da sua curiosidade histórica e do seu valor, são considerados dos meios mais eficazes para a aprendizagem dos futuros funcionários.

Nos aluns não estão representados todos os serviços, pois naturalmente nem todos se podem apresentar através de documentos ou desenhos.

No sector postal do Museu, está representada ao natural uma estação dos C. T. T., com todos os seus serviços; e, para melhor elucidação do público, maneiradas, devidamente fardados, procedem às diversas operações.

No que diz respeito a miniaturas dos transportes utilizados pelos correios para condução da correspondência, desde a mala-posta ao avião, esses serviços estão cuidadosamente expostos. Há ali a estação, com todas as dependências da mala-posta, os carros-automóveis, as estações circulantes ferroviárias, o navio e o avião.

Parte das miniaturas expostas foram executadas por artistas particulares, e outras construídas nas oficinas dos C. T. T.

Destacam-se ainda várias maquetas de novas estações em edifícios próprios dos C. T. T., recentemente inauguradas.

Em vitrinas, vêem-se também blocos com selos, bilhetes postais ilustrados e sobrescritos comemorativos.

A exposição durará um mês, e estará patente ao público, todos os dias úteis, das 16 às 19, e aos domingos e feriados, das 14 às 17 horas.

Faleceu no hospital

No Hospital de Santo António, faleceu hoje o sr. Rosalino de Sousa, de 67 anos, que para ali entrara no dia 29 de Setembro passado, com graves queimaduras, provocadas pela explosão de um bidão de petróleo.

CARTAZ DO PORTO para amanhã, dia 16

SÁ DA BANDEIRA — As 21 e 30 — A revista «Canção do Porto».

COLISEU — As 21 e 30 — «Um amor que não morreu».

TRINDADE — As 21 e 45 — «Os dez mandamentos».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O Cheik Branco».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «A árvore da vida».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O jardineiro espanhol».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «A volta ao Mundo».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Jacobowsky e o coronel».

Portos e Híndemith

Atrás do reposteiro

Está marcada para o dia 4 do próximo mês, no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, a apresentação da companhia Laura Alves com a comédia «A rainha do ferro-velho».

—Depois de amanhã, começam, na TV, os ensaios da peça «A fera amansada» de Shakespeare, num arranjo do prof. Carlos de Sousa.

—No mês de Dezembro próximo, o grupo cénico da Sociedade Recreativa e Dramática Eborense representará, na «Voz do Operário», a peça «O caso do Chico enjaidado».

—Os artistas brasileiros Mara Abrantes e Almeida participam num espectáculo que se realiza hoje no Barreiro.

—A actriz Rosinda Rosa, que na tempo seguiu para o Rio de Janeiro, foi contratada pelo empresário Luis Iglesias, a fim de participar do desempenho da revista «Me dá um cheirinho», que brevemente será estreada no Teatro Serrador.

—Foi adiada a estreia que estava marcada para ontem no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, da revista de Avelino Carneiro, «Canção do Porto».

—Está em Lisboa o «ballet» de Betty and Alexis, que percorreu várias cidades do Norte de África.

—A Emissora Nacional vai transmitir a peça «Guarany», num arranjo radiofónico de Botelho da Silva, sob a direcção de Emília Duque.

—A tradução da peça de Ben Jonson, «Volpone», em cena no Teatro de Bolso, do Teatro Experimental do Porto, é do dr. Paulo Quintela, director do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra.

—De hoje a oito dias, no Coliseu, estreia-se uma nova companhia de circo.

—Segundo consta, duas empresas teatrais pretendem a exploração do Capitólio.

Escolha de peças para o Teatro Nacional D. Maria II

Até ao dia 15 do próximo mês de Dezembro podem entregar-se, no Teatro Nacional D. Maria II, as peças que depois serão apreciadas pelo conselho de leitura que escolherá as obras representáveis durante a presente época. O referido conselho de leitura é constituído pelo director do teatro, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e outro do Conservatório Nacional e um representante da empresa concessionária.

Teatro infantil

no Monumental

Repetem-se hoje e amanhã, às 18 e 30, no Monumental, os espectáculos de teatro infantil.

MORREU O PINTOR

holandês Van der Leek

HAIA, 15. — Anuncia-se a morte do pintor holandês Bart van der Leek, um dos precursores da pintura moderna. Contava 82 anos.

Com Piet Mondriaan, foi um dos fundadores da nova escola de arte abstracta. — (R. P.).

BUGIO

Telefone 643198

RESTAURANTE

E SNACK-BAR

Pastelaria — Salão de Chá — Bilihares — Salão para banquetes, casamentos, baptizados, festas, etc.

Largo 5 de Outubro

STO. AMARO DE OEIRAS

STO. AMARO DE OEIRAS

STO. AMARO DE OEIRAS

STO. AMARO DE OEIRAS

STO. AMARO DE OEIRAS

STO. AMARO DE OEIRAS

STO. AMARO DE OEIRAS

STO. AMARO DE OEIRAS

STO. AMARO DE OEIRAS

STO. AMARO DE OEIRAS

STO. AMARO DE OEIRAS

STO. AMARO DE OEIRAS

STO. AMARO DE OEIRAS

STO. AMARO DE OEIRAS

STO. AMARO DE OEIRAS

STO. AMARO DE OEIRAS

STO. AMARO DE OEIRAS

STO. AMARO DE OEIRAS

culos infantis e juvenis do Teatro do Gerifalto, que tanto êxito obtiveram na passada semana. Em cada espectáculo são apresentadas três peças: «O Auto das 3 costureiras», de António Manuel Couto Viana; «De cima desse telhado», de António Manuel Couto Viana e Eduardo Rios; e «O nosso amigo Sol», de Lídia da Fonseca.

A interpretação está a cargo de Maria Albergaria, Rosina Rego, Fernanda Alves, Teresa Contellello, Telmo, Elvira Pais, António Anjos, Eduardo Silveira, Morais e Castro, Rui Mendes, e o pequenino João Manuel Couto Viana Lomba.

Em Lisboa, é este o único espectáculo para maiores de 4 anos, com entrada gratuita a todas as crianças até aos 8 anos, se forem devidamente acompanhadas.

Sessões clássicas

«Duelo de fogo», no Império

Amanhã, às 11 horas, haverá, no Império, a 117.ª sessão clássica de «Gente de cinema fala de filmes». Será exibida a obra-prima, de John Sturges, «Duelo de fogo», em visão e técnico.

Marilyn Monroe

continua doente em Hollywood

HOLLYWOOD, 15. — A artista de cinema Marilyn Monroe continua doente nos seus aposentos do Bel Air Hotel.

A popular estrela, que espera um bebé, é diariamente visitada pelo dr. Leon Krohn, seu médico assistente.

Juntamente com seu marido, o escritor Arthur Miller, Marilyn devia ter regressado esta semana à sua residência em Nova York. — (R.).

Coliseu

SÓ HOJE E AMANHÃ

Esta noite todas as crianças podem ir ao Coliseu aplaudir a companhia de circo. Amanhã, despedida, com espectáculos às 14.30, 17.15 para crianças e à noite às 21.30

Têm, apenas, 48 horas para admirarem a grandiosa Companhia de Circo do Coliseu. Hoje, gigantesco programa, ao qual podem assistir crianças de todas as idades. Novidades! Alegria! Só atracções internacionais. Amanhã, despedida da Companhia, com dois espectáculos à tarde, às 14 e 30 e 17 e 15, para crianças, e às 21 e 30.

CAFÉ CHAVE D'OURO Salão de Chá

das 17,30 às 20 e das 22,30 às 3,30

Musica de dança pelo dinamico conjunto «VERA CRUZ»

Com o vocalista JULIO AMARAL

Maiores de 15 anos

Manada do Mato COZINHA PORTUGUESA

RUA S. FILIPE NERY, 23

Telefone 680044

Manada do Mato COZINHA PORTUGUESA

RUA S. FILIPE NERY, 23

Telefone 680044

Manada do Mato COZINHA PORTUGUESA

RUA S. FILIPE NERY, 23

Telefone 680044

Manada do Mato COZINHA PORTUGUESA

RUA S. FILIPE NERY, 23

Telefone 680044

Manada do Mato COZINHA PORTUGUESA

RUA S. FILIPE NERY, 23

Telefone 680044

D. QUIXOTE

BAR RESTAURANTE

CAVEAU EXISTENCIALISTA

RUA DA TRINDADE, 9 * LISBOA

(ADULTOS M. 17 ANOS)

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

Amanhã, às 16 horas
INAUGURAÇÃO DA 23.ª TEMPORADA
da

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

Direcção: DR. IVO CRUZ

Solista: Prof. FRANÇOIS BROOS (Viola)

Abertura n.º 1 (1.ª audição)..... Seixas-Ivo Cruz
Concerto para viola (1.ª audição).... Ahofmeister
5.ª Sinfonia Beethoven
Os Prelúdios Liszt



TEATRO

MONUMENTAL

Tel. 55133 — Emp. Laura Alves
HOJE às 21,45 h.
ADULTOS — Maiores de 17 anos

TRIUNFALMENTE!

EM

20.ª SEMANA
ULTIMO MES
A PEÇA DAS MULTIDÕES
AMANHÃ, esp. à tarde, às 16 h.

A seguir: A peça de COLETTE
GIGI Quem será a protagonista?

HOJE E AMANHÃ, A TARDE, às 18,30 horas

TEATRO INFANTIL

3 ENCANTADORAS PEÇAS

AUTO 3 COSTUREIRAS
DE ANTONIO MANOEL GOUTO VIANA

CIMA DESSE TELHADO
DE A. M. GOUTO VIANA E EDUARDO RIOS

O NOSSO AMIGO SOL
DE LILIA DA FONSECA

TEATRO DO GERIFALTO
SUBSIDADO PELO FUNDO DE TEATRO

2.º balcão, a 5\$00; 2.º balcão, a PARA MAIORES DE 10\$00; 1.º balcão, a 15\$00; plateia, a 15\$00 e 20\$00
4 ANOS



LUSO

T. da Queimada,
8.ª — Tel. 32889
Adultos M. 17 anos
Hoje (até de madrugada) cantam
Aurora Sobral —
Joaquim Geraldes

— Isaura A. de Carvalho — Renato de Oliveira — Maria Vicente e o «as do riso» António dos Santos. Acompanhamentos por António Couto e José Indício. Amanhã — Grandiosa matineia.

SABADO 22 — GRANDIOSA homenagem do FADO à Rainha do Samba MIRA ABRANTES.

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21. — Tel. P. B. X. 29807

O MAIS EXTRAORDINARIO E SENSACIONAL

ELENCO DE ATRACÇÕES

RITZ CLUB

Telef. 25140 — ADULTOS — MAIORES DE 17 ANOS

A MAIS QUERIDA DAS VEJETAS EM VIBRANTES SAPATEADOS

CHIQUE RODRI

LOS GRANADOS

UMA PARELHA DE BAILE DE EXCEPCIONAL CLASSE

E, AINDA, VILAÇA E SUA ORQUESTRA — NO SALÃO TÍPICO: CEIAS E FADOS

A ATRACÇÃO AFRO-CUBANA:

RITALEW

ESTRELLITA ALCAZAR

ESPERANZA BEGOÑA

NA PRÓXIMA SEMANA:

8 ESTREIAS
DE FAMA
MUNDIAL

UM ACONTECIMENTO!



Calipso

Praça da Alegria, 56

Tel. 34120

(Adultos M. 17 anos)

EM GRANDE ÊXITO

Trio ANA MARIA

E O BALLET NORTE AMERICANO
WILBERT BRADLEY DANCE'S

DOMINGO, 16 — 1.º ANIVERSÁRIO — GRANDE E EXTRAORDINÁRIO PROGRAMA DE VARIEDADES
VEJA O NOSSO ANUNCIO DE AMANHÃ

MARIA VITÓRIA

Emp. «E. Salvador e Rui Martins, Ld.»

RIR ATÉ AS LÁGRIMAS
COM A MELHOR REVISTA DE
SALVADOR

POR CAUSA DELAS...

com

BIBI FERREIRA — ANTONIO SILVA
BARROSO LOPES — HUMB. MADEIRA
MIMI GASPAR

AMANHÃ
2 Sessões às 20,30 e 22,45
Esp. à tarde às 16 horas
Adultos — M/ de 17 anos



PERLA CRISTAL
com EL BEBO

TRINDADE

(17 ANOS)

HOJE, ÀS 21,45 HORAS

O TEATRO NACIONAL POPULAR APRESENTA O MAIOR
ÊXITO MUNDIAL DOS ÚLTIMOS ANOS

O DIÁRIO DE ANNE FRANK

AMANHÃ MATINEE ÀS 16 HORAS

P. M. de no AVENIDA As 21,45 h. T. 27273
12 anos

EM PLENO TRIUNFO, A COMPANHIA DO
«TEATRO DE SEMPRE», SUBSIDIADA PELO
FUNDO DE TEATRO, NA IRRESISTÍVEL
COMÉDIA DE GOLDONI

O MENTROSO

Amanhã, às 16h.: Espectáculo à tarde!

ATENÇÃO: De 2.ª a 6.ª feira, os estudantes
de cursos superiores e filiados da M. P. têm
70 % de desconto nos preços dos bilhetes



Carmen Dolores na «Rosaura»

RETIRO

A NOVA BOITE DANCING DA MADRUGADA

ALMEIDA CRUZ e a sua Orquestra

ATRACÇÕES NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

DANÇAS REGIONAIS — FADOS E GUITARRADAS

ATENÇÃO — Às 5 da madrugada churros e chocolate à La Española,
os churros são oferta do RETIRO.

NÃO PERCA AS NOITES PASSE-AS NO

RETIRO

Ao 1.º Km. da Estrada de Loures

Telefone 910 168

(ADULTOS — MAIORES 17 ANOS)

Cartaz dos Cinemas

SAO LUIZ

TEL. 27171

15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/17 anos)
3.ª SEMANA
A maravilhosa, deslumbrante e encantadora comédia de amor em technicolor

INDISCRETO

com Ingrid Bergman e Cary Grant

EDEN

TEL. 20768

A's 15.30 - 18.30
e 21.30
3.ª SEMANA

A SEDE DO MAL

com Charlton Heston e Janet Leigh
O filme mais realista de ORSON WELLES, depois de «O Mundo a seus pés».

Adultos — Maiores de 17 anos

CONDES

TEL. 22523

15.15 (p. r.) e 21.15 (M/17 anos)
5.ª SEMANA
A obra imortal de Victor Hugo em Technirama-Technicolor

OS MISERÁVEIS

com Jean Gabin, Danielle Delorme e outros

ALVALADE

Telefone 763086

15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.45 (M/17 anos)
3.ª SEMANA
Com heceram-se... sabiam que não deviam... mas não puderam resistir

INDISCRETO

com Ingrid Bergman e Cary Grant

Technicolor

AVIS

Telefone 47162

15.30 - 18.30 (p. r.)
e 21.45 (M/12 anos)
10.ª SEMANA
O mais belo romance musical

A RAPARIGA DAS VIOLETAS

com Sara Montiel e Rat Vallone

EIVOLD

TEL. 50595

A's 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (M/17 anos)
2.ª SEMANA
Vittorio de Sica e Françoise Arnoul no famoso filme francês

SEGREDOS DE ALCOVA

Amanhã às 11 h. Sec. Clas.

«REBECCA» — (M/17 anos)

POULETANA

TEL. 26301

15.15 - 18.15 e 21.30
2.ª semana triunfal do extraordinário filme em

Cinemascope com Gregory Peck e Joan Collins em
VINGADOR SEM PIEDADE
Adultos (Maiores de 17 anos)

MONUMENTAL

TEL. 5513

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
A mais bela e romântica de todas as histórias de amor

MISS BA

com Jennifer Jones e John Gielgud

Cinemascope — Metrocolor

QUEEN

Telefone 26283

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
3.ª SEMANA
O maior êxito da gargalhada

O PINGA AMOR
com Pedro Infante e Rosita Quintana

LIZ

TEL. 48560

A's 21 (M/17 anos)
Cinemascope Techn.
A ARMA DE UM BRAVO
Corpo sem alma

CINEMA IDEAL

Telefone 4194

A's 21 (M/17 anos)
Vistavision
DUETO DE FOGO
Honra que mata

CASINO ESTOR

21.30 (M/17 anos) c/ Gordon McRae

IMPERIO

TEL. 55134-5

A's 15 e 21 h. (M/12 anos)
7.ª e última semana
O maior acontecimento da história do cinema

OS DEZ MANDAMENTOS

de CECIL B. DE MILLE
com um elenco fabuloso
— Rigoroso Exclusivo —

Amanhã às 11 h. Sec. Clás. «Duelo de fogo» — (M/17 anos)

SAO JORGE

BALÇO 54154

PLATEIA 54153

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
O herói dos heróis de todos os tempos

«HERCULES»
com Steve Reeves, Sylva Koscina e Gianna Maria Canale

Uma maravilhosa viagem ao mundo da mitologia!

ROMA

Telefone 12778

15.30 - 18.30 (p. r.)
e 21.45 (M/17 anos)
A perseguição através da Europa dum homem que o mundo julgava morto

A RAPARIGA DO KREMLIN

com Lex Barker, Zsa Zsa Gabor e Jeffrey Stone

Ficção ou realidade?

RESTELO

Telefone 91037

21.15 (M/12 anos)
Panorâmico
RAINHA ATÉ AO FIM
com Ruth Leuwercik

ROYAL

TEL. 445037

21 (M/17 anos)
Vistavision
ELA AMOU UM BRUTO
c/ William Holden

GERRASSO

TEL. 90917

A's 21 (M/17 anos)
O TUBO DA MORTE
Os amores de Carmen

Pequenas notícias

PELA POLÍCIA

A ESPERA DE UM MOTORISTA — A Polícia Judiciária (5.ª Secção) solicita a comparação, na sua sede, do motorista do táxi «Mercedes-Benz 180», preto, que no passado dia 26 conduziu, cerca das 3 horas da madrugada, dois jovens de nacionalidade argentina, da doca de Alcantara até à Avenida de Roma. O referido motorista deverá ali fazer a entrega de uma mala de mão, para senhora, que continha vários objectos e dinheiro, a qual, por esquecimento, foi deixada no carro. Caso não o faça será incriminado como autor de um furto.

PELOS HOSPITAIS

INTERNADOS EM S. JOSÉ — Deram hoje entrada na sala de observações do Hospital de S. José, a sr.ª D. Maria da Conceição, de 34 anos, natural de Vila Nova da Rainha que ali foi colhida por um automóvel, ficando muito contusa na cabeça e sem fala; D. Maria Rosa de Jesus, de 82 anos, residente na

A PRODUTIVIDADE

na indústria de Seguros

O Grémio dos Seguradores criou uma «Comissão de Estudos de Produtividade na Indústria de Seguros», que se destina a estudar os mais modernos métodos de simplificação administrativa e, duma maneira geral, tudo o que possa contribuir para um aumento de produtividade.

O núcleo central da comissão, é constituído pelos seguintes membros: drs. Herminio Pereira Paiva, Luis Barbosa, Diogo de Bettencourt, Miguel de S. Paulo Monteiro, José Gonçalves Viegas Dias, António Brás dos Santos, António Alves Pinto Baptista, José Pedro Ribeiro da Silva, José Henrique dos Santos Rodrigues, José Jardim, João de Vasconcelos e Sá, Vasco Consiglieri Pedrosa e Rui Correia, e srs. Willey Ginesta e Maurice Lequeux.

Esta Comissão de Produtividade é a primeira que se cria em Portugal e os seus estudos serão, por certo, da maior utilidade para a indústria de seguros portuguesa.

Um série de conferências

pelo prof. Vladimir Jankelevitch

A convite da Alliance Française, está em Lisboa, o filósofo francês Vladimir Jankelevitch, professor de Moral e de Filosofia Moral na Sorbonne. Além da sua numerosa obra filosófica, o prof. dr. Jankelevitch, que é também um dos maiores musicólogos da actualidade, publicou vários livros sobre música.

Durante a sua estadia em Portugal, aquele professor francês fará conferências em Lisboa, Coimbra, Porto, Braga, Faro e Évora. A sua primeira conferência efectuar-se-á na sede da Alliance Française, na Rua Braamcamp, 11, 1.ª, em Lisboa, depois de amanhã, às 21 e 30, e intitular-se-á «Filosofia e música».

História pouco clara de uma malinha de mão

O desaparecimento de uma malinha de mão, que continha valiosas joias, no decorrer de uma missa celebrada no passado dia 10, às 9 e 30, na Igreja da Nossa Senhora de Fátima, está a ser objecto de investigações por parte da Polícia Judiciária. A pessoa lesada é a sr.ª D. Serafina Marques da Cunha Bernard, a qual declara que a referida mala continha, além das joias, uma importância em dinheiro e importantes documentos.

A P. J. tem já conhecimento de que foi uma senhora, que tinha um penso a tapar-lhe um olho, quem levou a mala. Admite a Polícia, que o tenha feito inadvertidamente, esperando, portanto, que a referida senhora se apresente voluntariamente a prestar declarações.

Um concurso nos H. C. L.

Começou nos Hospitais Cívicos de Lisboa o concurso para provimento de três vagas de assistentes de radiologia, cujo júri é constituído pelo sr. prof. Carlos Santos, que é o seu presidente, e drs. Santos Coelho, Carlos Guedes, Idílio de Oliveira e Martins da Silva. Os concorrentes são três: os drs. Fernandes Cruz, Mendes da Silva e Silva Prates.

Estrada das Laranjeiras, 202, 1.ª, que igualmente foi colhida por um automóvel, na Rua Marquês Sá da Bandeira, ficando muito contusa pelo corpo; José de Sousa Capão, de 45 anos, fogueiro, que sofreu graves queimaduras no rosto e no peito, por ter sido atingido pelo jacto de vapor de uma caldeira quando trabalhava na Maternidade Alfredo da Costa; e Raimundo José Pereira, de 22 anos, empregado na Sacor, residente em Torrão, concelho de Alcácer do Sal, que na sua residência foi vítima de um acidente, ficando muito contuso no pescoço e sem fala.

ACIDENTE DE VIAÇÃO — Esta manhã, em Malvaria, Sacavém, chocou com uma camioneta uma motoneta conduzida por Manuel Fernando Valentim de Carvalho, de 18 anos, que ia acompanhado de seu irmão, João de Deus Valentim de Carvalho, de 24 anos, operários e moradores em Camarate. Do acidente resultou ficarem ambos em estado grave, recolhendo ao Hospital de S. José.

O condutor da «scooter» não possui carta de condução.

JANTAR DE HOMENAGEM

Depois de amanhã, às 20 e 30, haverá, no restaurante típico «A Severa», um jantar de despedida e de homenagem, oferecido pelo conselho regional da Casa das Beirras, ao seu vogal, coronel Alfredo Pereira da Conceição, que tem exercido o cargo de chefe do Estado-Maior da Legião Portuguesa, e acaba de ser nomeado adido militar junto da Embaixada de Portugal no Rio de Janeiro. As inscrições podem ser feitas no escritório do dr. Vasconcelos Carvalho, na Rua Nova do Almada, 24, 2.ª, esq., ou pelo telefone 23007.

ROTARY CLUBE DE LISBOA

Na reunião do Rotary Clube de Lisboa, da próxima terça-feira, às 13 horas, na Casa do Alentejo, o engenheiro Nobre da Costa, director técnico da Siderurgia Nacional, fará uma palestra intitulada «Considerações sobre a instalação da indústria siderúrgica em Portugal», que será comentada pelo presidente do conselho de administração daquela empresa, sr. António Champalimaud.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Hoje, à noite, há bailes na Casa do Concelho de Gouveia, Comunidade Regional das Alas do Dão, Associação Luis Braille e Academia 1.ª de Setembro de 1867.

Amanhã, à tarde, haverá bailes na Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, Casa do Alentejo e Sociedade Musical União do Beato.

«REGIONAL» DE BASQUETEBOL

Jornada sem emoção e de fraco nível técnico

A sexta jornada do «Regional» de Lisboa, teve, na verdade, um sabor diferente. Isto é, foi uma ronda característica, sem emoção e de fraco nível técnico. As equipas primaram em não praticar um basquetebol moderno; não houve interesse e «sofreu-se» grandemente durante quatro longas horas, que não vale a pena perder tempo com comentários...

A classificação actual ficou assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	P.	Score
Belenenses..	6	6	—	—	—	18 404-284
Sporting ..	6	5	—	—	—	16 501-305
Benfica	6	4	—	—	—	2 14 358-330
Nacional ..	6	2	—	—	—	4 10 282-282
Atlético	6	2	—	—	—	4 10 289-367
Tabacos	6	2	—	—	—	4 10 299-382
C. A. C. O.	6	2	—	—	—	4 10 272-371
Queluz	6	1	—	—	—	5 8 237-331

Os «azuis» voltaram a revelar facilidade de encestamento, principalmente a partir do segundo tempo, com grande primazia para Franco que continua a ser perigosíssimo dentro da zona fatal (33 pontos). Fernando e Gatinho com a meia distância completaram o poder do conjunto de Belem. O Tabacos, na primeira parte ofereceu resistência, alcançando o intervalo a perder apenas por 12 pontos (36-24). Na equipa não houve nenhum marcador especial pois quatro dos seus elementos que alinharam afinaram a «mão» pelo mesmo diapasão.

Alinharam e marcaram: BELENENSES — Fernandes, 12; Brito, 1; Franco, 33; Gatinho, 15; Neves, 4; Pinheiro, 5; e Almeida. TABACOS — Olivio, 2; Brito, 11; Vaughan, 10; Pereira, 13; Amaral, 14 e Cesar.

O Sporting, já com Abílio Ascen-

AS BODAS DE PRATA

da Acção Católica

Comemora-se amanhã, em todo o País, o 25.º aniversário da Acção Católica Portuguesa.

Em Lisboa, as cerimónias comemorativas principalísimas ainda hoje, na igreja de S. Domingos, onde haverá uma velada de oração. Amanhã, naquele templo às 16 e 30, celebrar-se-á missa solene de pontifical, e, às 21 e 30 no Pavilhão dos De. ortos, o sr. nuncio apostólico presidirá a uma sessão solene.

ço, não teve dificuldades de maior tanto mais que enfrentava a equipa mais fraca do campeonato. Depressa galopou no marcador ao ponto de ao intervalo ganhar por uma diferença de 28 pontos (39-11). No segundo tempo, os «leões» repousaram um pouco, mas mesmo assim obtiveram uma boa sequência na marcação dos pontos. O Queluz ripostou como pôde, contra-atacando com eficiência, mas perdendo cestos por falta de pontaria.

Alinharam e marcaram: SPORTING — Abílio, 31; J. Mário, 18; J. Santos, 24; Feu, 16; Almeida.

QUELUZ — Alexandre, 2; Inocência, 15; Octávio, 6; Fazenda, 4; Oriando, 4; Pípio, 3 e Ferreira.

Os Alcantarenses perderam uma partida, que lhes correu de feição, até aos 8 minutos da segunda parte. A partir de então, os Campouriquenses, a golpes de energia e entusiasmo, passaram a vencedores para não mais largarem tão excelente posição que os afastou do ultimo lugar da classificação. Jogou com choques e luta viril debaixo das tabelas. A confusão reinou nos dois campos pelo que tanto vencedor como vencido não merecem nota positiva.

Alinharam e marcaram: ATLETICO — Morga, 10; Edgar, 9; Costa, 9; Sousa, 6; Duarte, 4; Oriando, 4; Matias, 3. CAMPO DE OURIQUE — Portela I, 17; Portela II, 15; Arnaldo, 12; Osório, 8; Garcia, 2; Macedo, 2 e Coelho.

O Benfica sem brilhantismo conseguiu, apesar de tudo, uma boa vitória merecida das rasgas individuais de alguns dos seus jogadores. Como equipa, os «encarnados», claudicaram fortemente ao ponto de deixarem má impressão. O Nacional disputou uma partida no seu estilo empregando a velocidade tanto a atacar como a contra-atacar. Digase, porém, que não estiveram felizes no capítulo de encestamentos.

Alinharam e marcaram: BENFICA — J. Alberto, 11; Galhoz, 12; Peixoto, 5; Aires, 9; Boavida, 6; Furtado, 4; Azeitona e Júlio Campos, 4.

NACIONAL — Claudino, 9; Moraes, 6; Hugo, 13; Mesquita, 2; Ferreira; Jesus, 4; Neves, 1 e Domingos, 4 — J. B.

Fernando Costa

o mais antigo tenista de mesa em actividade é hoje homenageado

Fernando Costa, o tenista de mesa lisboeta que há mais tempo se mantém em actividade — nada menos de 28 anos! — é hoje alvo de justa e merecida homenagem pela sua dedicação pela modalidade em que tão notável se tornou — primeiro em representação dos Combatentes, agora do C. D. Arroios. A festa de hoje, à noite no G. D. E. «Os Combatentes», patrocinada pelo jornal «Ténis de Mesa» constituirá iniludível manifestação de muito apreço pelas qualidades de Fernando Costa e uma demonstração da muita simpatia que ele desfruta no meio afecto à modalidade.

A reunião de hoje, à noite, principia às 20 horas, com os encontros finais de várias provas, formando o seguinte programa: meninas — Anegret Costa (Spt.); Leonor Cadillon (Bf.); infantis — Vitor Franca (Arroios); C. Ferreira (Arroios); veteranos — Armando Gomes-Ernesto Silva — E. Serrano-M. Neves; seniores — Teresa Montoya (Bf.); Nelly Runa (Spt.); juniores — J. Urbano (Bf.); Caetano Costa (Spt.); seniores — João Amado (Spt.); Luis Reynolds (Bf.).

Os nossos melhores jogadores da actualidade dão a sua valiosa colaboração nesta festa, pois não deixarão de estar presentes entre outros: Alberto Ló, António Osório, Oliveira Ramos, Sebastião Carvalho, Gago da Silva, F. Campas, Appleton Figueira, Carlos Galeano, Calheiros Viegas, Alvaro Machado e Julio Costa, além do homenageado. Disputam-se 7 taças e 17 medalhas.

Um fenómeno da natção

SAN FRANCISCO, 15 — A nadadora norte-americana Sylvia Ruuska, de 16 anos, cobriu os 1.500 metros, livres, em 20 minutos e 2 segundos, o que constitui novo «record» mundial feminino. O anterior pertencia à holandesa Jans Koster, com mais um segundo e um décimo.

Na mesma prova Sylvia também bateu o «record» mundial da milha, com o tempo de 21 minutos e 26,4 segundos.

A jovem nadadora já é detentora dos «records» mundiais de 200 metros, mariposa, e 400, estilos, tendo durante este ano apresentado pedidos de homologação para 18 novos «records». — (A. N. I.).

90 INSCRITOS

no «Rallye de S. Martinho»

O «Arte e Sport» organiza amanhã o «Rallye de S. Martinho», prova que reúne a presença de 90 automobilistas. Além das equipas do clube organizador, concorrem cinco equipas do Belenenses, graças aos esforços de Fernando Etcock, do F. C. Porto e Sporting.

A partida é às 8 horas, sendo o percurso da estrada o seguinte: Estoril, Malveira da Serra, Pé da Serra, Capuchos, Rampa da Pena, Sintra, Seteais, Monserrate, Colares, Galamares, Chão de Meninos, Ramalhão e Estoril, onde se realizam as provas complementares a partir das 10 horas.

Uma incrível proeza

Um ciclista chinês bateu o «record» mundial dos 100 kms.

TÓQUIO, 15 — A agência Nova China anunciou que um desportista chinês de 23 anos — Li Tseng Fu — conseguiu novo «record» mundial de ciclismo na distância de 100 quilómetros em estrada, que percorreu em 2 horas, 10 minutos e 13,7 segundos.

O anterior «record» era de 2 h, 20 m e 44,8 s, e pertencia ao italiano Benedetti desde 1942 — (A. N. I.).

Actividades da F. N. A. T.

Em consequência do contrato firmado entre o Fundo de Teatro e as empresas dos Teatros Avenida e da Trindade, os associados beneficiários da F. N. A. T. gozam do privilégio do desconto de 70 % nos preços dos lugares daquelas casas de espectáculos, a partir de um certo numero de representações. Para a obtenção desta importante regalia, devem os interessados solicitar informações na 2.ª Secção da F. N. A. T., na Calçada de Santana, 180.

HOJE, À NOITE

FESTA DO BENFICA — Às 21 e 30 horas, no Pavilhão dos Desportos, por iniciativa da comissão central realiza-se um festival de homenagem à massa associativa, que será saudada pelo presidente da direcção, sr. eng. Mauricio Vieira de Brito, Colaborar o orfeão da colectividade e o conjunto artístico Vozes de Portugal, terminando o serão com uma passagem de modelos.

XADREZ — Na sede do Sporting e na delegação do Benfica prosseguem, às 21 horas, os torneios internos.

Ajudauto, L. da PRONTO SOCORRO

de automóveis de qualquer parte do País

TODOS OS DIAS E A TODA A HORA

INCLUINDO DOMINGOS R. Damião de Góis, 18-B e 18-E a Algés — T. 610051

O «Diário de Lisboa» e o «Seminário Fixe» vendem-se em CASTELO DE VIDE no Salão Royal.



MERCEDES-BENZ

DIESEL

MOTORES MARÍTIMOS E INDUSTRIAIS

DE 25 A 225 H. P. ENTREGAS IMEDIATAS

POTÊNCIA SUPERIOR ATÉ 1350 H. P. ENTREGAS RÁPIDAS

C. SANTOS LDA.

DIVISÃO MARÍTIMA E TÉCNICA

Travessa da Glória, 17-Lisboa
R. St.ª Celerina, 160-168-Porto

DESPORTOS

FUTEBOL INTERNACIONAL

Uma nova selecção nacional defronta a equipa da Africa do Sul num jogo que se atura despreocupado

A época de 1957-58 tem amanhã, no Estádio Nacional, o seu primeiro encontro internacional no plano de selecções representativas, jogo que poderia ter sido paralizado para uma noite sem interrupção do campeonato, se os encargos da organização não fossem tão elevados. De frontam-se a equipa nacional das «esperanças» ou «promessas» (formada por jogadores com o máximo de 23 anos, excepto um, Moreira, que tem 24) e a selecção da União Sul-Africana. A modesta categoria dos Africanos levou o seleccionador a encarar a hipótese de constituir um grupo recheado de gente nova, não totalmente inexperiente em encontros desta natureza como são os casos de Coluna, Rocha, Vicente, Moreira e José Augusto, por forma a garantir, digamos, um razoável equilíbrio e até interesse para o público que se deslocar ao Jamor.

Notícias várias

A Holanda na fase final do Torneio Militar

Em substituição da República Árabe Unida, que desistiu, toma parte na fase final do torneio militar a selecção da Holanda.

O calendário dos jogos ficou assim estabelecido: dia 23, no Estádio Nacional, às 13 horas, França-Bélgica; e às 15, Portugal-Holanda; no dia 26, às 20 horas, em Alvalade, jogo de qualificação e final, às 22 horas.

Sobre a desistência da R. A. U. reproduzimos o seguinte telegrama da A. N. I.:

CAIRO, 15. — A República Árabe Unida esclareceu a sua desistência da fase final do Torneio Militar de Futebol e, em face da estranheza suscitada por Portugal, pelo facto, declarou que, em devido tempo, informara a Comissão Internacional dos Desportos Militares, em Bruxelas, da sua atitude, pedindo a referida comissão que, por seu turno, desse conta da decisão ao país organizador.

O abandono constitui uma manifestação de protesto pelo facto da Bélgica ter sido rejeitada para a fase final, pois a R. A. U. entendia que essa «pólea» deveria ser disputada apenas pelos três países vencedores das respectivas séries: Portugal, França e República Árabe Unida. — (A. N. I.).

Otto Bumbel e o F. C. Porto não chegaram a acordo

A rescisão do contrato que ligava Otto Bumbel ao F. C. do Porto não teve um desfecho que agradasse a ambas as partes. Julga-se que o treinador está na disposição de levar o caso para o Tribunal do Trabalho.

Um jantar de confraternização entre sportinguistas

É na próxima segunda-feira que se realiza o anunciado jantar de confraternização sportinguista, promovido por uma comissão de sócios. A inscrição é extensiva às famílias dos sócios e simpatizantes.

Luz reaparece no Oriental

No jogo que amanhã o Oriental disputa com o Desportivo de Beja reaparece na turma de Marvila o defesa-central Luz que, finalmente, chegou a acordo com o seu clube.

Os dirigentes da A. F. L. estiveram na D. G. D.

Ontem, à tarde, os dirigentes da Associação de Futebol de Lisboa foram recebidos pelo sr. dr. Valadão Chagas, director-geral dos Desportos, a quem apresentaram cumprimentos, tendo sido trocadas impressões sobre vários problemas do futebol.

Em ALGES o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe vendem-se na Agência Cultural, Avenida Combatentes da Grande Guerra.

Os adversários não são positivamente embaixadores especiais de um futebol considerado no Mundo. Serão quando muito uns esforçados amadores que vieram à Europa efectuar uma digressão, mas que decerto devem ter colhido ensinamentos proveitosos e uma robustez física que é conveniente salientar e lembrar aos jogadores portugueses — não vá o diabo tecê-las...

As «esperanças» lusitanas, escolhidas segundo um critério de que se discordará, ali com justificada razão, tiveram uma preparação cuidada e, segundo parece, apresentam-se de posse de recursos suficientes para suplantar a fogueira dos Sul-Africanos. A linha avançada reúne um bom lote de rematadores: Julgamos ser este o sector...

Seja como for, no fundo, trata-se de uma representação nacional, confiada a uma equipa totalmente inédita e que pode, aliás, servir de ponto de partida para outras experiências futuras.

O público, verdadeiro apreciador do futebol, terá ensejo de aquilatar das reacções dos seus favoritos num encontro internacional. Este é, quanto a nós, um motivo de atrac-



ção que não é de desprezar. Por outro lado, não está fora das cogitações pensar-se numa agradável surpresa por parte dos impetuosos sul-africanos o que espicaçaria o brio dos nossos rapazes.

Várias provas de amanhã

ATLETISMO

O C. D. U. L. promove amanhã, às 10 e 30 horas, no Estádio Universitário, um torneio de atletismo, reservado aos seus sócios que nunca praticaram a modalidade. Para rapazes de idade inferior a 18 anos haverá duas provas: 80 metros e comprimento; para os de todas as idades, outras duas: dardo e 1.500 metros.

BASQUETEBOL

Prossegue amanhã o campeonato da 3.ª Divisão da A. B. L. estando marcados os seguintes encontros: Série A — Paço de Arcos-Pedrouços, em Paço de Arcos; Santa Carolina-Lisgás, nos Barbadinhos — ambos às 10 horas (2.ª categoria) e 11 horas (1.ª). Série B — Educação Física-Alvalade, em Torres Vedras, às 11 horas (1.ª); Internacional-Arroios, nas Telheiras, às 10 horas (2.ª) e 11 horas (1.ª).

DESPORTO CORPORATIVO

O 17.º campeonato nacional de futebol (1.ª e 2.ª Divisões), distrital de Lisboa, promovido pela F. N. A. T. prossegue amanhã, com os seguintes encontros:

No campo de Belém — Regina-C. Monsanto (2.ª Div.), Regina-Comp. Carris (1.ª), Prof. Comércio-Comp. Carris (2.ª) e Standart-Ar. Líquido (2.ª), respectivamente, às 9, 11, 13 e 15 horas.

No campo da Picheleira (Telefones) — B. Carénque-C. Condes (2.ª), S. C. Cervejas-Simca Portuguesa (2.ª), S. C. C. Cervejas (1.ª Div.) e Org. Teodoro dos Santos-S. N. Panificação (2.ª), respectivamente às 9, 11, 13 e 15 horas.

No campo de treinos do Estádio Nacional (pelado) — F. Simões-A. C. Sueca (2.ª), Of. S. José-Comp. Telefones (1.ª) e C. P. Pesca-F. Ciment. Tejo (1.ª), respectivamente, às 9, 11 e 15 horas.

No campo da F. L. Sacavém — F. L. Sacavém-Refinaria do Ultramar (1.ª), às 10 e 15 horas.

GOLFE

No campo do Estoril principal amanhã, com a participação de 66

jogadores, mais um torneio do Clube de Golfe do Estoril — por sinal um certame dos de maior interesse em todas as épocas. Referimo-nos à prova da taça «Duque de Windsor», em singulares, a eliminar a primeira derrota.

Mais uma jornada de intensa animação — eis a perspectiva para amanhã.

HANDEBOL DE 11

O campeonato lisboeta de handebol de 11, tem amanhã a sua segunda jornada, estando previstos os seguintes encontros:

Divisão de Honra — Almada-Oriental, no Pragal, às 9 e 45 (2.ª cat.) e 11 e 15 horas (1.ª); Liberdade F. C. - Sporting, na Cova da Piedade, às 11 horas (1.ª); Glória-Alverca, no relvado, do Estádio Nacional, às 2.ª e 1.ª, a horas a indicar; Belenenses-Benfica, no Restelo, (treinos), às 9 h. (2.ª) e 10 e 15 (1.ª).

1.ª Divisão — Rio de Janeiro-Ginásio do Sul, no campo «Pina Manique», às 10 horas; Alhandra-Hóquei, em Alhandra, às 10 e 30 horas; Académica da Amadora-Cova da Piedade, na Amadora (campo do Estrela), às 15 e 30 horas — todos em primeira categoria.

HOQUEI EM CAMPO

Prossegue, com os encontros respeitantes à quarta jornada, o campeonato de Lisboa, de hóquei em campo, que amanhã fornecerá os seguintes desafios:

Belenenses-Atlético, no Restelo, às 14 e às 15 e 30 horas, respectivamente, em reservas e honra; Futebol Benfica-S. L. Benfica, no campo «Francisco Lázaro», às 8 e 45 e 10 e 15 horas, respectivamente, em reservas e honra; Estrela Amadora-Hóquei C. P., na Amadora, às 9 horas, em honra.

HOQUEI EM PATINS

Está marcado para amanhã, às 11 horas, em Braga, o encontro da primeira «mão» dos jogos de apuramento do campeonato nacional de juniores, jogando o Académico B. C. contra a Escola Livre de Oliveira de Azeiteis.

NACIONAL DA 2.ª DIVISÃO

Os dois «quias» são favoritos dos jogos de amanhã nos seus campos

O termo da 1.ª volta do campeonato nacional da 2.ª Divisão está à vista. A jornada de amanhã é a 11.ª, o que quer dizer que a primeira metade desta competição será alcançada com mais duas jornadas.

Os dois guias da classificação — Leixões e Atlético, respectivamente, nas Zonas Norte e Sul — não correm risco imediato de serem desalojados da sua posição, que amanhã, se não for consolidada, deverá ser mantida. Mas, a luta para a conquista dos lugares de honra e para a fuga do último lugar mantém-se constante e renhida, a justificar o interesse por mais esta jornada.

Na Zona Norte, os três primeiros da classificação jogam em casa

O programa da Zona Norte oferece amanhã os seguintes desafios:

Leixões (17)-Vila Real (9)
Boavista (14)-Marinhense (10)
Oliveirense (13)-Peniche (10)
Spt. Espinho (9)-Sanjoanense (11)
Vianense (9)-Salgueiros (10)
Chaves (10)-Tirsense (8)
Gil Vicente (6)-Portalegrense (4)

Esta jornada não se afigura muito propícia a surpresas. Em cinco campos — nos do Leixões, Boavista, Oliveirense, Chaves e Gil Vicente — as equipas da casa têm melhor pontuação do que os grupos que as visitam, o que pode significar maior capacidade do que a dos adversários. Por isto e ainda, porque jogam «em casa» é natural que se conceda favoritismo às equipas atrás citadas, mormente às três primeiras (1.ª, 2.ª e 3.ª da classificação). Em Barcelos defrontam-se os dois últimos da tabela, o que empresta ao desafio especial interesse.

Em Espinho e em Viana do Castelo, os visitantes têm melhor cotação, mas isso não chega para que os consideremos favoritos. A perspectiva é de lutas muito equilibradas.

Na Zona Sul, os três jogos de Lisboa são às 10,30 h.

Na Zona Sul estão previstos os seguintes encontros:

Atlético (17)-Portimonense (11)
Oriental (11)-Desp. Beja (7)
Arroios (6)-Sacavenense (9)
Serpa (8)-Estoril (13)
Farense (7)-Almada (12)
Coruchense (6)-Montijo (12)
Juventude (8)-Olinhense (13)

Os três desafios que se efectuam em Lisboa — Tapadinha, Marvila e Moscavide — estão marcados para as 10,30 horas, por motivo da realização do encontro Portugal-Africa do Sul.

Destes três encontros, o que suscita maior interesse é o Arroios-Sacavenense, com a primeira destas equipas empenhada em fugir ao último lugar da classificação, que lhe pertence actualmente. Adivinha-se luta equilibrada e de desfecho indeciso, ao passo que o Atlético e o Oriental são favoritos dos despiques a que são chamados — ambos tentado desfazer a pouco agradável impressão que deixaram nas suas últimas saídas, há oito dias.

Nas partidas que se realizam fora de Lisboa adivinham-se lutas niveladas. Todos os visitantes estão à frente dos seus adversários na tabela da classificação.

cação mas a situação delicada dos visitantes levá-los-á a darem tudo por tudo para se afastarem da zona perigosa em que se encontram. Daí a previsão de desafios arduamente disputados e de resultados incertos.

Competições da A. F. L.

Três dos torneios que a A. F. L. tem presentemente em curso tornem amanhã os seguintes desafios:

Campeonato da 1.ª Divisão — Futebol Benfica-Casa Pia, no campo «Francisco Lázaro»; Operário-Alhandra, no campo «Armínio de Carvalho» (Chela); Alverca-Sintrense, em Alverca; S. L. Olivais-Vilafranquense, no campo «Alvaro Gaspar» — todos às 15 horas (honra) e 13 horas (reservas); Desp. Olivais-Vitória, no campo «A. M. Augusto» (Moscavide), às 15,30 e 13,30 (h. e res.).

Campeonato da 2.ª Divisão — Castelo-Povoense, no campo «Pina Manique» (treinos); Ericeirense-Charneca, na Ericeira; Amoreiras-Santa Iria, no campo «José Ramos» (Palma) — todos às 15 horas; S. L. Fanhões-Palmense, em Fanhões; Odivelas-Amadora, em Odivelas — ambos às 15,30 horas.

Camp. de Juniores, 1.ª Divisão

Série A — Algés-Atlético, em Algés; Belenenses-Sporting, no Restelo; Almense-Cascalheira, em Palma; Estoril-Arroios, na Amoreira (Estoril) — todos às 10,30 horas. Série B — Charneca-Vialonga na Charneca; Povoense-Alhandra, na Póvoa; S. L. Olivais-Benfica nos Olivais — todos às 10,30 horas; Oriental-Torriense, em Marvila, às 15 horas.

O C. I. F.

volta a praticar atletismo

Uma comissão desportiva do C. I. F., um dos clubes de mais ricas tradições no atletismo, pretende fazer reviver entre os seus associados e simpatizantes o interesse por esta esplêndida modalidade, que tantos êxitos trouxe para a colectividade.

Pelas suas fileiras passaram atletas dos mais notáveis, tendo até alguns consócios do C. I. F. representado o País nos Jogos Olímpicos.

Por tudo isto e porque o atletismo foi quase sempre o desporto numero 1 do C. I. F., a referida comissão pensa levar a efeito diversos festivais, pedindo ao mesmo tempo aos sócios e às pessoas das suas relações, que pratiquem ou pretendem praticar a modalidade, a sua inscrição.

Desta forma, o C. I. F. elaborou já uma tabela de treinos, que são dirigidos pelos srs. Julio Santos, eng. João da Costa e Carlos Bernardino, com horários aos sábados, domingos e quintas-feiras, respectivamente, às 15 e 30, 9 e 30 e 17 e 15 horas.

O C. I. F. conta assim com a colaboração de todos para que o progresso do atletismo e o ressurgimento da modalidade no «velho Internacional» seja uma realidade.

Pavilhão dos Desportos

Hoje, 15 de Novembro de 1958, às 21 horas

Grandioso festival promovido pela Comissão Central do Parque de Jogos do Benfica, de homenagem à

MASSA ASSOCIATIVA DO CLUBE

que será saudada pelo ilustre presidente da Direcção e da Comissão Central, Sr. Eng.º Maurício Vieira de Brito. Colaboração gentilíssima do magnífico conjunto das «Vozes de Portugal» de organizações José Rocha. Uma elegantíssima parada de modelos da Agência Comercial Sueca, com vestidos feitos pela excelente máquina de tricotar «Busch». Exibição do Orfeão do Benfica, que, sob a regência do ilustre maestro Casimiro Silva, executará alguns números do seu magnífico repertório. Um extraordinário espectáculo, cujo produto reverte a favor das obras do Terceiro Anel, já em construção.

(PARA MAIORES DE 12 ANOS)

Bilhetes à venda na Comissão Central — R. Jardim do Regedor, 9

O sr. eng. Saraiva e Sousa, sub-secretário de Estado das Obras Públicas, acompanhado do seu secretário eng. Fernando Pessoa, e dos engs. Gomes da Silva, Ferreira da Cunha e Pena da Silva, respectivamente, director-geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, director dos Edifícios de Lisboa e director dos Serviços de Conservação, e ainda de outros técnicos, efectuou hoje, de manhã, várias visitas a trabalhos em curso na cidade de Lisboa, dependentes do seu Ministério.

Aquele membro do Governo visitou em primeiro lugar o edificio

Foi exonerado de director dos Serviços Técnicos da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil o tenente-coronel João Anacoreta de Almeida Viana, por se «considerar conveniente para o serviço da Força Aérea» a sua apresentação no Subsecretariado de Estado da Aeronáutica.

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até às 15 horas: *máxima*, 19°5; *mínima*, 8°5. No mesmo dia do ano passado: *máxima*, 17°8; *mínima*, 11°4.

—Temperaturas registradas na Costa do Sol, ás 10 horas de hoje: no ar 14°.7; na água do mar, 14°.8.

em construção para o Comando da Polícia da Administração Geral do Porto de Lisboa, em Alcantara, que está já na fase dos acabamentos.

Seguidamente, o eng. Saraiva e Sousa esteve no Hospital de S. José, onde observou as obras em curso para a remodelação dos Serviços de Farmácia, que deverão ficar concluídas no próximo ano, e ainda os trabalhos de beneficiação que estão a ser executados na enfermaria de Santa Bárbara — parturientes. Nesta visita o representante do Governo foi acompanhado pelo dr. Rafael Ribeiro, administrador dos Hospitais Cívicos de Lisboa.

A seguir, o eng. Saraiva e Sousa esteve no Hospital Julio de Matos, a examinar os trabalhos de ampliação do Pavilhão de alienados tuberculosos, e, finalmente, visitou o Convento das Trinas, onde estão a ser executadas obras para adaptação do edificio a Arquivo das Secretarias de Estado.

BEIRA, 15. — Foi recebida com grande satisfação e regozijo a noticia da próxima visita a Moçambique do sr. marechal Craveiro Lopes, que nesta cidade será hóspede de seu irmão, o actual encarregado do Governo em Manica e Sofala.—(L.)

As focas luzidas das regiões polares depa-ram agora com a concorrência inesperada dos homens-rãs, que começam os seus treinos nas águas geladas do Ártico. Aqui vemos dois deles, componentes da guarnição de um quebra-gelos americano, pouco antes de mergulharem, com o seu equipamento especial, que lhes dá a aparência estranha de seres pertencentes a uma família de mamíferos anfíbios das regiões polares

Durante uma reunião que se efectuou hoje no Palácio da Independência, a comissão executiva do Monumento aos Heróis da Ocupação do Ultramar Português comunicou á Imprensa vários assuntos relacionados com a construção do referido monumento.

A reunião presidiu o sr. general Silva Basto, ladeado pelos srs. general Ferreira Passos, comandante Celestino Ramos, pelo Ministério da Marinha; dr. Braga Paixão, director-geral do Ensino do Ultramar e vice-presidente da comissão executiva do monumento; prof. escultor Leopoldo de Almeida, e prof. architecto Cristino da Silva, autores do projecto; brigadeiro Sotomaior, da Sociedade Histórica da Independência; coronel Sanches Ferreira e Joaquim Lança, pela Sociedade Histórica da Independência; dr. Tavares de Almeida, pelo S. N. I.

O sr. general Silva Basto, na sua qualidade de presidente da referida comissão, descreveu os trabalhos efectuados desde que a Sociedade Histórica da Independência de Portugal resolveu promover a construção do monumento, cujo modelo que o «Diário de Lisboa» já descreveu foi em seguida apresentado.

O general Silva Basto aludiu, depois, á acção dos vereadores Virgílio da Fonseca e Luís Teixeira, que em 1943 e 1944, fizeram vibrantes apelos para que fosse erigido em Lisboa um monumento aos heróis da nossa ocupação ultramarina.

Como, também, já dissemos há

dias, o monumento será erguido na Praça do Areiro, embora se tivesse escolhido, em primeiro lugar, a antiga Praça da Figueira. Esta escolha foi, todavia, posta de parte, por aquele local estar destinado à estação do Metropolitano.

O monumento será de bronze, dourado, e assentará sobre uma base de cantaria.

O monumento terá as seguintes dimensões: 25 metros de comprimento; 17 metros de altura e 6,5 metros de largura. A sua construção importa em 7.500 contos, para o que vai ser aberta uma subscrição publica, tanto na Metrópole, como no Ultramar, a fim de custear tão grande despesa.

Barcelona é a nave maior da grande catedral daliniana, com altar-mor em Port-Lligat e ara em Nova York, onde os fiéis do *deus* sintem-lhe sacrificam todos os anos.

-pintor lhe sacrificam, todos os anos milhares de bem cotados dólares. Salvador Dali passeia-se arrogante como grande senhor e dono, pelo

res civis

ais três senhoras
Festival Aéreo

uma linha traçada na pista em ser-
viço, depois de ter reduzido o mo-
tor (aos 300 metros de altura). A

prova lançamento de mensagem obriga o piloto a lançar uma mensagem lastrada (da altura mínima de cem metros), sobre um alvo re-

Para o vencedor do conjunto das três provas foi instituída a taça «Tenente-coronel Caulza de Arriaga» e para os vencedores de cada uma das provas, as seguintes medalhas:

ga», e para os vencedores de cada uma das provas, pela ordem po-
que estas acima se indicam, respec-
tivamente, as taças «General Costa
Macedo», «Capitão Joaquim Cer-
queira», «Esg. Almeida Viana»

queira» e «Eng. Almeida Viana».

No aeródromo da Base Aérea n.º 1 (Sintra), começou esta tarde o Festival Aéreo de Outono, organizado pelo Aéro Clube de Portugal para comemorar a realização do III Rallye Aéreo Nacional «Ribeiro de Almeida», que teve o patrocínio do nosso prezado colega «O Século», e a distribuição dos prémios aos concorrentes vencedores.

O festival, que está a efectuar-se já hora a que fechamos o nosso jornal, reúne 22 concorrentes dos Açores, do Clube de Portugal, do Porto de Torres Vedras e da Costa Verde (Espinho). Os inscritos são: eng. Prista Caetano, Carlos Lavadinho, Abílio Matos, Costa Reis, Luís Quintela, Mário Velez, dr. Cardoso Fernandes, Vital Afonso, Manuel Peixoto, Isabel Ribas, madame Cortez Real, madame Cudell, Jorge Fernandes, António José da Silva, Henrique Volmer, Joaquim Woerner, Jorge Peixoto, Alfredo de Sousa, Rui Granchara, José Varela Reis, José Pimenta e, architecto Corte Real.

As provas do festival, todas executadas em aviões «Tiger Moth», são três — *aterragem de precisão*, *lançamento de mensagem* e *caça destruição de balões* — as duas primeiras estão a decorrer; a última efectua-se amanhã, às 9 horas.

A prova **aterragem de precisão** consiste em tocar definitivamente o solo executando uma aterrager clássica e normal, ficando o avião parado o mais perto possível do

parado o mais perto possível

Passando hoje o 3.º aniversário da posse do comando da Guarnição do sr. general Luís Domingos, estiveram hoje, no seu galão, a apresentar-lhe cumprimentos, todos os oficiais da guarnição de Lisboa. Em nome dos oficiais, o segundo comandante-geral, coronel Leite Ribeiro.

As alianças e prendas da
OURIVESARIA DA MODA
dão felicidade!
Rua da Prata, 257

ENDIOSO
ENTAR
A PÃO DE LÓ

A black and white cartoon illustration of a man with a large, pointed head, wearing a striped shirt and pants, running while holding a small fish. The text "ENDIOSO ENTAR A PÃO DE LÓ" is in the top left corner. The man has a large, pointed head with a small tuft of hair on top. He is wearing a striped shirt and pants. He is running to the right, holding a small fish in his right hand. The fish is also running. The man has a large, open mouth and a wide smile. The background is plain white. The text "ENDIOSO ENTAR A PÃO DE LÓ" is in a bold, sans-serif font. The signature "L. L. L." is in the bottom right corner.

Nas águas calcárias, como é o caso da grande maioria das do nosso país, o sabão vulgar, sem ajuda de lexívias ou da soda, só tira nódoas (e mesmo assim, mal, deixando a roupa encardida . . .) depois do emprego de grandes doses, o que o torna anti-económico.

A ciência criou um processo mais económico e eficaz de lavar louças, vidros e roupa.

**que lava em todas as águas
desencarde a roupa e deixa
a louca a luzir**



ponto



Ex-empregado da casa Alfred
informar as suas Ex.^{ma} Client
de novo ao seu dis

de novo ao seu dis

CABELEIREIRO ALFREDO &

Rua Garret, 36-1.º — Tele

gir

mar

do na
tivesse
a an-
esco-
e, por
esta-ronze,
na ba-quintes
mpri-
e 6,5
instru-
para
bscri-
le, co-
ustear

Salvador Dali conversa com o nosso redactor

«-nos de brincadeiras»

deu Salvador Dali
do «Diário de Lisboa»

or da
um al-
a em
deus-
anos.
lares.
gante,
pelo
ras

seu templo, que é, afinal, o con-
junto de cada canto do Globo onde
a sua arte tem um admirador, ou a
sua extravagância embasaca al-
gum mais timorato.

Barcelona, todavia, conhece me-
lhor Salvador Dali, do que este a
ampla e populosa capital da Catalu-
nha. O mestre poucas vezes abandona
o seu refúgio da Costa Brava,
ligado a Cadaqués por um caminho
esburacado e intransitável, por von-
tade expressa do pintor, que só as-
sim acha possível ver passar por
ele o espectro de Vermeer, a cami-
nho do pequeno cemitério local.

Quando vem à cidade, no entanto,
a sua presença é imediatamente as-
sinalada. Dali, aliás, é o primeiro
a fazer-se anunciar, tal como acon-
teceu há dias, ao assinar um contra-
to que o obriga a colaborar no Car-
naval do Estoril de 1959. O ambien-
te fora adrede preparado. Dali en-
carregara-se disso, convidando a Im-
prensa e a Rádio, que acorreram
prontamente ao seu chamamento.

Um dos amplos salões do melhor
hotel barcelonês encheu-se por com-
pleto.

A figura de Dali

Dali deixava-se adorar. O cabelo
ralo e comprido cai-lhe, untuoso,
sobre a nuca. O bigode arrogante,
que de manhã usa enrolado nas
pontas, espetava as guias arquea-
das no ar, à altura das maçãs do
rosto comprido e ossudo. Dois olhos

Palavras de Dali:

«Sou de opinião que toda a
Península é essencialmente pic-
torica. Portugal, todavia, tem-se
limitado a acompanhar os mo-
vimentos artísticos universais e
não encontrou ainda uma for-
ma própria de expressar a sua
indiscutível qualidade plástica».

verdes, penetrantes, de pupilas in-
cendiadas, abrem-se propositada e
desmesuradamente, como o dorso
gigantesco da figura principal de

VITOR DIREITO

(Continua na 14.ª página)

Rebaram um carro na estrada de Caneças que apareceu depois todo desmantelado

Os «ratos» de automóveis estão
agora a intensificar a sua activida-
de. A vítima mais recente foi o sr.
Claudio Chaves Gomes da Costa,
capitão da marinha mercante, a
quem os gatuos furtaram o seu
automóvel, com a matrícula DD 14-
49, que se encontrava estacionado
na Rua Julio Andrade, junto ao
Campo de Santana.

No decorrer das investigações a
P. J. veio a localizar o referido veí-
culo na Estrada de Caneças, prá-
ticamente desmantelado. Verificou-se,
então, que o veículo fora despojado
das quatro rodas, dos pára-choques,
faróis, um farol, todos os estofos
da rectaguarda, quatro tapetes, um
manómetro de água, um conta-ga-
solina, um dinamo e ainda um apa-
relho de rádio com antena, bem
como várias peças do motor. Não
satisfeitos com a sua proeza, os la-
rápios rasgaram os estofos que não
puderam furtar e danificaram di-
versas peças do motor.

Apesar das suas insistentes in-
vestigações, a P. J. ainda não con-
seguiu deitar a mão aos gatuos,
que falsificaram ainda o livrete de
circulação e alteraram a respectiva
matrícula nas chapas identificado-
ras, para DB 14-40. Há a convicção
de que se trata de uma quadrilha
organizada, que deve possuir um
veículo próprio, em que teriam sido
transportados os objectos furtados.

Um plágio de costureiros

RIO DE JANEIRO, 15 — A
Interpol (Policia Internacio-
nal) enviou duas «detectives»
ao Brasil, para investigarem
das queixas de plágio apresen-
tadas pelo Sindicato dos Cos-
tureiros Parisienses.

Segundo as queixas, cerca
de 70 por cento dos salões de
modas no Rio e em São Paulo
estão a vender vestidos de mo-
delos originais franceses, com
etiquetas falsas. — (R.).

Erguem-se fortificações no litoral da China

TAIPEH, 15. — A artilharia con-
tinental recomeçou a disparar con-
tra as ilhas de Quemoy, às primei-
ras horas de hoje, depois de ter es-
tado silenciosa ontem durante todo
o dia.

O Ministério da Defesa anuncia
que as baterias comunistas dispa-
ram entre as 0 e 40 e as 6 da ma-
nhã, 65 granadas sobre Quemoy.

Ontem, mais de 1.400 soldados
comunistas foram vistos a traba-
lhar nas suas fortificações.
Aquele Ministério anunciou, tam-
bém, não ter recebido qualquer
confirmação da notícia emanada de
Hong-Kong, segundo a qual os co-
munistas chineses teriam recebido
projecteis balísticos russos para os
seus aviões de combate. — (A. N.
I. e F. P.).

Prisões de socialistas em San Sebastian e Madrid

MADRID, 15.—Sabe-se, de boa fon-
te, que várias personalidades do
Partido Socialista (clandestino) fo-
ram presas na capital, e nas pro-
vincias vascas. Essas personalida-
des parece que assistiram ao con-
gresso socialista espanhol, em Tou-
louse, no Verão passado.

Três pessoas, entre as quais dois
médicos, teriam sido presas na pro-
vincia. Quanto às prisões efectua-
das na capital, não se pode obter
qualquer esclarecimento embora o
seu numero pareça ser elevado.

Indicam, porém, de fonte oficia-
sa, depois do conselho de ministros
de ontem, que as prisões feitas em
Madrid e San Sebastian se relacio-
nam com as desordens desencadea-
das, recentemente, pelos estudantes
madrilenses.

Afirma-se, também, ter sido
apreendido vário material de pro-
paganda e que um advogado, o dr.
Villar, figura entre as pessoas presas.
Confirma-se terem estas assis-
tido a «congressos socialistas reali-
zados no estrangeiro».

Por fim, ainda de fonte oficia-
sa, sublinha-se o carácter pouco im-
portante do caso, acentuando-se que
a actividade das pessoas detidas,
«era uma maneira de justificar as
subvenções que recebiam do estran-
geiro». — (F. P.).

A reunião da Comissão Interafricana de Estatística

Prosseguiram esta manhã, na sala das
sessões da Junta de Investigações do
Ultramar, os trabalhos da 5.ª reunião
da Comissão Interafricana de Estatís-
tica da C. C. T. A. (Comissão de Co-
operação Técnica em Africa ao Sul do
Sahará).

Tyrone Power faleceu hoje quando filmava em Madrid

MADRID, 15 — Faleceu hoje,
subitamente, nesta cidade o actor
de cinema Tyrone Power.

O popular artista, que contava
44 anos, foi acometido de uma cri-
se cardíaca, durante as filmagens
de uma cena do filme «Salomão e
a rainha de Sabá», vindo a falecer
cerca das 12 e 30, quando era con-
duzido ao hospital. — (F. P., A.
N. I. e R.).

O actor adoeceu durante as filmagens

MADRID, 15. — A morte de Ty-
rone Power foi recebida com sur-
presa nos meios cinematográficos,
embora nos últimos tempos o ac-
tor se tivesse queixado de não se
sentir bem, submetendo-se há dias
a um exame médico por causa do
coração.

A crise mortal principiou quando
trabalhava numa cena de luta, na
qual devia ser lançado ao chão e
esquivar-se a um golpe de adaga
vibrado pelo adversário, segundo
relata um correspondente da U. P.
I., que se encontrava presente no
«plateau». O seu aspecto foi pioran-
do à medida que se repetia a cena.
Depois, pediu uma aguardente e re-
colheu-se ao seu camarim rolante.
Momentos mais tarde, o caracteriza-
dor Eay Sebastian, velho compa-
nheiro e amigo do actor, informou
que Tyrone Power se queixava de
dores nos braços e sentia dificul-
dade em respirar. Decorreram al-
guns minutos. Daí a pouco, o pro-
dutor cinematográfico Ted Rich-
mond mandou chamar um carro e
o artista foi levado, inconsciente,
para dentro dele.

Gina Lollobrigida, que contrace-
nava com Tyrone Power no filme
em rodagem, encontrava-se também
no «plateau», juntamente com cen-
tenas de figurantes, em trajes bí-
blicos.

A esposa, que o acompanhou a
Espanha, quando ele para aqui
veio, em Setembro passado, a fim
de interpretar «Salomão e a rainha
de Sabá», está à espera de um bebé.
— (A. N. I.).

Tyrone Power, um dos mais po-
pulares actores cinematográficos
norte-americanos, nasceu em Cin-
cinnati, no dia 5 de Maio de 1914.
Seu pai também chamado Tyrone
Power, conquistou renome nos pal-
cos norte-americanos, interpretando
Shakespeare. Sua mãe Patris Power,
trabalhou no Teatro e na Rádio.

Tyrone fez o ensino secundário
no Liceu de Purcell, na sua cidade
natal, estreando no teatro em 1931.
Cinco anos mais tarde iniciou a sua
carreira cinematográfica em «Dor-
mitório para raparigas». Desde es-
sa altura até ao seu alistamento no
Exército, em 1942, desempenhou
o protagonista de 25 películas, en-
tre as quais «As chuvas vieram»,
«Isto acima de tudo», «O sinal do
Zorro», «Suez», «Jesse James e «Sen-
gue e Arenas».

Foi casado com as artistas Anna-
belle e Linda Christian. Presente-



TYRONE POWER

mente, era casado com Deborah
Montgomery.

Em 1948, quando estava noivo da
sua segunda mulher, Tyrone Power
esteve durante alguns dias em Lis-
boa, que já visitara anteriormente.
Nessa ocasião foi-lhe oferecido um
almoço nos estúdios do Lumiar,
onde conheceu vários artistas por-
tugueses. O «Diário de Lisboa»
publicou, então, uma completa re-
portagem da sua estadia no nosso
País.

Segundo a opinião dos médicos,
a morte do conhecido actor foi pro-
vocada por uma angina de peito.

As ligações com o Seixal vão melhorar graças a sugestão do «Diário de Lisboa»

A problema do transporte de pas-
sageiros entre Lisboa e o Seixal, a
que ontem nos referimos, está só-
lucionado, ainda que provisória-
mente. Na verdade, a Administra-
ção Geral do Porto de Lisboa, num
atitude de compreensão digna
de registo, aceitou a sugestão apre-
sentada pelo nosso jornal, autori-
zando a transferência do barco
«Lisboa-Expresso», das carreiras de
Cacilhas, para as ligações com o
Seixal, principalmente durante as
horas consideradas de ponta.

Desta forma, será possível evi-
tar atrasos consideráveis no trans-
porte de passageiros que, às vezes,
e a determinadas horas do dia, che-
gavam a esperar mais de hora e
meia, para obter lugar num barco
que os levasse do Seixal a Lisboa,
ou vice-versa.

Três municípios de Évora constituem-se em federação

EVORA, 15 (Pelo telefone) — Na
sessão da Câmara Municipal prin-
cipiou a estudar-se o projecto de
regulamento da Federação dos Mu-
nicipios de Évora, Arraiolos e Re-
dondo, cujo objecto principal será
o estabelecimento, unificação e ex-
ploração do serviço publico de pe-
quena distribuição de energia eléc-
trica nos três concelhos.

A associação das referidas cam-
aras municipais, a verificar-se virá
dar grande incremento à electrifi-
cação regional, quer quanto ao seu
fornecimento, quer em relação ao
preço de venda da energia ao pu-
blico.

HIPOTECAS
PROPRIEDADES
do furo da Lei
TRANSACÇÕES
em 24 horas
Fidante
HEIRO sobre
Automoveis
Transacções em
menos de 1 hora
Tel. 3 ROSSIO LISBOA
Tel. 21391-30257

BERTO

ca casa Alfred, tem o prazer de
Ex. ma. Clientes que se encontra-
vo ao seu dispor, no

FREDO & ANDRADE LDA.

1.ª — Telef. 27611-29667

ALFREDO & ANDRADE, LDA.

Rua Garrett, 36-1.ª — Telef. 27611-29667

Informam que contam com a colaboração do

Cabeleireiro ALBERTO

ex-empregado da casa Alfred

ALMOÇO e TARDE DANÇANTE

DOMINGO — 16 DE NOVEMBRO

ao mais luxuoso e típico restaurante do Ribatejo

«BARRETE VERDE» — EM BENAVENTE

Ranchos folclóricos, Fandango, Dancing

Deliciosos pratos regionais, à escolha

Preço Esc. 85500 (Transporte e almoço)

PROGRAMAS, INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES NA

AGÊNCIA DE VIAGENS RODARTE

Rua da Palma, 159-A — Tel. 861214 — LISBOA

Novos Modelos **BEDFORD**

MOTORES
A GASOLINA OU DIESEL

CABINAS
NORMAL OU AVANÇADA

Com a introdução de mais 3 tipos de chassis, a nova e bem escalonada gama BEDFORD inclui o camião adequado a qualquer género de transporte

Novos tipos — chassis para 1,5 ton. (roda dupla)
chassis longo de 4 ton.
chassis de 7 ton. com cabina normal.

Novas cabinas — maior conforto, ventilação perfeita, fácil acesso.

Visibilidade panorâmica — amplo parabrisas curvo, pilares estreitos, óculo traseiro a toda a largura da cabina.

Travões super-eficientes — auxiliados por servo-vácuo; cilindro mestre duplo; área total de travagem aumentada.

Grande robustez — eixos com grande capacidade de carga.

Chassis baixos — pequena altura dos chassis até 4 ton. — grande facilidade de carregar e descarregar.

Caixas de carga — desde 2,68 m a 5,30

A SÉRIE BEDFORD VAI DE 800 KILOS A 10 TONELADAS

GENERAL MOTORS

Rua Particular n.º 1 (Alcantara) Telef. 638181 • LISBOA

CONCESSIONÁRIOS EM TODOS OS DISTRITOS DO PAÍS

o GÁS
é o combustível
ideal
constantemente ao seu
dispor...
e será o seu mais valioso
aliado contra **O FRIO**
É um servidor.
Fiel
Limp
e seguro !

TER
EM CASA
UMA TEMPERATURA
AGRADÁVEL

... em pleno
inverno
... durante
os períodos de
mau tempo,
a toda a
hora,
conforme
as suas
necessi-
dades...

AQUECIMENTO CENTRAL PELO GÁS DA CASA
SEM GINZAS... SEM FUMO... SEM POEIRAS.
TARIFA ESPECIAL DE GRANDE ECONOMIA
SERVIÇO GÁS INDUSTRIAL - C. - R. - GÁS E ELECTRICIDADE / LISBOA

POLICLINICA DA RUA DO OURO

ENTRADA
RUA DO CARMO, 98-2.

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas.
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — As 13 horas.
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — As 14 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — As 14 horas.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, fígado, intestinos e doenças anorectais — As 18 horas.
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — As 16 horas.
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas.
Dr. Luis Malheiro — Pele e sífilis — As 3.ª, 5.ª e sábados, das 14 às 16 e 30 h.
Prof. Dr. Aleu Saldanha — Raios X — As 16 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas.

DINHEIRO

COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS
OU PRÉDIOS EM 1.ª HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

Em ABRANTES o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» são vendidos por Casaca & Martins.



Instalação rápida, seja qual for a marca e o modelo do seu carro.
Peça os esclarecimentos que desejar aos agentes
SOCIEDADE DE LUBRIFICANTES INGLESES, LDA.
Av. da República, 3, 1.º D. — Lisboa — Tel. 58141

Av. Praia da Victória, 73-A (Stand)

Já leu o «SEMPRE FIXE»? Então leia!

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

N o jardim da casa dos Rader, na estrada entre as cidades de Norwood e Mansfield, no Missouri, sorriam algumas flores. Contudo, as pessoas que por ali passavam naquela ocasião, mal davam por elas, pois a sua atenção era logo solicitada pelo angustioso apelo de Albert Rader.

—Por favor: vá socorrer Matilde, que teve um desastre. Vou chamar o médico!

Alguns vizinhos paravam, impressionados pelas manchas de sangue que se viam na escada, mas depois entravam resolutamente. A esposa do fazendeiro, mulher bonita, estava estendida na cama, onde o marido dissera que a colocara antes de correr em busca de socorros. Matilde Rader perdera os sentidos em consequência de um grave ferimento na cabeça. As pessoas pouco mais podiam fazer do que colocar-lhe sobre a ferida panos molhados em água fria, enquanto aguardavam, em grande inquietação, a chegada do médico. Passados alguns momentos, que pareceram horas infinitas, o carro de Rader entrou no pátio com um clínico de Mansfield, o qual imediatamente examinou a mulher e deu as suas ordens:

—Peçam, urgentemente, pelo telefone, que mandem de Springfield uma ambulância. Ela não está nada bem!

E enquanto lhe fazia um rápido curativo, perguntou como aquilo acontecera. Ninguém sabia o que lhe dissera. Albert Rader contou que a deixara no jardim, a tratar as flores, dirigindo-se ele, entretanto, para um ponto afastado da granja, a fim de consertar uma vedação. Quando voltou, estava ela desmaiada, a uns metros da entrada das caves.

—Ela lá lá muitas vezes, buscar ferramentas — disse ele —. A porta é muito pesada e já caiu mais de uma vez. Andava mesmo com ideia de lhe fazer um arranjo para torná-la mais segura. Penso que a porta lhe caiu em cima e que ela conseguiu chegar até ao jardim, antes de desmaiar.

Parecia uma explicação tão aceitável como qualquer outra.

A ambulância lá partiu com o corpo morto e ensanguentado da mulher e os vizinhos debandaram. Rader foi passar uns tempos em casa de amigos de Norwood e o pequeno jardim ficou abandonado sob a branda aragem da Primavera.

A pobre Matilde expirou quarenta e oito horas depois, sem ter recuperado a fala. Os vizinhos prantearam a sua morte, causada por tão estúpido acidente, mas, como era obrigatório dar parte de todos os desastres, o caso foi comunicado ao xerife de Wright, chamado Baker.

Este, acompanhado pelo ajudante, I. J. Sellers, dirigiu-se a casa dos Rader. Encontraram-na fechada e tudo deserto. Mas logo acorrem os vizinhos que tinham acudido à mulher do fazendeiro, mal souberam da presença do xerife. Ouviu ele, atentamente, as explicações que lhe deram e depois examinou a porta de entrada para as caves.

—Não vejo aqui sinais de sangue! — disse.

Os circunstantes olharam uns para os outros, pensando que ninguém se lembrara de reparar na porta. Mas tudo lhes parecia tão lógico!

—Vamos dar uma vista de olhos pelo jardim e pelo pátio — disse Baker —. Felizmente que não choveu!

Havia, entre as flores, um pequeno lago, que secara; e via-se sangue num dos lados do muro do poço. Aparentemente, a senhora Rader percorrera uma distância considerável no pátio, antes de cair em consequência do traumatismo.

—Se não foi atingida pela porta, como teria sido ferida?

Não havia nada no pátio que

pudesse explicar tão estranho acidente. E, na verdade, aquilo não fora, nem podia ter sido um teste! Matilde fora agredida! Por quem e por quê? Qual a arma que empregaram?

Estas interrogações turbilhavam no cérebro do xerife. E havia o caso daquelas mulheres de Hartville, onde tinha o seu gabinete, que, dias antes, se queixaram de terem sido perseguidas por dois vagabundos. Ordenara, então, aos subordinados para vigiarem esses desconhecidos. Teria algum deles surpreendido a senhora Rader, sozinha na seu jardim? Teria ela perdido a vida dessa maneira?

De repente, a atenção do xerife concentrou-se numa pilha de lenha a um canto do pátio, e ele chamou Sellers, para irem ver aquilo.

—Uma destas achas seria uma boa arma! — exclamou Baker —. É melhor examinar isto bem!

A pormenorizada investigação não revelou, porém, qualquer vedação de madeira tinto de sangue e que tivesse servido de instrumento de agressão. Um machado e um martelo, encontrados numa arrecadação, também estavam limpos. Evidentemente que se a senhora Rader houvesse sido agredida por um estranho, este podia ter levado a arma. Seria, contudo, um estran-

ho o assassino? Com a sua larga experiência, o xerife descobrira coisas muito esquisitas, e não era homem para eliminar automaticamente, qualquer suspeita.

—Vou pedir o auxílio da Polícia estadual — disse ao ajudante —. Entretanto, os outros funciona-

viverem em boa harmonia. Durante muitos anos, foram os arrendatários da fazenda, mas compraram-na quando a senhora Rader recebeu a herança de um parente. A propriedade era, pois, do casal, embora tivesse sido adquirida com dinheiro dela. Tais informações

ro. A verdade, porém, é que ainda vai a casa dela muitas vezes.

O xerife começou a interessar-se a fundo pelo caso. Se Albert Rader agrediu a mulher, como se explica que fosse a correr chamar o médico o qual poderia salvá-la, sendo depois acusado por ela? Bastava para tanto que Matilde recuperasse os sentidos apenas por um minuto — seria o bastante para se ver descoberto! Aquilo não fazia sentido, ou, pelo menos, não o fazia, até que começou a calcular o tempo e outras coisas em ligação com o acontecimento.

Ora, os vizinhos disseram que Rader os chamara às onze e meia. Partiu em busca de um médico e foi visto em Norwood, por volta do meio-dia. Ali não encontrou qualquer médico e seguiu para Mansfield, a poucos quilómetros de distância. Mas só lá chegou às duas horas! Por que se demorara tanto? A menos que tivesse procurado demorar-se tanto tempo quanto lhe fosse possível...

Convencido, pois, virtualmente, de que Rader fora o assassino, movido pela cobiça do dinheiro, Baker dedicou-se, afanosamente à tarefa de descobrir a arma do crime, a qual, quase tinha a certeza, devia encontrar-se na granja. E o segredo daquela morte estaria certamente no jardim que Matilde tanto estimava!

Durante muito tempo, o xerife contemplou as flores e a cercadura que as rodeava, feita com grandes pedras. Inclinou-se e procurou deslocá-las, uma por uma. Quase todas estavam, porém, firmes na terra. Algumas ainda pôde movê-las, mas nada revelaram de especial, até que uma saiu facilmente. Voltando-a descobriu uma mancha de sangue.

—Cá está a arma do crime! — exclamou o xerife.

Quando lhe apresentaram as provas, Albert Rader confessou tudo: assassinara a mulher, para conseguir o dinheiro que lhe permitisse manter a aventura amorosa com a sedutora juv. A história da porta fora forjada na ocasião.

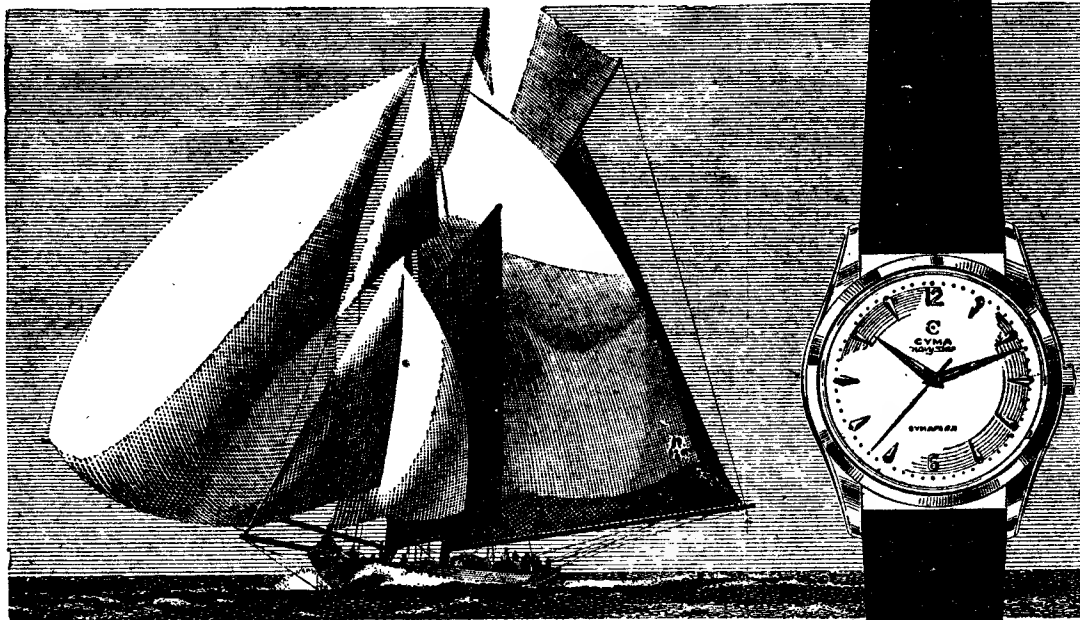
O juiz C. H. Shinker condenou-o a prisão perpétua na Penitenciária de Jefferson City.

A prova do crime

ENTRE AS FLORES DO JARDIM

Texto integral
do conto de
FRED DICKENSON

A elegância das mais belas construções navais!



"O mais elegante dos relógios impermeáveis" Eis o título que o Cyma Navystar soube merecer em todos os pontos do globo. Os técnicos de Cyma conseguiram, utilizando juntas consideravelmente mais eficazes e de rara engenhosidade, construir uma caixa extra-plana que dá ao Navystar aquela linha típica que impressiona à primeira vista. Não deixe de exigir lhe mostrem este extraordinário sucesso: é o relógio dos seus sonhos.

O mais elegante dos relógios impermeáveis é também dotado do anti-choque Cymaflex, de renome mundial.

Somente os relógios Cyma são providos de anti-choque Cymaflex... — mas cada relógio Cyma o possui! — Ref. 2.5678.60

CYMA NAVYSTAR

ELNA

Máquinas de costura, pequeninas, simples, bonitas e maravilhosas. Aproveite agora o preço ocasional

VENDAS E REPARAÇÕES

Em Lisboa — Largo da Trindade, 17
no Porto — R. Sá da Bandeira, 69-2.

O 64.º aniversário da União do Beato

Começam hoje e prosseguem amanhã, na sede da Sociedade Musical União do Beato, na Calçada Duque de Lafões, 22, as festas comemorativas do seu 64.º aniversário. Esta noite iniciará-se o campeonato de laranjinha entre colectividades. E amanhã, sairá a banda que percorrerá a freguesia, sendo, às 16 horas, inauguradas a pavimentação e a jardinagem em volta do coreto da Sociedade, mandado construir pela Câmara Municipal de Lisboa e seguindo-se o hasteamento da nova bandeira, a abertura oficial da biblioteca e uma sessão solene, com a colaboração da banda, dirigida pelo maestro José Maria Bernardo, que, às 18 horas começará um concerto e, a partir das 22 horas, abrigará um baile.

Exercícios de D. C. T.

Amanhã, às 10 horas, em Guimarães, efectua-se um exercício geral de Defesa Civil, que será presidido pelo coronel Figueiredo Valente, em representação, do comandante-geral da L. P. e D. C. T., sr. general Cotta Moraes.

Restaurante Cortador

OH! LACERDA

Avenida de Berna, 36-A

PRATOS DO DIA

Domingo — Cabrito Assado
Segunda-feira — Dobrada à Portuguesa
Terça-feira — Cosido à Portuguesa
Quarta-feira — Bacalhau
Quinta-feira — Chaminé à moda da casa
Sexta-feira — Caldeirada
Sábado — Chispe com todos

Agradece a marcação de mesa pelo telefone 77 40 57.



É dia a dia que se obtém a beleza da pele

A frescura aveludada, o radioso encanto da sua pele estão bem ao seu alcance: tudo isso depende só do sabonete que usa todos os dias. Saiba escolhê-lo! Escolha o mais puro dos sabonetes: escolha Lux. Lux purifica a sua pele e dá-lhe aquela radiosa e aveludada frescura que é bem característica da juventude. Por isso as estrelas do cinema preferem Lux: a delicadeza da pele, a pureza luminosa da tez é para elas uma absoluta necessidade.

Jeanne Moreau

por exemplo, para quem a beleza não tem segredos, diz:

"Eu prefiro Lux. Ele é tão puro, tão suave... é um verdadeiro tratamento de beleza".



9 DE CADA 10 ESTRELAS USAM LUX

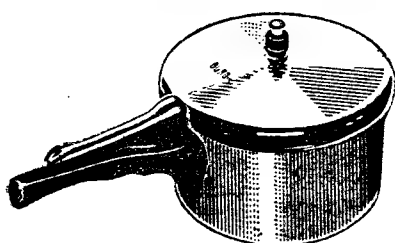
58-LT-26

INDÚSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA. SACAVÉM

É ESTA A PANELA DE PRESSÃO COM QUE EU SONHAVA!



DURO-matic



Porque:

É construída em «PERALUMIN 30» um material 3 vezes mais resistente que o alumínio de que são fabricadas as outras panelas de pressão.

Por isso DURO-matic é de absoluta segurança!

O seu manejo é muito fácil e o seu preço moderado.

VENDE-SE EM TODAS AS LOJAS DE ARTIGOS DOMÉSTICOS. NÃO ENCONTRANDO PEDIMOS O OBSEQUIO DE SE DIRIGIREM AOS

Representantes:

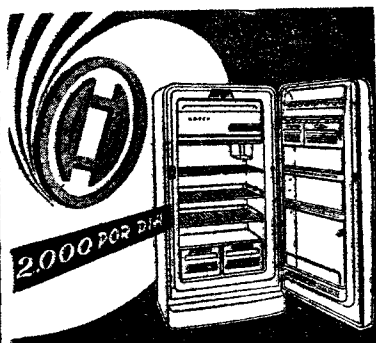
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, L. DA
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 45 • TELEF. 59181 • LISBOA

PELES HELE

ULTIMOS MODELOS VISIONS E ASTRAKANS AOS MAIS BAIXOS PREÇOS
Av. António Augusto Aguiar, 3, 2.º, Dt. Telef. 53735

venham falar-me:

ADULTOS Exames de 3.ª e 4.ª classes ráp. c/ dipl. garantidos
ESCOLA DE ADULTOS L. Chão Loureiro, -1, 2.º
Há cursos das 9 às 23 h. ADULTOS



BOSCH

O 1.º FRIGORÍFICO ALEMÃO em qualidade, economia, técnica e preço

Os frigoríficos BOSCH de fama mundial são agora produzidos no ritmo de 2.000 por dia

8 modelos diferentes. Todos os tamanhos. Preços acessíveis. Facilidades de pagamento. Assistência técnica eficiente.

Refrigeração

POLAR

RUA DA EMENDIA, 66 N.º FRENTE - LISBOA - TELEFONE 13061

Sociedade «Estoril»

Caminho de Ferro do Cais do Sodré a Cascais

AVISO

Serviço especial de comboios Cais do Sodré-Estádio Nacional no dia 16 de Novembro de 1958

Por motivo do desafio de futebol Portugal-Africa do Sul, no Estádio Nacional, haverá no dia 16 de Novembro, serviço especial de comboios, com partidas do Cais do Sodré desde as 13.05 às 15 horas, e, na estação do Estádio, desde a terminação do desafio.

Não haverá, por motivo deste serviço especial, alterações previstas ao horário L. 34, em vigor.

Lisboa, 10 de Novembro de 1958

O engenheiro-director—A. Bual.

Sociedade Portuguesa do Ar Líquido "Arliquido"

S. A. R. L.

Rua da Quinta do Almargem, 14 — LISBOA
Capital social: Esc.: 5.000.000\$00

1.ª EMISSÃO DE OBRIGAÇÕES (5% 1958)

Autorizada por Portaria publicada no Diário do Governo III Série, N.º 253, de 28 de Outubro de 1958

EMISSÃO DE 3.000 OBRIGAÇÕES, DO VALOR NOMINAL DE ESCUDOS 1.000\$00 CADA UMA OFERECIDAS AO PÚBLICO

As obrigações são de cupão e vencem o juro anual de 5%, cativo de impostos para os obrigacionistas, desde 1 de Novembro de 1958, pagável aos semestres, nos dias 1 de Maio e 1 de Novembro de cada ano, iniciando-se o seu pagamento em 1 de Maio de 1959.

Os títulos representativos desta emissão são de 1, 5, 10, 20 e 50 obrigações.

A amortização é feita ao par, por sorteios anuais, durante 15 anos, sendo a primeira em 1 de Novembro de 1959, reservando-se não obstante a Sociedade o direito de a antecipar.

CONDIÇÕES DE SUBSCRIÇÃO

As obrigações, subscritas a Esc.: 1.000\$00 cada uma, serão pagas integralmente no acto da subscrição.

A subscrição, oferecida ao público, sujeita a rateio, está aberta de 10 a 19 do corrente, no:

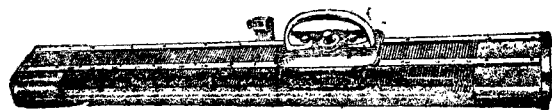
CREDIT FRANCO-PORTUGAIS

Rua da Conceição, N.º 92 — LISBOA
e na sua Agência do Porto, Avenida dos Aliados, N.º 86-88, que tomou a emissão firme.

Lisboa, 9 de Novembro de 1958.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

MAQUINAS DE TRICOTAR AUTOMATICAS



Matador

UMA JÓIA DA INDUSTRIA ALEMÃ

VENDAS A PRONTO OU COM FACILIDADES

Em Lisboa: «VAPEDRONE» — Rua da Vitória, 54-56 — T. 25632

«MEIA DE VIDRO» — Rua Augusta, 158

No Porto: Moreira & Leite, Lda. — R. Firmeza, 403 — T. 30335

DIZ O MEDICO...

(Continuação da 1.ª página)

etc.) ou, em muitos casos, às vitáminas.

O alimento, de per si, não é mais do que um dos numerosos materiais necessários à vida do homem que trabalha e despende energia, à mecânica do processo da nutrição. A água é igualmente indispensável à vida, tal como o é o ar que se respira. Contudo, nenhum dos materiais empregados basta, isoladamente, às necessidades.

A nutrição é um processo vital exclusivo dos organismos vivos, constituindo ainda um meio de crescimento e de desenvolvimento, reparador das energias gastas.

Porém, comer, beber e respirar não é tudo. Torna-se imprescindível saber escolher e conhecer o meio em que se vive. A nutrição é, em derradeira análise, uma função. É para que essa função se exerça amplamente, forçoso é que se aumente a capacidade para uma melhor e mais ampla nutrição. Ora esta capacidade, à luz dos mais modernos conhecimentos, não é um ingrediente ou uma droga que se compre ou adquira num laboratório especial de biogenética. Não são conhecidos medicamentos que possam exercer as funções inerentes ao próprio homem, nem substituí-las.

Reside exclusivamente em cada um de nós a capacidade de respirar e de comer, assim como a capacidade metabólica e de funcionamento, isto é, de viver.

Essa capacidade, acentuando-a, resulta do emprego oportuno e inteligente de todas as forças do organismo e ainda de um justo equilíbrio da economia privada. Só assim se evitam gastos inúteis e supérfluos, armazenando-se, em contrapartida, a energia tão necessária a uma existência regular, equilibrada.

A capacidade potencial de cada indivíduo é função da hereditariedade. Quando tal potencial se encontra diminuído — importância do terreno, do tipo e da constituição no desenvolvimento das afecções — torna-se necessário e urgente restabelecer-lo por processos normais e regulares de recuperação. Não são os alimentos que fazem o homem, nem tão-pouco as sardinhas mais ou menos ricas em fósforo ou o caldo de orquídeas que curam a tuberculose pulmonar, ou o peixe que devolve ao homem, em acentuada carência, a faculdade de pensar ou de arrumar melhor as ideias. Se o trabalho mental estivesse, devido a um capricho da natureza, ligado ao consumo de peixe, todas as crises de inteligência seriam fáceis de resolver. Bastaria entregar a cada um dos deficientes mentais, guindados a posições de destaque, a sua «teca» de peixe. As «lotas» condicionariam a política do espírito, e a vida converter-se-ia numa fantástica e inesperada feira de inteligências, à mercê das bolsas mais ou menos recheadas... Não se fazem homens amassando alimentos ao acaso. É necessário mais alguma coisa. De per si são substâncias inertes, simples materiais de construção. O organismo vivo — e neste caso o homem — escolhe entre os alimentos ingeridos os de que mais necessita, modifica-os antes de os utilizar e expele modestamente, com maior ou me-

nor facilidade, os que lhe são nocivos e prejudiciais.

O alimento tem de ser, em primeiro lugar, fresco e são e consumido conforme a razão vital, de forma que o organismo o possa auferir, e não pelo pretexto barroso, de fácil e barata imaginação, de que este ou aquele tenha por missão especial aguentar roboticamente determinada estrutura ou função.

A alimentação em excesso (estilo comprar, porque é saldo) está posta de lado, condenada pelos nutricionistas modernos. Atulhar, como prodigiosamente se fazia nos alvares enigmáticos do presente século, é conspirar contra a própria existência. E não é o que se ingere, o que se come ou devora, com ou sem apetite, que determina o padrão de uma boa razão. Esta, longe de todas as modas e receitas de culinária, animadas com a pitada de pimenta «quanto basta», impõe-se pela forma como é digerida, absorvida e assimilada.

São tão importantes os alimentos como uma boa digestão e, volto a afirmá-lo, uma boa assimilação.

Existem por aí pessoas magras que, apesar da quantidade exagerada de alimentos ingeridos duas ou três vezes por dia, não conseguem assimilar com proveito, sempre dispostos e com vontade a mais uma postazinha...

O número de calorias, teoricamente certo, nem sempre conta na coluna do activo. Se os alimentos fermentam nas vias digestivas, o organismo ficará privado das calorias da tabela.

Se os prótidos sofrem transformações anormais, o organismo não obterá deles os aminoácidos imprescindíveis a um equilíbrio estável da saúde. Esta depende de muitos factores, entre eles o ar fresco, longe dos grandes centros industriais e de intenso tráfico; o exercício físico condicionado; repouso depois das refeições; tranquilidade durante as horas de sono; equilíbrio emotivo; ausência de hábitos desvirtuantes; poucos cigarros, vinho quanto baste e substituição do café e do chá por uma tisana de sabor agradável e inofensiva.

A digestão não constitui um acto isolado, uma função independente. Todos os actos vitais se encontram entrelaçados. O homem come, respira, bebe, trabalha, reproduz-se, influencia e é influenciado pelo meio, desloca-se, acomoda-se, passa do sol para a sombra, desta para o sol e tão depressa se encontra no primeiro plano como se esfuma e dilui no fundo da paisagem... De contrário, tudo seria muito simples. A vida é complexa em demasia para se reduzir a simples e apagadas fórmulas.

Superstição secular é a de solicitar aos medicamentos aquilo que só a razão alimentar pode e deve fornecer ao homem. Nem remédios, nem injeções, nem soros, nem psiquiatria, reduzida em alguns países a uma soma de comprimidos de várias cores, ingeridos sob a vigilância de um enfermeiro, que a função mascara de onnipotente e sabedor, nem massagens ou tratamentos hidrominerais isolados, podem substituir, finalmente, um equilibrado regime alimentar.

A maioria das úlceras do estômago e do duodeno cura-se desde o doente obedeça às indicações do

seu médico assistente e não altere, a seu bel-prazer, o regime imposto, condicionado de maneira a fornecer o máximo de repouso possível (compatível com o esforço quotidiano) à mucosa gástrica ou intestinal, aliviando-a do excesso de sucros nocivos. Se é certo que o homem, como os restantes animais que povoam a terra, e as plantas, são feitos de terra, a saúde e o bem-estar do ser humano dependerão da qualidade do tecido com que são urdidos. O regime alimentar do homem está, pois, ligado à qualidade do húmus que gera e lhe fornece os alimentos. A cultura do solo, num país essencialmente agrícola, é tão importante como a da alma, tão transcendente como a qualidade da carne, do leite, dos ovos, da manteiga, dos vegetais, das frutas e do pão.

O problema, apesar de se encontrar ainda em equação, não é novo. Graham, von Liebig (Dr. Pierre Theil, «Pour que les hommes vivent

mieux», Paris, Outubro, 1958), Lahmann, Keilh, Morgan e tantos, tantos outros, alarmaram-se, cada um em sua época, com a forma como são cultivados os campos, as hortas, os terrenos de pastagens, as lezírias e as estepes sem fim destinadas ao trigo.

A terra-mãe é obrigada, presentemente, a produzir artificialmente, a dar tudo em pouco tempo. Não admira, pois, que os legumes e as frutas se apresentem cada dia mais pobres e as carnes e os ovos sejam de péssima qualidade.

A saúde e o crescimento do homem dependem da terra que pisa, única realidade que conta. Velho este saber em algumas regiões: terra magra, gado pequeno... Pois os avós dos nossos avós, bem mais felizes do que os netos, já conheciam esta verdade.

Outro problema que se levanta, no plano essencialmente biológico, é o da vantagem da substituição das

gorduras animais pelos corpos gordos dos vegetais, tendo em linha de conta a ausência de vitaminas necessárias à vida nas gorduras e óleos fornecidos pela natureza.

Os lípidos, ao contrário dos glúcidos, possuem uma origem mista, sendo fornecidos em partes iguais por ambos os reinos. Os prótidos são dados pela carne.

Poder-se-á passar de um regime omnívoro para um regime exclusivo de carnes ou vegetais? Existirão vantagens a assinalar nessa arrumação diferente? Responderei mais tarde a estas perguntas.

A arte de bem comer é sempre difícil, assaz penosa, para as pessoas que a sorte às avessas teima em fornecer-lhes um único talher, quando muito dois: um para o peixe, o outro para a carne... Só é fácil, porém, para aqueles, e são muitos, que — valha-nos Deus — comem com um faqueiro inteiro...

A. d'E.

O QUE CONTA É O VALOR BIOLÓGICO!

Os alimentos são classificados ricos ou pobres, conforme as quantidades de proteína, vitaminas e sais minerais ou outras substâncias que contêm. Por isso os cientistas de todo o mundo recomendam uma escolha rigorosa, para se obterem os melhores resultados e evitar-se a administração de alimentos carregados de matéria inerte ou de resíduos.

Sobretudo nas crianças, cujas necessidades de proteína são proporcionalmente mais elevadas, deve haver o máximo cuidado com a alimentação para que se mantenha o seu nível de saúde e sejam compensadas as grandes exigências dum ser em crescimento.

Na formação dum corpo saudável e no aumento das suas probabilidades de defesa contra grande número de doenças, tem uma acção preponderante a proteína. Infelizmente, porém, não é fácil fornecê-la nas quantidades suficientes através dos alimentos usuais, mesmo quando, para melhoria de paladar e adjução nas refeições, eles são apresentados sob a forma de preciosas guloseimas.

DIESINE, o novo suplemento alimentar para crianças e adultos, constituído na sua maior parte (53%) por proteínas totais do leite, é o mais aconselhado dos modernos alimentos de grande valor biológico, permitindo, quer tomado simples, quer incorporado na quase totalidade dos alimentos comuns, o fornecimento dos factores fundamentais para o desenvolvimento dos ossos, músculos e para o importante problema da fixação do cálcio.

Isento de gordura e sódio, de paladar agradabilíssimo, DIESE constitui ainda uma excelente base para a preparação de deliciosos batidos e cremes altamente nutritivos.

DIESINE

COMPLETA E GARANTE
O VALOR BIOLÓGICO
DA SUA ALIMENTAÇÃO



OFERTA!

Recorte e envie este
cupão, colando-o
num simples postal

DIESE

Av. Duque de Loulé, 1 - Lisboa

Queiram enviar-me gratuitamente o folheto "A suplementação proteica numa alimentação racional"

NOME

MORADA

PIONEIROS EM DIETÉTICA, NUTRIÇÃO PREVENTIVA E ALIMENTAÇÃO RACIONAL

Uma oferta
útil

PYREX

Uma oferta
distinta

V. Ex.ª deseja comprar um relógio?
Peça um ENICAR ULTRASONIC
O ENICAR ULTRASONIC
oferece-lhe:

absoluta garantia
modelos elegantes
acabamento ultramoderno
Preços modestos

ENICAR
ULTRASONIC



O relógio Enicar Ultrasonic é o único relógio que não precisa de lubrificação durante três anos.

Cada relógio Enicar Ultrasonic tem um boletim de garantia. Há centenas de fabricantes de relógios na Suíça. Mas a Fábrica

O relógio Enicar está à venda nos cinco continentes

Enicar fabrica 8 % da produção total da Suíça, ou seja perto de um milhão de relógios por ano.

Também fabrica toda a relojoaria moderna em:

Automáticos com os últimos aperfeiçoamentos.

Calendários, com a lente de aumento.

Impermeáveis: 10 % — caixa SEA-PEARL.

Extra-planos: sensacionalmente planos.

Com a mão estacelada

por se ter disparado
uma arma caçadeira

MONFORTINHO, 14. — Quando andava à caça na serra de Monfortinho, diante das termas, António Moraes Virgínio, casado, de 42 anos, rebentou-lhe a arma que estava a utilizar, tendo ficado com uma das mãos estacelada. Depois de ter aqui recebido os primeiros curativos, foi transportado para o hospital de Castelo Branco.

VISITARAM VISEU

os corpos gerentes
da Casa da Beira Alta

WISEU, 14. — Visitaram esta cidade os corpos gerentes da Casa da Beira Alta, instituição regionalista que se propõe agremiar todos os beirões residentes no Porto. Os visitantes foram recebidos pelo presidente do Município e pelo chefe do distrito.



A CANEIA
MAIS IMI-
TADA E
NUNCA
IGUALADA

Garantida
pela fábrica
contra
todos os
defeitos
do
fabrico

SOC. POLLUX, LDA.

R. dos Fanqueiros, 276

Descontos para revenda

CONTRA A TOSSE

Rebuçados Pectorais de S. auto
A PRIMOROSA LDA.
Rua de S. Paulo n.º 130
Telefone 26511

Leiam o jornal humorístico
«SEMPRE FIXE»

HIPOTECAS

SOBRE AUTOMÓVEIS
Condições sem concorrência
RAPIDEZ E SIGILO
PREDIAL ULTRAMARINHA
Rua Conde Redondo, 20, 2.º Dt.
Telefones: 47100-47085

ANTIGUIDADES HOJE, SÁBADO, ATÉ ÀS 19 E ÀS 21 HORAS

LEILÃO

DE MOBILIÁRIO ANTIGO E DE ESTILO, NA MAIORIA PORTUGUÊS E OUTROS OBJECTOS DOS SEC. XV A XIX — LUSTRES DE CRISTAL, SEC. XVIII — RELÓGIOS — CARPETES — PERSAS E OUTRAS — TAPEÇARIAS — PINTURAS — GRAVURAS — BIBELOTS E OUTROS OBJECTOS QUE FAZIAM PARTE DOS RECHEIOS DE DUAS RESIDÊNCIAS PARTICULARES E FORAM TRANSFERIDOS PARA OS NOSSOS SALÕES DE VENDAS DA

RUA LUZ SORIANO, 53 (AO CALHARIZ)
AGÊNCIA SOARES & MENDONÇA, LIMITADA

Telef. 21312 (Antigo Palácio Ficalho) Lisboa

LEILÃO

BOM MOBILIÁRIO MODERNO, ADORNOS, PRATAS, ESPLÊNDIDAS ROUPAS DE LINHO BORDADO, CARPETES, MAPLES, QUADROS, LIVROS, BIBELOTS, ETC.

AMANHÃ, DOMINGO, às 14 e 30 e 21 horas

Por retirada para o Brasil, da Ex.ª Senhora Dona Etelinda Fernandes, todo o esplêndido recheio que guarnece o 3.º andar esq. da

AVENIDA PRAIA DA VITÓRIA

(Junto ao Cinema Monumental)

Agentes de Leilões PINTASSILGO & FERNANDES, LDA.

R. Eça de Queiroz, 3-3.º — Tel. 42018

Salvador Dali preconiza

o retorno ao realismo clássico
após a experiência do abstracionismo

(Continuação da página central)

«Le sevrage du meuble aliment». As sobranceiras carregadas e hirsutas contrastam com a ausência de suíças. Quando está de pé, Dali cruza as pernas e fica numa posição de desequilíbrio que ele anula, usando uma fina bengala com castão de prata trabalhada. Uma vez sentado, a bengala transforma-se em apoio de dois braços longos e desarticulados, onde se implantam mãos delgadas e nervosas.

O pintor está ali para tratar de negócios. Comunica-o aos jornalistas espanhóis presentes, esquivando-se à sua profissional curiosidade. Fica contrafeito quando lhe revelamos a duplicidade da missão que nos levava junto dele. Mesmo contrariado, accede a deixar-se entrevistar — a primeira vez que o faz a um jornalista português.

Põe, todavia, uma limitação: a entrevista não durará mais de dez minutos.

— Não tenho tempo para mais — justifica-se. — Além de que tenho nada de interessante para dizer.

Entretanto afastamo-nos para um canto do salão.

Entrevista contra-relógio

Os dez minutos prometidos vão principiar. Sinto que se esgotarão num ápice.

Trago-me a duzia de perguntas engatilhadas e disponho-me a dispará-las sem tardança. Mas Dali antecipa-se. Ele, afinal, também é senhor de ideias preconcebidas. Principia a falar de abstracionismo, sem qualquer propósito:

— Considero-o uma experiência necessária, mesmo indispensável. Mas nada mais que um estádio transitório, um notável esforço experimental que levará a arte a integrar-se, de novo, na grande tradição realista. Esse será o período concreto por que o artista sempre anseia.

Poucos seriam capazes de admitir a indicação de um retorno, como final da caminhada abstracionista. Mas Dali mostra-se convicto. O seu rosto, aliás, mantém a expressão de seriedade que nos desiludiu, no princípio da entrevista (queríamos um Dali cabotino) quando lhe perguntámos:

— Alguma vez pensou vir a ser Salvador Dali?

— Claro que sim — responde-nos, para logo acrescentar: — Em primeiro lugar quis ser cozinheiro. Depois Napoleão. E, finalmente, Salvador Dali.

Deixemo-nos de brincadeiras

O que haverá de verdade em tudo isto? Pressentimos o desejo de se arrojar valor exagerado. Tentamos, então, um gracejo, no intuito de espantar loucuras e exageros que não desistíamos de obter.

— Mas, se não conseguisse ser Salvador Dali, qual preferia: cozinheiro ou Napoleão?

Resposta do «pintor-louco» perfeitamente inesperada e desconcertante, ainda que arremetida por um sorriso irónico:

— Deixemo-nos de brincadeiras. Paradoxal. Pura e simplesmente paradoxal. Tanto mais que, a seguir, lhe ouvimos:

— Afinal, isso não me preocupa. Sou Salvador Dali. Tenho a certeza...

...de que sou Salvador Dali. Tenho a certeza...

...de que sou Salvador Dali. Tenho a certeza...

...de que sou Salvador Dali. Tenho a certeza...

...de que sou Salvador Dali. Tenho a certeza...

...de que sou Salvador Dali. Tenho a certeza...

...de que sou Salvador Dali. Tenho a certeza...

...de que sou Salvador Dali. Tenho a certeza...

...de que sou Salvador Dali. Tenho a certeza...

...de que sou Salvador Dali. Tenho a certeza...

...de que sou Salvador Dali. Tenho a certeza...

za. Descendente de Helena, nascida do ovo fecundado por Jupiter. Eu próprio me espanto do rigor mitológico da minha vida.

Não é possível marcar um rumo à entrevista. Salvador Dali, racional e p. reverendo, opõe-se. A custo formulamos as perguntas. E, nem sempre — ou muito raramente — obtemos respostas concretas. Dali dispersa-se. Descreve-nos, entusiasmado, a sua recente descoberta — genial, como ele a classifica.

Óculos para sonhar a cores

Trata-se dos «óculos para sonhar a cores», que a imprensa mundial já referiu.

— São uma verdadeira maravilha. Entre dois planos, as descargas eléctricas fazem movimentar pequenos objectos multicolores, impressionando vivamente a retina. Um grande oftalmologista francês procura, presentemente, aperfeiçoar a ideia, com o objectivo de possibilitar o fabrico de grandes quantidades destes óculos. Gostaria que, em breve, todo o Mundo sonhasse em cores.

Não foi possível conter-nos. Rimos sem rubor: Dali não se perturba e promete:

— Por altura do Carnaval no Estoril oferecer-lhe-ei uns.

Um criado aproxima-se a um sinal de Dali, que pede dois conhaques, arrastando docemente o «s» final, no acento catalão que imprime ao seu castelhano fluente. Não é só neste pormenor, aliás, que Dali exprime a sua satisfação por ter nascido na Catalunha, justificando o tradicional baírrismo dos naturais da região. Senão, atentemos nas suas palavras, quando inquirimos se preferia «D. Quixote» a «Sancho Pança», ou vice-versa.

— A minha simpatia vai para «D. Quixote». Mas um «D. Quixote» catalão, menos idealista e mais senhor das realidades. Para mim, a figura ideal seria um misto de Quixote e Sancho, o sonho e a verdade, o real e o ilusório, misturados em doses iguais.

O princípio do fim

Os dez minutos estavam no fim. Dali, que os esgotara matreiramente a seu belo prazer, olhou as horas duas ou três vezes. Lembra-nos-lhe que o gesto não está de acordo com a sua criação de relógio ondulante e dá-nos razão.

— Detesto chegar depressa ao fim. Por isso nunca viajo de avião. Apenas o fiz duas vezes na minha vida e estou arrependido. Não vale a pena viver, se não vivermos realmente. O comboio que me levará a Madrid, todavia, não compreenderá o seu e meu desejo e... partirá à tabela.

Imprimimos novo ritmo à entrevista. A uma pergunta sucede-se uma resposta, logo nova pergunta e nova resposta, sem interregnos nem vacilações.

— Qual o pintor que mais aprecia?

— Claude Monet, o mais impressionista de todos.

— Que significa, para si, Port Lligat?

— O único sítio do Mundo onde consigo realizar-me.

— E Nova York?

— O local onde tenho mais ideias. Existe um estranho factor cósmico que me influencia inefavelmente.

As últimas perguntas

A resposta está em contradição com outra que Dali deu, há semanas a um jornalista espanhol. Não fazemos, todavia, qualquer comentário a esse respeito. Prosseguimos no inquérito:

— Qual o seu melhor quadro?

— Santiago.

— E a seguir?

— A virgem de Port-Lligat.

— Sua mulher influencia a sua obra?

— A tal ponto que, por vezes, assino quadros com o seu nome.

Dali assinala o fim da entrevista. Levanta-se, mete a bengala debaixo do braço esquerdo, abre desmesuradamente os olhos, agita a mão direita num adeus que toca a quantos de quem não se despede pessoalmente e parte para Madrid, a caminho de Paris, onde, segundo já informaram as agências telegráficas, tenciona em breve fazer das suas. Dali tem imaginação de sobra e os homens continuam a gostar de abrir a boca, seja de espanto ou de máfia — V. D.

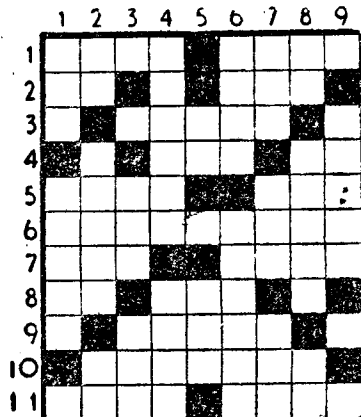
DIÁRIO DE LISBOA

EFEMERIDES

No dia 15 de Novembro de 1889 foi proclamada a República Federal do Brasil.

PAL. CRUZADAS (COM PROVERBIO)

Problema n.º 1421



HORIZONTAIS: 1 — A pessoa que, Garantia de pagamento de uma letra dada por terceira pessoa. 2 — Certo. Vende a crédito. 3 — Conjunção. Atraiçoar. 4 — Viscera. Canhamo de Manila. 5 — Urde. Conventualmente. 6 — Censurara. 7 — Logo que. Navegas. 8 — Artigo de finido. Pátria. 9 — Quadrupedes felinos da família dos felídeos. 10 — Logros. 11 — Chegar. Vento de Leste.

VERTICAIS: 1 — Pronome relativo. Província de Portugal no arquipélago de Sunda. 2 — Alguem. Sofrimentos. 101 em romano. 3 — 250 em romano. A ele. 4 — Acabar. Rei lendário sobre o qual Shakespeare escreveu uma das suas tragédias. 5 — Nesse lugar. Proposição e artigo (pl.). 6 — Semelhante. Ajiçura-se. 7 — Regressar. Botequim. Estou. 8 — Em partes iguais. Simples. Senhor. 9 — Ramagens.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo pas-satempo o Provérbio nela inserido.

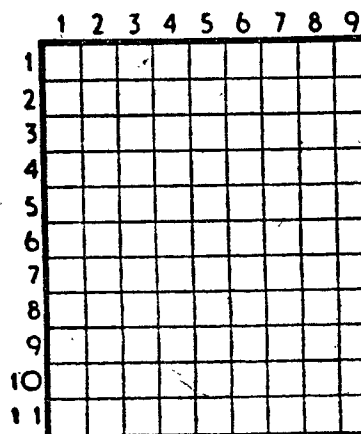
Solução do problema n.º 1420

HORIZONTAIS: 1 — QUEM. Ode. 2 — Ul. Aos. ME. 3 — Ama. Apa. 4 — Sota. Ora. 5 — AVISA. 6 — Ena! 7 — Amo. MEU. 8 — Morrereis. 9 — Ira. Asa. 10 — Rã. Pi. 11 — Ovas. Ases.

VERTICAIS: 1 — Quase. AMIGO. 2 — Ulmo. Amor. 3 — E. Ata. Ora. 4 — Má. Ave. As. 5 — Ou. Inces. 6 — Os. Osa. Pá. 7 — Ara. Meais. 8 — Empa. Leis. 9 — Reais. Usais. Provérbio — QUEM ME AVISA MEU AMIGO É.

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3504



HORIZONTAIS: 1 — Ordem religiosa e militar espanhola. 2 — Canção. Lá. 3 — Vês. Altar. 4 — Nociva. Porém. Doutor. 5 — A parte mais grosseira da farinha. 6 — Tiraras a vista. 7 — Traspassar. 8 — Preposição. Santo. 200 em romano. 9 — Letra grega (pl.). Sapo do Amazonas. 10 — Algarismo. A parte líquida do Globo. 11 — Balançar-se-iam.

VERTICAIS: 1 — Sossego. Página oposta à da frente. 2 — Espaço. O épico. 3 — Rio de Portugal. Preposição. Textualmente. 4 — Em partes iguais. Fluido aeriforme. Nota musical. 5 — Emparelharas. 6 — Batráquio. Ente. Ceu. 7 — Filéira. Oceano. Procedi. 8 — Alimentos verdes para o gado. Cruel. 9 — Amargão. Recuam.

Solução do problema n.º 3503

HORIZONTAIS: 1 — Noruega. 2 — Sarto. 3 — Em. Sra. Me. 4 —

Lua, Eis. 5 — Casal. 6 — Rios. País. 7 — Má. Sua. Rs. 8 — Morra. 9 — Hábitos. 10 — Casa. Ásia. 11 — Ló. Rés. Mó.

VERTICAIS: 1 — Delorme. Cl. 2 — Mu. Ia. Hão. 3 — Os. Aça. Mas. 4 — Rás. Assolar. 5 — Ursos. Uri. 6 — Eta. Apartas. 7 — Gó. Ela. Aos. 8 — Mi. Ir. Sim. 9 — Pesasse. Ao.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA NACIONAL — As 21, noticiário; 21 e 15, desdobramento; 21 e 45, noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — As 18, noticiário e danças; 18 e 40, recreio musical; 19, emissão infantil; 19 e 30, trechos em piano, por Liberace; 19 e 45, aguarela brasileira; 20, jornal sonoro; 20 e 15, música ligeira sinfónica; 20 e 30, que quer ouvir?; 21, junção dos emissores; 21 e 15, trechos em viola espanhola; 21 e 30, conjuntos vocais; 21 e 45, serão para trabalhadores. No intervalo: «Vozes do Mundo»; 23 e 30, danças; 23 e 45, junção dos emissores.

Programa «B» — As 18, «La Folie», de Corelli; 18 e 15, transmissão do Teatro Nacional de S. Carlos, do concerto em que colaboram a Orq. Sinf. Nacional, dirigida por António de Almeida e o pianista Philippe Entremont. No intervalo: noticiário e arja; 20 e 15, «Quinteto em mi bemol maior», para piano e cordas, de Schumann; 20 e 43, «Duas cantatas sagradas», de Milhaud; 21, junção dos emissores; 21 e 15, trechos de óperas; 21 e 15, radiodrama «Efígie em Taurida», de Goethe, sob o tema de Eurípedes, direcção de Samuel Dinis; 22 e 45, que quer ouvir?; «Concerto», de Brahms, para violino e orquestra, por Heifetz e a Orq. Sinf. de Chicago, dirigida por Fritz Reimer; «Fantasia», para piano, coró e orquestra, de Beethoven, pela Orq. Sinf. da Rádio de Berlim, coró e o pianista Aldo Schoen, sob a direcção de Walter Ludwig; 23 e 45, junção dos emissores.

RADIO CLUBE — As 17 e 30, variedades; 18, ritmos de baile; 18 e 30, fados e guitarradas; 19, quer um conselho?; 19 e 15, Renato Carosone; 20 e 15, apontamento do dia; 20 e 20, solistas; 20 e 30, Onda desportiva; 21, imagens por música; 21 e 30, língua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, trechos recreativos; 22 e 30, cultura espanhola; 22 e 45, canções; 23, concerto; 23 e 30, ritmos de baile, do Casino Estoril; 23 e 45, agenda; 23 e 50, conjuntos; 0 e 30, noticiário; 0 e 40, ritmos de baile.

Estação de Miramar — As 18, paisagem infantil; 18 e 30, canções; 19, palestra de língua portuguesa; 19 e 30, isto é Portugal; 20, boletim informativo; 20 e 10, conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30, vida desportiva; 21, noticiário — canta Lorenzo Gonzales; 21 e 30, orquestras ligeiras; 22, programa para a mulher; 22 e 5, Brasil; 22 e 30, conjuntos instrumentais; 22 e 45, melodias; 23, trechos de operetas; 23 e 30, Lobos do Mar; 23 e 45, artistas portugueses; 0, ritmos de baile.

RADIO RENASCENÇA — As 18 e 30, terço e bênção; 19 e 25, boletim do S. C. R.; 19 e 30, França, horizonte do Mundo; 19 e 45, solos de guitarra; 20, música para o seu jantar; 20 e 30, noticiário; 20 e 55, meditando; 21 e 5, as ultimas novidades; 21 e 30, música portuguesa; 21 e 50, melodias; 22, no reino das musas; 22 e 20, música coral; 22 e 45, noticiário; 22 e 57, boletim religioso; 23, serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 às 19 e 30, Rádio Peninsular; 19 e 30 às 22, Voz de Lisboa; 22 a 1, Clube Radiofónico de Portugal.

HA TRINTA ANOS

Do «Diário de Lisboa» de 15 de Novembro de 1928: «Ferreira de Castro entrevistou em Madrid a sr.ª D. Isabel Ratazzi, filha da princesa Ratazzi, autora do célebre livro «Portugal à voad'oiseau».

— A princesa falava muito de Portugal?

— Oh, muito! Mais de uma vez lhe ouvi dizer que tinha... que tinha, como os senhores dizem, saudades...

— Conto, algumas máguas levia guardar... Camilo foi, deveras, severo.

D. Isabel furta-se á resposta: — Não me lembro de lhe ter ouvido queixas. O seu livro, que tanto ruído fez, foi mal interpretado pelos Portugueses.

SEMANA DO CONTRIBUINTE

PARECER sobre a aplicação dos preceitos do Decreto n.º 40.874, de 23 de Novembro de 1956.

Diz-se no relatório que precede aquele diploma: «... tem sido preocupação constante do Governo a criação de condições favoráveis ao desenvolvimento de um programa de investimentos suficientes para assegurar um nível elevado de actividade económica.

Dispôs, o mesmo decreto, no seu artigo 1.º:

— As empresas que a partir da entrada em vigor deste decreto (28 de Novembro de 1956) e até 31 de Dezembro de 1960 procedam a investimentos produtivos que conduzam a novos fabricos ou á redução de custo ou melhoria de qualidade dos produtos que já fabriquem beneficiarão, na parte da contribuição industrial respeitante á unidade fabril em que for feito o investimento de reduções. Assim e de acordo com o citado diploma, para serem concedidas autorizações para aproveitamento do benefício de que trata, é necessário:

— Efectuar investimentos que conduzam a novos processos de fabrico, ou á redução de custo ou melhoria de qualidade dos produtos fabricados.

Consideram-se investimentos produtivos os que tenham visado a aquisição e entrada em funcionamento, em primeira utilização, de:

a) Máquinas, aparelhos e ferramentas, fixos ou móveis, e outras instalações semelhantes que numa empresa industrial constituem os instrumentos de fabrico, extracção ou transformação;

b) Equipamento industrial destinado a produzir força motriz necessária á propulsão das máquinas, aparelhos e ferramentas produtivas.

E, para aproveitar do benefício, deverá:

— Apresentar-se o requerimento com o pedido de concessão do benefício, depois dos investimentos terem sido realizados, isto é, depois da entrada dos maquinismos em funcionamento, e nunca antes, devendo dele constar sempre a data em que tal facto se verificar.

Este requerimento deverá ser acompanhado:

A) Especificação dos equipamentos, materiais e data da sua entrada em funcionamento;

B) Documentos justificativos do custo dos investimentos realizados; e

C) Será entregue na Direcção-Geral das Contribuições e Impostos ou na secção de finanças do concelho ou bairro em cuja área esteja situada a respectiva unidade industrial.

Finalmente:

Os requerimentos serão dirigidos a Sua Excelência o Senhor ministro das Finanças e deverão ser apresentados, dentro do prazo de trinta dias, a contar da data em que o investimento foi realizado.

A falta de entrega dos requerimentos dentro do prazo estabelecido importa a perda da dedução quanto aos anos em que a contribuição industrial esteja já liquidada á data da entrega do pedido.

E somente depois da apreciação do Senhor ministro das Finanças, sobre a entrada em funcionamento dos equipamentos e materiais em que foi feito o investimento e sobre a influência que os mesmos exerceram relativamente á introdução de novos processos de fabrico ou á redução do custo e melhoria de qualidades dos produtos, se poderá saber do benefício a que se tem direito.

A decisão será notificada á firma requerente.

TELEVISAO

Hoje, ás 21, abertura da emissão; 21 e 2, noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10, jornal de actualidades internacionais; 21 e 25, «Galeria de Artes»; 21 e 40, «O Agente Rádio-Activo»; 22 e 30, «Tele-Desporto»; 23, «Na Rua e na Estrada»; 23 e 15, actualidades nacionais e ultimas notícias; 23 e 30, fecho da emissão.



— O que é que vai do Algueirão ás Mercês sem dar um passo?
— Não sei.
— E' a estrada, meu burro!

CARTAZ DO DIA

TEATROS

MONUMENTAL — As 21 e 45 — «A rainha do ferro-velho»
AVENIDA — As 21 e 45 — «O Men-tiroso»
TRINDADE — As 21, 45 — «O diário de Anne Frank»
MARIA VITORIA — As 20 e 30 e ás 22 e 45 — «Por causa delas...»
OLISEU — As 21 e 30 — Companhia Internacional de Circo.

CINEMAS

FIVOLI — «Segredos de alcova»
SÃO LUIZ — «Indiscreto»
SÃO JORGE — «Hércules»
MERIEU — «Os dez mandamen-tos»
EDEN — «A sede do mal»
POLITEAMA — «Vingador sem piedade»
ALVALADE — «Indiscreto»
MONUMENTAL — «Miss Bá»
ROMA — «A sede do mal»
JOEON — «O pinga amor»
CONDES — «Os miseráveis»
AVIS — «A rapariga das violetas»
OLIMPIA — «150 milhas acima da terra»
RESTELO — «Rainha até ao fim»
IDEAL — «Duelo de fogos»
PROMOTORA — «Escandalo no colégio»
CAMPOLIDE — «Grandes esperanças»

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco a moderado de Norte. O Céu estava pouco nublado por acção de uma massa de ar transportada na circulação de um anticiclone centrado a Nordeste dos Açores.

Temperaturas ás 9 horas: Porto, 11°; Penhas Douradas, 6°; Coimbra, 9°; Portalegre, 10°; Lisboa, 12°; Faro, 13°; Funchal, 17°.

PREVISÃO ATE AS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu geralmente limpo, com excepção da orla costeira a Norte do cabo Espichel, onde estará, por vezes, muito nublado. Vento moderado de Norte. Continuação do bom tempo, com acentuado arrefecimento nocturno.

FARMACIAS DE SERVIÇO

JURNO C — União — Estrada de Benfica, 592-594. Tel. 780092; Vitex — Estrada de Benfica, 373-B. Tel. 780548; Curie — Avenida Madame Curie, 15-A. Tel. 784339; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35. Carnide. Tel. 780181; Laranjeiras (Das) — Rua Filipe da Mata, 160-162. Tel. 781035; Central do Lumiar, 77. Tel. 779480; Brasil — Avenida Rio de Janeiro, 86-88-A. Tel. 723363; Sanex — Avenida da Igreja, 31-C. Tel. 776905; Belmar — Avenida de Roma, 53-A. Tel. 776314; Algarve — Avenida de Roma, 7-B. Tel. 777478; Garantia — Avenida Padre Manuel da Nobrega, 5-A-B, á Praça do Areeiro. Tel. 727300; Unilida — Avenida João XXI, 13-A. Tel. 726348; Campo Pequeno (Do), Avenida da República, 58-D-E. Tel. 771661; Vale — Avenida Marques de Tomar, 45-49. Tel. 773043; Universai — Rua Actor Taborda, 5-7. Tel. 41158 — A — Novais — Avenida Luis Bivar, 11-13. Tel. 44324. Ascenso — Rua 27 41, Bairro da Encarnação. Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19. Tel. 389237; Conceição — Calçada D. Gastão, 30-32. Tel. 381279; Pereira, Suc. — R. do Paraíso, 98-100. Tel. 863224; Silva — Calçada de Santo Andre, 16. Tel. 862074; Branquinho — Rua dos Sapadores, 87. Tel. 842725; Luzmar — Rua 2, 16, Bairro de Santa Engrácia. Tel. 723395; Iberia — Rua Barão de Sabrosa, 235-A, a Alameda. Tel. 728277; Bastos — R. Morais Soares, 91-D. Tel. 814350; Castro — Avenida Almirante Reis, 76-A-B. Tel. 44373; Peninsular — Campo dos Mártires da Pátria, 117-118. Tel. 53308; Vicente de Jesus — Largo do Rato, 3-C-D. Tel. 641947; Salutar — Rua B, 75-A-B, Bairro da Liberdade. Tel. 683694; Justice de Oliveira — Rua de Campolide, 54-A. Tel. 684424; Pinheiro — Rua de Campo de Ourique 131-133. Tel. 663640; Janeiro — Avenida Alvares Cabral, 100, ao lado do Liceu Pedro Nunes. Tel. 661453; Tagus — Praça Possidónio da Silva, lote 3. Tel. 669485; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3. Tel. 610256; Gomes, Suc. (Gonçalves) — Rua da Junqueira, 326. Tel. 638193; Costa — Rua dos Lustres, 32. Tel. 636704; A. Cesar — Rua Prior do Crato, 74. Tel. 660197; Guerreiro da Costa — Rua das Janelas Verdes 90. Tel. 662327; Mota Capitão — Rua de S. Félix, 45-A-B. Tel. 660720; Fenix — Rua da Cruz dos Poiais, 52. Tel. 21031; Sanitas — Praça Luis de Camões, 24. Tel. 22793 — A — Liberal — Avenida da Liberdade, 217-219. Telef. 43641; Ferrão — Rua da Mouraria, 12. Tel. 360464; Portugal — Rua Augusta, 216-218. Tel. 22073 — A — Farmácia Remísio — Rua dos Jerónimos, 14-C. Telefone 631699.

SÉRIE SUPER-DE-LUXE COMPLETO AUTOMATISMO

ECRAN DE 43 CMS.
ROBOT-REGULADOR PARA SINTONIZAÇÃO AUTOMÁTICA
OLHO MÁGICO DE CONTRASTE PARA REGULAÇÃO AUTOMÁTICA
GERADOR DE IMAGENS NÍTIDAS
FORMADOR DE SOM BLAUPUNKT COM REGULADOR ACÚSTICO
2 ALTIFALANTES PARA SOM EM 3D COM COMPRESSOR DE RESSONÂNCIA
BÚSSOLA COM FITA MÁGICA
ANTENA BIPOLAR INCORPORADA

Preço Esc. 7.990\$00

À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

PONTO AZUL

Os exemplos dos «jovens» centenários

HOUSTON (Texas), 15 — Walter Williams, o mais velho veterano da guerra civil dos Estados Unidos, celebrou, ontem, o seu 116. aniversário natalício, tendo comido e bebido bem e fumado um grande charuto que lhe ofereceram os amigos. — (A. N. I.).

RICHMOND (Virgínia), 15 — Vive nesta cidade um homem que parece apostado em contrariar os mais firmes princípios da dietética.

Samuel Osborne, com 100 anos, fuma desde os 13 anos e é de opinião que um cálice de aguardente, todos os dias, é a melhor forma de evitar a visita dos médicos. — (A. N. I.).

SALT LAKE CITY, 15 — Com 103 anos, a sr.ª Jane Belle Clark foi submetida, com êxito, a uma operação cirúrgica, no hospital desta cidade, em consequência de ter fraturado os ossos da bacia.

A intervenção durou trinta minutos e é completamente satisfatório o estado da operada. — (A. N. I.).

Os acontecimentos na Argentina

(Continuação da 1.ª página)

dente Frondizi recebeu os dirigentes da Federação Sindical Peronista, conhecida por «os 62 sindicatos», numa tentativa para evitar que levem à frente a anunciada greve geral de 48 horas, a começar no dia 20.

Nos círculos políticos afirma-se que «os 62 sindicatos» estão a estudar a possibilidade de decretarem para já a paralisação do trabalho se não cessar imediatamente a rusga aos peronistas, que se realiza em todo o país sob o estado de sítio. No entanto, centenas de prisioneiros políticos foram postos em liberdade nas últimas vinte e quatro horas, anunciando-se oficialmente que muitos poucos continuam detidos.

Ontem à noite, um elemento do Governo afirmou que «os 62 sindicatos» vão suspender por completo a ordem de greves. — (A. N. I.).

Estão presos dirigentes peronistas

BUENOS AIRES, 15 — Cerca de 80 dirigentes peronistas, presos na capital e na província, em consequência do «estado de sítio», foram transferidos para a base naval de Puerto Belgrano, a 700 quilómetros ao Sul de Buenos Aires. — (F. P.).

Talm Beach

**ANA MARINELLI
HELENA TAVARES
IVONE e CLARA**

Adultos (maiores de 17 anos)

TAMARAS DA ARGÉLIA

NOVA COLHEITA
MARTINS & COSTA
RUA DO CARMO, 41

RESTAURANTE CASTANHEIRA

LUMIAR Telefone 779168

Todos os dias menús variados
Salas para banquetes e lanches
de casamento

SALA DE CHÁ — CAFÉ BAR
Serviço diário das 12 às 24 horas

Kruchchev proclamou o carácter pacífico da política externa da União Soviética e falou dos seus problemas económicos

MOSCOVO, 15. — Numa alocução, pronunciada ontem, no Grande Palácio do Kremlin e dirigindo-se aos oficiais recentemente promovidos nas academias militares da U. R. S. S. Kruchchev acentuou o «carácter pacífico» da política externa soviética e protestou contra «os pactos agressivos» tais como a N. A. T. O.

Analisando a situação no Médio Oriente, disse:

«Os acontecimentos do Iraque encheram de pavor as potências imperialistas e os países limitrofes do Iraque cujos reis e Governos tremaram de medo. Não foi o comunismo nem a União Soviética que os atemorizou, mas sim os seus próprios povos. Nesses países, são os Estados Unidos e a Grã-Bretanha quem assume voluntariamente, as funções de «gendarme» internacional embora nenhuma força de «gendarmaria» vinda do exterior possa salvar os reis e governantes que não se preocupam com os interesses da sua própria nação e se apoiam em forças imperialistas estrangeiras».

Occupando-se da situação internacional reiterou os ataques ao grupo «anti-partidos», incluindo, novamente, o marechal Bulganine.

Sobre o novo plano setenial afirmou que o principal objectivo era assegurar «o maior progresso de todos os ramos da economia».

Comentou largamente os problemas económicos da U. R. S. S. e disse nomeadamente:

«Pensamos em convocar uma sessão do «comité» central, em Dezembro próximo, para estabelecer o balanço do trabalho feito até agora e definir as tarefas que se impõem à agricultura para o próximo período».

A Rússia

parece disposta
a discutir em Genebra
a inspecção aérea

GENEVA, 15 — Começou esta manhã a quinta sessão oficial da conferência Leste-Oeste, para estudo dos métodos de prevenção dos ataques de surpresa.

Entretanto, anuncia-se que a Rússia está disposta a discutir um plano limitado de inspecção aérea, como parte de um acordo global contra a possibilidade de ataques de surpresa. Com efeito, a Rússia propôs o assunto para debate, juntamente com o problema do estabelecimento de postos de observação nas áreas mais importantes de concentração de tropas.

Nos círculos diplomáticos ocidentais, há franco ceticismo sobre até onde irão os Russos neste campo, duvidando-se que a União Soviética se aproxime do projecto «céu aberto» sugerido pelo presidente Eisenhower na conferência de Genebra de 1955. — (A. N. I.).

Os trabalhos de hoje

GENEVA, 15 — A quinta sessão de trabalho da conferência sobre a prevenção dos ataques de surpresa, sob a presidência de de Leusse, chefe da delegação francesa, terminou às 10 e 30 e a próxima foi marcada para segunda-feira à mesma hora. — (F. P.).

Criticou, por outro lado, a política de preços feita pelos seus predecessores e declarou:

«Não é útil proceder a uma baixa geral de preços, como fazíamos antigamente, quando essa baixa é só aproveitada pelos salários altos. Seria mais justo empregar os fundos correspondentes em subir os ordenados baixos e no aumento das pequenas pensões». — (F. P. e R.).

O Governo de Berlim está pronto a negociar com os três países do Ocidente

(Continua na última página)

actos do regime da zona oriental. Os Estados Unidos querem demonstrar aos seus aliados que se manterão firmes na posição assumida perante a questão de Berlim Ocidental ou outra qualquer, em face da ameaça comunista.

Notícia-se que o secretário de Estado Foster Dulles, estuda a hipótese de ser publicada uma declaração conjunta dos «Três Grandes Ocidentais», na qual se reafirmaria o seu propósito de se conservarem em Berlim sob quaisquer circunstâncias. Mas uma das desvantagens que tal iniciativa acarretaria — dizem as autoridades diplomáticas — seria precisamente concentrar maior atenção ainda no ponto nevrálgico, ajudando talvez o jogo do chefe do Governo russo. — (F. P. e A. N. I.).

O Governo de Berlim está pronto a negociar

BERLIM, 15 — Walter Ulbricht declarou, ontem à noite, numa reunião eleitoral em Leipzig, que o Governo de Berlim, está pronto a negociar com as potências ocidentais sobre todos os assuntos que interessam as comunicações aliadas com Berlim-Oeste através do território da República Democrática alemã. Disse:

«Se os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a França possuem interesses em Berlim-Oeste, que não recusem a luz do dia e que desejam, bem como o Senado de Berlim-Oeste, conservar, os representantes das três potências ocidentais podem discutir com o nosso Governo todas as questões, incluindo as que interessam as suas comunicações através da R. D. A. Nós não seremos mesquinhos». — (F. P.).

Moscovo acusa os E. U.

LONDRES, 15 — A Rádio de Moscovo acusou, hoje, os Estados Unidos de violarem o Acordo de Potsdam e afirmou que as potências ocidentais destruíram qualquer direito legal de permanecerem em Berlim.

Pontes autorizadas, em Washington, afirmaram, ontem, que as potências aliadas chegaram a acordo em que a actual situação não requereria qualquer diligência especial, além da reafirmação do compromisso do Ocidente de defender o Oeste de Berlim pela força, se fosse necessário. Crê-se, por outro lado, que o Ocidente rejeitou a ideia de um aviso formal à Rússia sobre as consequências prováveis de uma tentativa unilateral para pôr termo ao Governo das quatro potências em Berlim).

O comentador da rádio de Moscovo afirmou, ainda, que os Americanos continuavam a utilizar a parte do Acordo de Potsdam que

A princesa quer casar por anúncio

COPENHAGUE, 15 — Apareceu hoje o seguinte anúncio de casamento num dos jornais mais importantes da Jutlândia:

«Princesa, pertencente a uma família real muito conhecida, muito interessante, rica e nova, deseja conhecer cavalheiro, com vista a futuro matrimónio. Não é necessário qualquer título de nobreza, mas prefere-se pessoa de vincada personalidade e de idade não superior a cinquenta anos». — (A. N. I.).

Ultimas notícias

O regresso a Lisboa do ministro do Ultramar

LUANDA, 15 — O ministro do Ultramar partiu às 13 e 15, num avião da T. A. P., de regresso a Lisboa. — (A. N. I.).

Adiada a experiência com o foguetão «Atlas»

CAPE CANAVERAL, 15. — Foi adiado, pela segunda vez, o lançamento do primeiro projectil balístico intercontinental norte-americano, «Atlas», por motivos técnicos.

O engenho, que pesa cem toneladas, encontrava-se já na torre de serviço, esta madrugada, e havia começado a encher os depósitos com oxigénio líquido, quando os alto-falantes anunciaram inesperadamente o adiamento. Suspeita-se avaria no sistema de válvulas ou a descoberta de fugas no tanque. — (A. N. I.).

situação em Berlim

BERLIM, 15 — Não foi anunciada hoje qualquer interferência no tráfego de Berlim. Quatro comboios militares americanos passaram a fronteira sem dificuldades — segundo informam círculos oficiais. Dois procediam da zona ocidental para Berlim e os outros dois dirigiam-se da cidade para aquela zona. — (A. N. I.).

O problema da Argélia

CAIRO, 15 — O chefe do Governo provisório da Argélia, Fehrat Abbas, partiu hoje, de avião, para a Suíça. — (R.).

Abalos sísmicos na Grécia

ATENAS, 15 — As primeiras horas de hoje abalos sísmicos sacudiram esta cidade e o Centro e o Sul da Grécia.

O observatório de Atenas informou que o sismo era de «intensidade média» e o epicentro foi localizado em Kalavrita, a cerca de 145 quilómetros a Oeste desta cidade. Não há notícia de vítimas. — (R.).

Uma greve

ameaça 40.000 operários

LONDRES, 15 — Cerca de 40.000 operários das fábricas de automóveis da «British Motor Corporation» estão ameaçados de desemprego, devido a uma greve pela qual são responsáveis 275 dos seus colegas. Estes são os motoristas dos camiões que transportam, de uma fábrica para outra, certas peças sobresselentes.

Cessaram o trabalho anteontem para apoiar um pedido de aumento de salário. — (F. P.).

Evidência de cólera

KARACHI, 15. — Declarou-se uma epidemia de cólera num bairro desta cidade, onde causou já 12 mortos. O sector contaminado ficou imediatamente isolado e os moradores vão ser vacinados. — (F. P.).

RIBATEJANO

SALVATERRA DE MAGOS — TELEF. 14

DOMINGO, ALMOÇO REGIONAL E CHÁ DANÇANTE
4 RANCHOS FOLCLÓRICOS

EMENTA: Caldeirada à fragateiro, Ensopado de enguias, Fataça à Ribatejana, Filetes com arroz de mariscos, Cherne à campino, Dobrada à moda da casa, Souté de cabrito com ervilhas, Cabrito assado à Ribatejana, Perdiz à camponesa, Lombinhos de porco no espeto, etc. etc.

INFORMAÇÕES E RESERVA DE MESAS EM LISBOA
Telefone 770320 (6 anos)

CONSTIPAÇÕES

EVITAM-SE TOMANDO
ESOBACTULIN

(CAPSULAS)

VACINA POR VIA ORAL

SUMÁRIO

«O Finezão»
ALEXANDRE CABRAL
Bilhetes Paulistanos
MIGUEL URBANO RODRIGUES
Os críticos e o 1.º Salão de Arte Moderna
FERNANDO PERNES
Elogio da Velhice
ALFREDO BRAS
A conquista do Espaço
MANUEL SALGUEIRO
Cronica de Londres
LUIS DE SOUSA REBELO
Fim-de-semana feliz
CICERONE
Apontamentos para os tempos futuros
DIOGENES
Postal Ilustrado
MANUEL GRA
Ganhe 100\$00 com um sorriso nos lábios
A presença do povo
AUGUSTO DA COSTA DIAS
Saiba com.
Ouvindo bater o coração do Mundo
WILLIAM SIMPSON
M. CAROLINA FREITAS
Eduquemos o nosso filho
M. LACCIA DA SILVA ROSA
Comentário humorístico ilustrado
VILHENA
Página da Mulher

magazine

E UM GRANDE PÊSO



ELOGIO DA VELHICE

Por ALFREDO BRAZ

SOMOS geralmente injustíssimos para com a velhice. Atribuímos-lhe todos os males, vemos nela exclusivamente uma privação e uma mutilação, esquecendo levemente o contributo dos chamados «velhos» para o progresso do Mundo.

Esquecemos, por exemplo, que Sófocles escreveu o «Édipo em Colono» aos 89 anos e Goethe tinha 83 quando deu os últimos retoques no seu «Segundo Fausto»; que Ticiano pintou a «Descida da Cruz» com a bonita idade de 97 anos, e Verdi já contava 85 quando compôs o seu «Te Deum». Olvidamos que Voltaire, Vitor Hugo, Anatole France, Bernard Shaw, André Gide, Picasso e tantos outros nos deram algumas das suas obras mais importantes depois dos 70 anos.

E, para não falarmos só de artistas, como será possível ignorar a extrema lucidez e a meritória actividade tão amplamente ainda hoje manifestadas por Bertrand Russell e Albert Schweitzer, «velhos» respectivamente de 86 e 83 anos, ou a espantosa combatividade evidenciada pelos «velhos» Clemenceau e Churchill em momentos particularmente dramáticos da história das suas pátrias?

Dir-me-ão, possivelmente, que os casos referidos são meras excepções e não terei outro remédio senão reconhecer que assim é, embora me seja possível alegar não serem os «valores» da juventude e da maturidade muito menos raros. Mas a própria existência destas excepções não será de molde a demonstrar que a velhice também pode ser uma fecunda época da vida humana e não só, como querem os seus detractores, um período de senilidade e uma antecâmara da morte?

Senilidade e aproximação da morte, eis os dois espectros tenebrosamente agitados pela ideia da velhice diante daqueles para quem a vida se limita meramente à actividade física e não há dúvida de que esses têm toda a razão para de tal maneira temerem o envelhecimento.

Para que servirá, de facto, a existência de um «puro» animal privado da sua capacidade reprodutora, impossibilitado de correr, de saltar e de disputar em ardorosa luta a posse da presa desejada? Simplesmente os que assim pensam esquecem-se lamentavelmente da existência de um género especificamente humano de actividade capaz de permanecer constante até uma avançada idade — a actividade espiritual. E não há dúvida de que, encarando o homem sob o aspecto desse tipo superior de actividade, nos veremos forçados a reconhecer que há muitos «velhos» cuja juventude de espírito é notória e muitos «jovens» apresentando sintomas de uma irreparável senilidade.

É evidente que o facto do homem conseguir manter até avançada idade uma intensa actividade espiritual de forma alguma impedirá o embrandecimento dos seus cabelos e a esclerose das suas artérias, como também não evitará a aproximação da morte, mas certamente afastará do seu caminho a amarga sensação de inutilidade social e o embotamento da senilidade tão vulgares nas pessoas idosas e que fazem da velhice uma apática espera da morte.

Uma bela e sábia velhice não pode ser, por conseguinte, obra de mero acaso ou consequência de uma

deliberada escolha feita «in-extremis», mas a natural conclusão de uma juventude e de uma maturidade convenientemente vividas. Porque assim como sucede com os vinhos que, consoante os cuidados tidos com a sua preparação, tanto podem refinar de qualidades com o decorrer do tempo como tornar-se intragáveis e azedos, também a velhice de um homem dependerá estritamente do tratamento recebido pela sua personalidade nas anteriores etapas da sua vida.

Evidentemente que uma mocidade narcisicamente passada no exclusivo empenho de cultivar o físico poderá garantir um mais longo

período de sã e higiénica imbecilidade, mas de forma alguma será garantia de uma velhice bela e feliz. Também aqueles que na maturidade se deixaram mergulhar no tépido e deletério banho do egoísmo e só almejavam dinheiro, honrarias e sucesso, estarão inevitavelmente destinados a uma antipática senilidade. Mas se o ancião conseguiu ser plenamente jovem na sua juventude, isto é, se conseguiu ser

(Continua na página seguinte)



Tem na verdade um enorme peso sobre as costas! Erich Koch, ex-gauleiter nazi, é acusado de ter mandado exterminar cinco milhões de Judeus, Polacos e Russos. A foto foi tirada no decorrer do seu julgamento, que está presentemente a realizar-se em Varsóvia. Erich Koch parece estar apreensivo

A CONQUISTA DO CEU

O HOMEM, PRISIONEIRO DA TERRA?

VIMOS, no ultimo numero, como o homem, antes de penetrar realmente nos espaços siderais (como está agora procurando fazer, nas alegres surtidas de Cape Canaveral) já o fizera em sonhos. De onde

se prova uma vez mais o célebre dito de Oscar Wilde, segundo o qual «a Natureza copia a arte». Icaro quis voar ao Sol com asas

de cera. O imperador persa Kim Kaus pretendia chegar à Lua num carrinho de madeira levíssima atrelado a quatro águias reais.

Sabemos como terminaram estas aventuras.

Ora a lenda nada mais é, muitas vezes, do que uma fome em beleza da realidade. Mas a realidade apenas mata essa fome — e por isso a tendência insofrida do homem de transformar os sonhos em realidade... Mas o sonho é a realidade para amanhã — e por isso a tendência do homem de transformar a realidade em sonho...

Antes de irmos à Lua é preciso conhecer o caminho. Paradoxalmente, para melhor conhecermos a Lua devemos, primeiro conhecê-la bem... Quem diz Lua, diz Sol, Mercurio, Vénus, Marte...

O estudo da Astronomia é daqueles que mais têm apaixonado os homens. «Encostados às grades da prisão, olham o céu os pálidos cativos...»

Olham — e aprendem-no.

Os Gregos adiantaram-se na corrida com gigantes passos. Pitágoras, filósofo e matemático, que viveu entre 570 e 496 antes de Cristo, ensinava já a esfericidade da Terra e do Sol. Ensinava ainda aos seus discípulos que a Terra possui movimento de rotação, que as estrelas constituem outros tantos sóis à volta dos quais giram planetas que, sem dúvida, são habitados por seres vivos análogos aos homens.

Estas verdades arrefeceram depois — e acabaram por ser desmanteladas. Essa distinção principiou com Cláudio Ptolomeu, falecido no ano 168, da nossa era: a Terra ocupa o centro do Mundo; os planetas e o próprio Sol giram em volta deste... A região etérea que cercava a nossa atmosfera, feita de ar e de fogo, compreendia onze céus circulares, para além dos quais se estabelecia o Paraíso dos Bem-aventurados...

Com o andar dos tempos, esta fantasia avolumou-se. No VIII século admitiu-se que a terra era uma vasta planície sustentada por quatro colunas postas sobre quatro delfins que nadavam num mar de leite...

Um pouco mais tarde, ia-se ao ponto de afirmar que o nosso Globo era constituído por duas esferas não concêntricas, uma líquida, outra sólida...

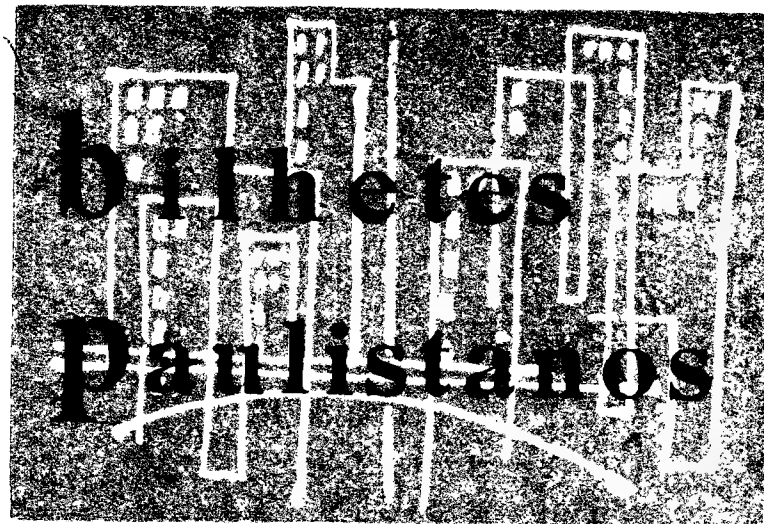
De qualquer maneira, a Terra permanecia imóvel — e o Sol e os

(Continua na página seguinte)

(Continua na 7.ª página)



Eis a nova linha de elegancia: não é saco nem ampulheta, mas um produto de ambos. A sua criadora, Monna Lea Livoli, diz-se que se inspirou no Japão e nós não pomos nisso a menor duvida. Está a vista



SÃO PAULO (Outubro) — A capital bandeirante acaba de descobrir o maior nome do teatro contemporâneo: Bertolt Brecht, Sandro e Maria della Costa arrostando com todas as dificuldades inerentes à montagem de uma obra do genial dramaturgo alemão decidiram apresentar em São Paulo «A alma boa de Setsuan» (Derguter mensch von Setzuan), peça presentemente em cena em Londres, Paris, Berlim, Bruxelas e Milão.

A estreia foi um fracasso completo. O publico elegante das «premiéres», a nata da «society» paulista não compreendeu, nem quis compreender. Tudo indicava que a iniciativa ia ser mal sucedida. Mas, decorrida uma semana, o Governo do Estado concedeu o seu patrocínio ao espectáculo, permitindo que o Teatro Popular de Arte reduzisse os preços. O povo acorreu, atraído pela curiosidade e pelos elogios da critica. E gostou, comentou o que percebeu, tentou adivinhar o que lhe escapou, emocionou-se, trouxe «A alma boa de Setsuan» para a rua. E aquilo que parecia um malogro irremediável transformou-

se no maior êxito teatral do ano.

Um dos maiores segredos de Brecht é precisamente esse: transformar o espectador através dos efeitos estéticos, de molde a produzir nele uma verdadeira conversão moral e social. Em «A alma boa de Setsuan» o publico encontra-se colocado em face de um esquema teatral completamente diferente do habitual. Tudo é novo na temática e na encenação brechtianas. «Forneço doces e espero que alimentem o publico como pão», afirmou um dia o autor em resposta a um critico para explicar o sentido e os objectivos da sua obra. Brecht descobriu que o melhor processo de esclarecer o povo chamando-o à compreensão de certas realidades era divertilo, captando a sua atenção e o seu interesse.

«A alma boa de Setsuan» não é uma peça triste nem alegre — é generoso, inconformista, impetuoso e sonhador; se na idade madura soube atingir a moderação e o equilíbrio, mas sem atraiçoar os sonhos generosos da sua juventude, então é natural que esteja apto a cons-

ELOGIO DA VELHICE

(Continuação da página anterior)

truir um fim digno e feliz para a sua existência.

Talvez que o segredo de uma boa velhice reside afinal na capacidade de manifestada pelo homem para sair de si próprio, para se voltar para o exterior e se interessar o mais possível pela vida dos outros homens. Isso o impedirá de, no fim da vida, mergulhar num doloroso autismo e o conduzirá a saber procurar na beleza e na eterna juventude do Mundo um tônico para a sua alma e para os seus olhos já fatigados, em vez de mais ainda os cansar na estéril e desencantada contemplação das suas próprias rugas.

Es como poderá sentir-se realmente velho e inútil um homem que, seja qual for a sua idade, se mantém enraizado na vida, que se não «desinteressar» e não deixou substituído por notáveis recordações os ardentes sonhos da sua juventude e as aspirações da sua maturidade?

Conta-se que quando Clemenceau já contava mais de oitenta anos foi procurado pelo dr. Voronoff, o famoso apologeta da enxertia das glândulas de macaco, o qual pretendeu convencê-lo a sujeitar-se a uma operação de rejuvenescimento. O velho «Tigre», depois de escutar pacientemente os argumentos do célebre médico, teria rematado a conversa com esta desconcertante resposta: «O seu método parece-me excelente. Experimentá-lo-ei quando for velho».

Verdade ou simples anedota, a espirituosa resposta do grande político francês serve para demonstrar que o homem dotado de intensa vida espiritual só tem a velhice que ele próprio aceita, isso não obstante as rugas, os cabelos brancos, a esclerose e o reumatismo inevitáveis.

Também a célebre alocução dirigida por Anatole France aos estudantes é, tanto ou mais do que a resposta de Clemenceau, o curioso exemplo de uma juventude de espírito que recusa a velhice e se mantém plena e comunicativa apesar da idade. Não resisto mesmo a

tentação de dar-vos uns pequenos fragmentos do notável discurso, a fim de que possais verificar em que extrema posição júnior pode situar-se o espírito de um homem já «velho» e, ainda por cima, «consagrado». Escutai, pois, estas curtas passagens:

«Vós tendes ouvido dizer que a vida é curta; é necessário, para lhe dar uma humana e bela proporção, prolongá-la no passado e no futuro: no passado pelo estudo, no futuro pelo pressentimento e o sonho».

«Sim, o sonho, sim, a quimera! Sim a ilusão! Sem os sonhos, sem as quimeras, sem as ilusões, a vida não tem mais sentido e não oferece mais interesse. Saibamos construir os nossos sonhos; saibamos dar-lhes uma estrutura científica. Nesta condição, é bom e útil ser-se um sonhador».

«Sonhai, meus caros camaradas. Agi e sonhai, e principalmente, oh! principalmente! não sejais demastado razoáveis. Não sejais prudentes. A prudência é a mais vil das virtudes. Sonhai, agi. Vós tereis muito que fazer, serv-vos a necessidade concentrar num breve espaço de tempo não somente, como diz Horácio, longas esperanças, mas também uma redobrada acção contra o egoísmo, a ignorância e o medo. A Humanidade adquire pouco em cada geração; mas esse pouco é bastante, porque se junta ao que foi adquirido precedentemente, e contribui para tornar a condição dos homens dia a dia melhor e mais doce».

Sonhar e agir, eis as funções essenciais da vida! Dar ao sonho uma estrutura científica, eis o dever primordial da maturidade! Manter ainda bem viva, em plena velhice, a capacidade de sonhar, para que a vida conserve um sentido e ofereça ainda interesse. Não tombar numa excessiva prudência, destruidora das ilusões e paralisadora da acção. Saber dar generosamente a sua contribuição para melhorar a condição dos homens, para afastar da face da terra os espectros da injustiça, da ignorância e

do medo. Que belo programa para uma vida humana e como é de todo impossível que o homem que saiba cumprir-lo possa realmente envelhecer!

Não, a velhice não é um mal! A velhice pode e deve ser o digno coroamento duma vida bem vivida. Há, de facto, uma velhice lamurienta, desagradável e triste, que é a dos egocentristas, só capazes de se interessarem pelos seus achaques. Mas quando os «velhos» conseguem dirigir aos moços palavras tão incantantes e belas como as de Anatole France, então a velhice torna-se a mais bela idade da vida humana.

ALFREDO BRAS

bilhetes paulistanos

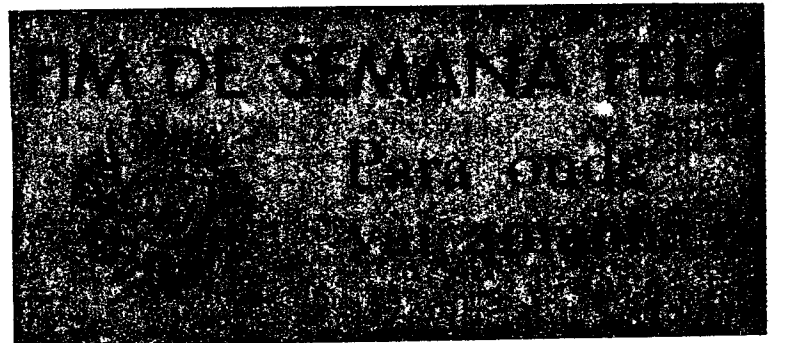
(Continuação da página anterior)

uma peça dolorosa com laivos de um humor negro que lembra o de Malaparte ainda que sem o cinismo do autor de Kaput. Fábula da bondade impossível chamou-lhe Sabato Magaldi, um dos melhores críticos brasileiros. Sem razão quanto a mim. Porque não é a bondade absoluta que preocupa Brecht: é a bondade relativa. A primeira procede do divino, obriga-nos a admitir o transcendente e como tal é inumana, e, portanto, desinteressante e inviável. As palavras finais, proferidas depois de os deuses voarem para os céus numa nuvem azulada sem nada decidirem, são uma mensagem de esperança e de fé na Humanidade: «deve haver uma solução, tem que haver uma solução».

Os deuses falharam. Vieram à terra em busca de uma alma boa e a única que conseguiram encontrar na longínqua Republica de Setsuan — a frágil Chen-Tê — é forçada para não se afundar completamente a assumir uma outra personalidade. Unidade contraditória que é para Bertolt Brecht uma unidade diabólica. A antiga prostituta, redimida socialmente através do dinheiro dos Deuses, não é uma iluminada, não tem sede de generosidade e pureza. Mas é espontaneamente, animalmente, pura e generosa. Contudo, para sobreviver, por amor ao filho que traz nas entranhas, acaba por se ocupar definitivamente sob a máscara do duro e cínico Chui-Tai. Onde está o erro, aquilo que nos impede de ser bons em obediência aos nossos impulsos? Na sociedade. O homem é tão capaz do bem como do mal. A sua eterna essência manifesta-se em decorrência do ambiente social. Brecht não é um alistaado, recusa-se à demagogia fácil da oposição de classes. Para ele o popular e o intelectual são sempre compatíveis. Mas é um ser demasiado raro para se acomodar dentro das fronteiras de um partido ou de um sistema. Para si oprimidos e oprimidos são intrinsecamente iguais em qualidade humana. Ricos e pobres igualam-se na baixaza (ou na grandeza) das suas atitudes, nos seus mesquinhos atos e invejas.

«A alma boa de Setsuan» demonstra-nos, por caminhos bem mais simples do que os de Camus, que tudo na vida é absurdo e nauseante. Ao contrário do autor de «L'Homme Révolté» Brecht não acredita, porém, nos esforços isolados do homem na busca necessária de um heroísmo gratuito. O indivíduo entregue a si próprio é impotente e tende a desenvolver as suas piores virtualidades. Só a organização da sociedade em novas bases, mais lógicas e humanas, pode conferir à existência um mínimo de coerência e de validade.

A primeira versão brechtiana apresentada ao público brasileiro é de uma indiscutível dignidade. Houve, sobretudo, o propósito, em grande parte alcançado, de fidelidade aos processos sugeridos pelo autor e postos em prática no «Ensemble de Berlim» — teatro dirigido por Helen Weigel, viúva de Brecht. A interpretação tem altos e baixos. Maria della Costa, bem em Chen-Tê, não consegue perder a feminilidade no papel de Chui-Tai, em que força erradamente a nota da violência. Osvaldo Louzada, no aguadeiro Wang — uma alma boa de quem Brecht propostadamente desvia as atenções — tem uma grande criação. Eugénio Kusnet, Joaquim Guimarães e Benjamin Cattán, os três deuses, merecem referência à parte nesta peça pungente, agressiva e dolorosa, anostrosa feliz do génio de um homem que está para o teatro contemporâneo como Shakespeare estava para o teatro do seu tempo.



Dizem, com muita razão, que estão desamparadas as crianças em Portugal.

Não podem brincar nos canteiros verdes.

Não há parques infantis.

Não há cinema para crianças.

Nem teatro.

Nos carros eléctricos levam pinhões, indistintamente, homens, crianças e mulheres.

Visitar o Jardim Zoológico é o sonho de todas as crianças. Mas a entrada custa dinheiro, os transportes custam dinheiro. Tudo custa dinheiro...

Se eu mandasse havia de fazer novas leis. Logo numa delas escreveria:

Artigo 1 — Para as crianças tudo é de graça.

E cada adulto, cada um de nós, seria nomeado fiscal dessa legislação.

Mando só, porém, nas fronteiras da minha alma e com essa limitação cotinuum os pobres garotos em maus lençóis...

Eu não sei porque me vieram eles hoje na ideia. Talvez por causa do André, cujo pai é meu vizinho porta com porta. Encontrei-os no domingo. Iam dar uma volta.

Mas onde, dar uma volta aonde? Aonde, se não havia sequer um teatrinho, um palhaço, uma roda, um balanço?

— De maneira — terminava o pai do garoto — que resolvi ir até casa da minha irmã, sempre dou uns dedos de cavaco e sempre o miúdo areja os pulmões...

Pobrezinho do André... Estou a vê-lo. O pai e a tia a dar a taramela e ele, pálido e quietinho como sempre, de olhos postos na cortina da janela.

Repito: não sei porque vieram hoje as crianças à balla. Porque, tirante os estádios, são raríssimas hoje as alternativas que se dão também aos adultos.

E isto torna-se perigoso. Desequilíbrio. O céu começa a ficar muito baixo, a respiração falha. A provisão de sonho esvazia-se e o homem que não sonha é homem lançado às feras...

A capacidade de sonhar praticase como a ginástica. Acontece com ela o mesmo que com a bateria do automóvel: carrega-se em movimento...

Por isso volto a dizer-te, leitor. Aproveita este saldo de Verão, que

(Continua na página seguinte)

OUVIR BATER O CORAÇÃO DO MUNDO CAPRICHOSA SORTE GRANDE

O senhor Dumond esperou dexas de anos pela Sorte Grande.

— E não teve alegria quando ela veio...

O senhor Dumond, empregado de escritório, dirige-se à tabacaria do bairro.

— Senhora Houdin, posso consultar a lista?

— Faz favor, a sua vontade.

— Vamos lá a ver se é desta...

— Oxalá que sim...

fem o numero 18.047 certo, há uma data de anos. Percorre a lista, na classe do dezoito mil. O mais perto do seu é o 18.444. «Vejam! — diz com os seus botões. — Quem diria que o numero desta, com três repetições, sairia premiada?»

— Então nada? — pergunta a senhora Houdin.

— Nada. Branco como a tal da parede...

— Um dia será.

— Claro.

Novamente a caminho da tabacaria. Alguns anos depois. A senhora Houdin tem já muitos cabelos brancos. Pinta-os. Mesmo assim, não se dá nada novo. Relativamente, é claro.

— Senhora Houdin, posso consultar a lista?

— Faz favor.

— Vamos lá a ver se é desta...

— Oxalá!

Mas ainda não é data.

— Se um dia me sai a grande — costuma ele dizer, — bebo duas garrafas de Champanhe seguidas.

Claro, só com a sorte

grande. Pelo preço que o champanhe atinge, apenas um sonho é possível beber uma garrafa, quanto mais duas.

Mais alguns anos correm. O senhor Dumond não parece tão novo, evidentemente. Deve mesmo dizer-se que da sua juventude já bem pouco resta. Fiel, só o 18.047. Ressuscitando todas as semanas morrendo. A senhora Houdin, que já levava os cabelos grisalhos quando, pela primeira vez, o senhor Dumond comprou o 18.047, está agora muito velhinha, com muita dificuldade se movimenta atrás do balcão.

— Senhora Houdin...

— Sim, faz favor.

— Vamos, lá a ver...

— Oxalá.

Novamente o bilhete amarratado, atirado, com a certeza que dá a prática, para o cesto dos papéis.

A roda do tempo deu mais umas quantas voltas. O senhor Dumond engordou, embora o médico diga que lhe faz mal. Começa a fazer dieta. Dirige-se para a tabacaria, servida agora pela menina Françoise, neta da senhora Houdin. Leva uma fisingada...

— Bons dias menina Françoise.

— Bom dia, senhor. Aqui tem o seu bilhete.

— Não o quero.

— Ora essa!

— Dê-me aí um desse maço...

— Mas, o senhor Dumond, veja lá, não quero...

— Não digo coisa nenhuma. Dê cá...

A gente divorcia-se de uma mulher, porque não há-de divorciar-se de um numero?

Está velho, o bom do Dumond. Já tem dificuldade em exprimir-se.

Dobra muito bem dobradinho o novo bilhete, o 24.600. Duas repetições, quer lá saber...

E depois foi a surpresa. A bomba estourando dentro dele, repercutindo em cada célula. O 24.600 sairia premiado com a sorte grande.

— E' curioso! — afirma o senhor ao jornalista.

Esta Sorte Grande não deu o prazer que sempre esperai.

— Porquê?

— Porque estou doente do coração: nem por sombras o médico me deixa festejar com uma taça de champanhe. E sonhei-tantos anos com ela...

O jornalista diz que pelo olhar do sr. Dumond nernassa uma névoa de tristeza que os quarenta milhões não conseguem dissipar.

Acredito. Quarenta milhões podem menos do que um sonho — mesmo que o sonho não passe de uma taça de champanhe.

WILLIAM SIMPSON

disco da semana

Para esta semana temos, em vez de um ou dois, quatro discos pertencentes todos ao mesmo género. O ligeiro, mas com características diversas se bem que igualmente interessantes. Eis o nosso parecer:

NAT KING COLE — Acercate mas e Nada neste mundo

O famoso trovador negro surpreende-nos cantando em espanhol a conhecida melodia «Acercate mas». E com um admirável espírito de profissional Nat, graças a um aturado trabalho, canta mesmo em espanhol! Um disco de grande interesse com que a Capitol nos brinda.

KEELY SMITH — Folhas de Outono e Continuo a esquecer

Nem todos os dias podemos assinalar a revelação dum novo valor com a classe desta artista. A voz de Keely possui a particularidade de, assemelhando-se aos estilos de Doris Day e Peggy Lee, ser no entanto absolutamente pessoal. Vale a pena ouvir esta nova estrela da Capitol.

DEAN MARTIN — Volta para mim e Continuo a esquecer-me

Ainda saboreando o sucesso do seu «Volare», Dean apresenta uma bela canção no seu adorado estilo. «Return to me» está presentemente a subir na lista dos êxitos norteamericanos. Tem a palavra as «fans» portuguesas de Dean Martin.

RAUL SHAW e «LOS PEREGRINOS — Boleros

Um dos fundadores do famoso Trio Los Panchos, Raul Shaw, mais conhecido por Moreno, é a seguir a Lucho Gatica o mais celebrado intérprete de boleros. São quatro

as suas interpretações incluídas no seu novo disco Parlophone e em todas elas Raul deixa marca vencedora da sua muita categoria. Excepcional.

Discos publicados pelos Est. Valentim de Carvalho, Lda



Os críticos e o 1.º Salão de Arte Moderna

Depoimento de Maria Helena Vieira da Silva

cer estabelecer os limites de escolas em função de fronteiras geográficas

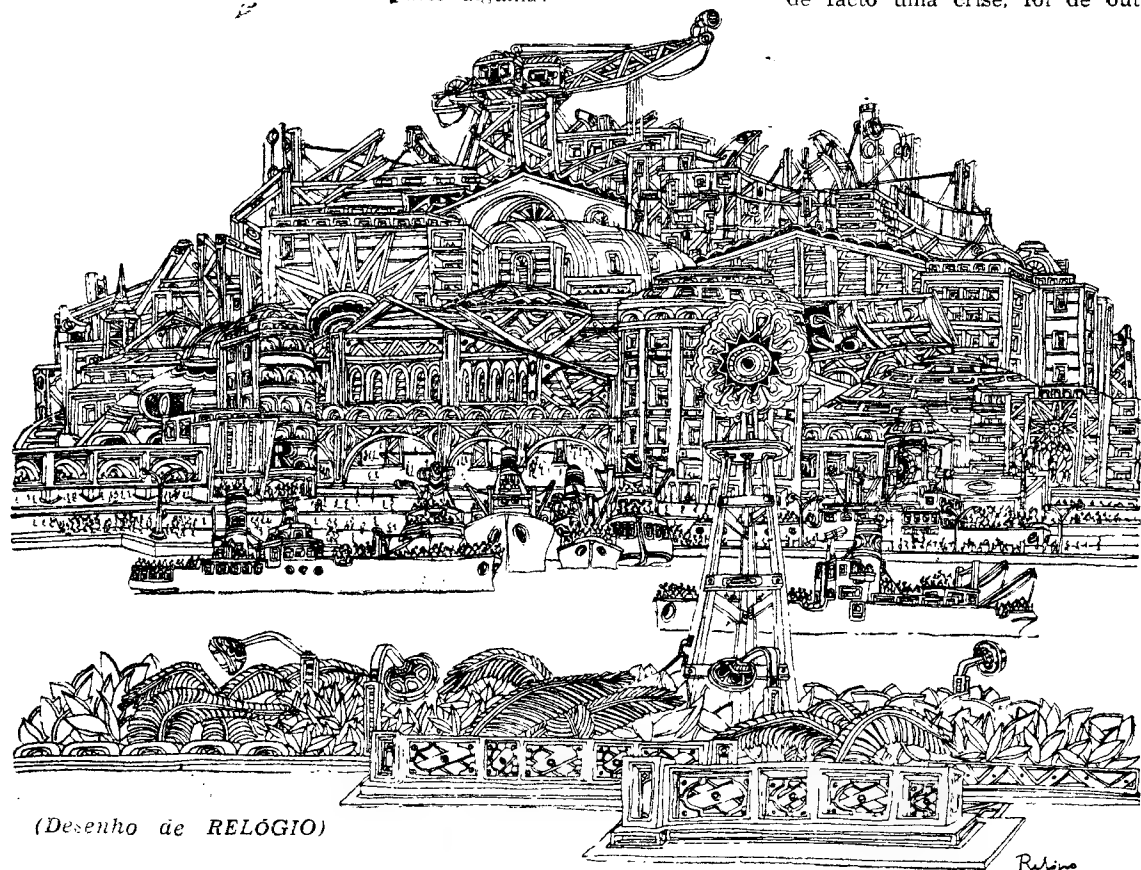
A exposição agradou-me e tem nível. Não vi o Salão organizado pela Fundação Gulbenkian, pelo que me é impossível estabelecer confrontos. Iniciativas como esta merecem todo o apoio das entidades patrocinadoras e também um maior interesse do publico, pois constituem uma prova de vitalidade dos jovens pintores, que agora marcam nitidamente a sua presença. E' ainda este o aspecto mais positivo da exposição, conferindo-lhe um carácter nitidamente moderno

Depoimento do dr. Mário Dionísio

NÃO é agradável recusar aplauso a qualquer iniciativa que represente um esforço de renovação. Estará, porém, o Salão de Arte Moderna da S. N. B. A. realmente neste caso? Este Salão significa o desejo de aderir a uma audácia ou a necessidade de abrir, enfim, oficialmente, as portas a uma corrente que já não é audaciosa em parte alguma?

pos, não se terá encontrado muito mais do que certa destreza manual, submissão aos padrões em voga, um vazio que gela. E' muito tarde para se refazer Mondrian. Ou Delaunay. Todo o academismo nega a arte. E é tão impossível repetir Schneider, Buzaine ou Vieira da Silva (ou Busse, ou Vedova...), como Rafael, Courbet ou Renoir.

Não creio que o Salão tenha mostrado — como dirão os optimistas — a expressão plástica da crise do homem dos nossos dias. Quanto a mim, salvo o caso de alguns artistas, velhos e novos, que vejo sempre com deleite (mas bem poucos eram), se o Salão revelou de facto uma crise, foi de outro



(Desenho de RELÓGIO)

que, de certo, se marcará ainda mais se não fosse a ausência lamentável de alguns valores das novas gerações.

Figurativos e abstractos agradam-me igualmente. Em todos se nota uma busca de caminhos próprios através de influências assimiladas, e, se há excepções, não muitas, não chegam a influir na homogeneidade patente.

Se é verdade que o não-figurativo é a nota predominante da exposição, isso não pode depor em favor dos artistas portugueses. Estou convencido de que o mesmo sucederia em qualquer parte da Europa Ocidental, pelo menos — em que fosse levada a cabo idêntica iniciativa. Características imediatas de uma pintura portuguesa dificilmente se podem assinalar, mas tal não representa uma falta de originalidade dos nossos plásticos, como se tem pretendido deduzir. A específica originalidade da arte moderna constitui uma característica demasiado evidente para que ainda se possam preten-

Como revelação de «novo», a exposição pareceu-me um equívoco. Ela teve, contudo, o interesse de nos mostrar a situação da pintura em Portugal, no que toca às camadas mais recentemente chegadas ao domínio da arte. Infelizmente, não se pode dizer que o testemunho tenha sido brilhante ou tranquilizador. Onde se esperaria encontrar inquietação, inconformismo criador, aproveitamento da lição de ousadia «autêntica» dos grandes mestres de todos os tem-

tipo e outro nível: crise de invenção, de orientação, de personalidade. Crise de jovens pintores que jogam as cores sem encontrar a cor, que sofrem a Crise sem conseguirem exprimi-la, por mais que sigam dócilmente (ou por isso mesmo) os grandes artistas que por esse Mundo dão exemplo de autenticidade, de inquietação e de beleza. O inimigo numero um do artista que começa é a teneção da facilidade. Este Salão mostrou-o com bastante clareza.

FIM DE SEMANA FELIZ

(Continuação da página anterior)

dura há para cima de mês, saldo de fim de estação como não houve durante a estação propriamente. Aproveita para refazeres a tua provisão de sonho destinada aos dias invernosos que se aproximam...

Dirás tu que os dias morrem de pressa, que os passeios fora de portas (a menos que se tenha automóvel) oferecem já poucos atractivos. E que além disso te custa deixar em casa os miudos que não podes sujeitar ao frio do crepusculo.

Pois bem. Há, na cidade, um espectáculo que encanta as crianças e os adultos. Espectáculo cheio de beleza, de movimento, de «suspense»... E ainda por cima gratuito...

Esse espectáculo — é o Cais... Já visitaste o cais de Lisboa? Aposto que não... E no entanto vives à beira dele uma mancha de anos. Não sabes o que perdes. Barcos de todas as nacionalidades, pacientemente amarrados à mangedoura; outros que chegam alegres de haver terra à vista; outros que partem e dificilmente se apartam de cada amarra viva que é um lenço acenado...

A descarga, que nem ao domingo repousa, eis outro motivo de agrado certo para todas as plateias, crescidas ou miudas. O homem, afinal, por muito que, envergonhado, o negue, nunca deixou de acreditar em fadas e gigantes. Estes guindastes manobrando á von-

tade muitas toneladas, vêm dar-lhe razão. Mais força têm eles do que o arranca-pinheiros na história do Homem da Moca.

Depois é a azáfama de borbo, sobre a qual nenhum de nós deixa de atirar uma olhadela. Madamas do outro mundo, sentadas em cadeiras de lona, de perna traçada, a fumar e a beber refrescos garridos. Fitam-nos, chocadas sabe-se lá por que exotismo nosso! A fantasia agarra-nos pela gorja e em menos de um fôfôro arma ali uma intriga romanesca de se lhe tirar o chapéu!

Ou então são os marinheiros gorduchos e calmos, debruçados na amurada... os marinheiros entendem toda a gente, toda a gente entende os marinheiros... E ficamos a saber de que país são, quanto ganham, se estão contentes com a vida, se na terra deles também acontece isto e aquilo...

Um barco que entra, outro que sai...

Não se descobriu ainda nenhum gesto que mais excite a imaginação, que venha tão carregado de significações e sugestões. E' esse o motivo por que aconselho o espectáculo, amigo leitor, não apenas a ti, mas às crianças que estejam à tua conta. E' como se, para a fogueira quase extinta do sonho, atirasses com uma acha de azeitão.

CICERONE



OUTONO LONDRINO

ESTÉ Outono de luz macia com as folhas das oliveiras a amarelarem nos jardins, num vago sussurro de despedidas melancólicas, chegou rabujão e bravo, muito rogado e avaro dos seus poentes de ouro velho, como uma bela mulher que se faz desejar, tardando ao encontro prometido a um moço apaixonado.

Pois veio assim de modos descompostos, atirando rajadas frias e uns aguaceiros que abalavam com um estridor surdo e nervoso os tufos de mimosas e as raízes turpidas dos rododendros. Depois, num dia claro e lavado, de repente, numa surpresa festiva, estirou um azul asseado de lés a lés, bem puxado ao horizonte, sem sombra de nuvem erradia, diluiu-lhe os tons e espargiu uma tênue poalha de cinza, que adoçou a luz e a cor, tocando tudo de uma serenidade remota e pacificadora.

Nem um fio de brisa agita as acácias, e as folhas mortas caem languidas no ar parado, sem tristeza nem abandono, numa intercadência imponderável e resignada. Amontoam-se nas áreas dos parques, fazem pequenas ilhotas pardacentas no verde humido dos prados e cobrem do seu desencanto os bancos dos jardins donde desertaram os namorados. Nas alamedas os nossos passos, afogam-se num dolorido crepitar vegetal, e um ou outro ramo, descarnado e hirto, geme com um estalido seco e breve, como um animal ferido na toca.

Os sicómoros, um tanto despidos e esfrangados no topo, erguem um protesto mudo e estendem as ramadas grossas e desoladas sobre os courts de ténis, onde não se ouvem risadas alegres, nem gritos juvenis, nem o bater cavo da bola no seu louco vaivém. Sobre os relvões já não há cadeiras de lona, copos de sumo de laranja com uma palhinha, sanduiches e termos, e as largas mantas escocesas, moles e avuladas, onde rapazes e raparigas,

de borco ou olhando o azul, gozam, num doce regalo, a chama viva do Sol.

Não, o homem já se não deixa iludir por esta ficção silvana no coração da cidade, e, entregue a ocupações roncivas, busca no pulsar nocturno e frenético da metrô-

Por

LUÍS DE SOUSA REBELO
LEITOR DA UNIVERSIDADE DE LONDRES

pole o veio em que mitigar a sua sede de prazer, amor, poesia e sonho.

Mas por ora esta cinza fina e joetada do alto esfuma os volumes, afaga as pessoas e as coisas de uma ternura humida, libertando-nos de nós mesmos e derramando sobre tudo uma graça e um mistério de um outro mundo, de uma outra hora, vindas da orla das sombras e do fundo do tempo.

E é aquele realce ali na rua a moer, numa arrastada tristeza metálica, uma velha canção irlandesa ou uma arieta estafada de ópera. É aquele velho maltrajoso, num capote militar de gola sebeta, esfiapado nos cotovelos, a dar lentamente á manivela com um olhar humilde e reconhecido para quem passa.

A esquina chora um violino fahnoso nas mãos de um cego sentado ao abandono num carro de rodas. E há uma lata para onde se atiram pennies e um pedaço de cartão a agradecer ao benfeitor anónimo.

Na penumbra submarina, que, a meio do dia nos envolve com o seu manto de névoa, estas figuras de uma Inglaterra do princípio do século têm qualquer coisa de irreal e longínquo, trazem-nos uma má-

(Continua na 8.ª página)

GANHE 100\$00 com um sorriso nos lábios

— diz o vencedor desta semana

FILANTROPO É UM INDIVÍDUO QUE DÁ A DESCONHECIDOS PARA SE TORNAR CONHECIDO

MAS será que o sr. Virgílio Duarte Ribeiro (Rua Constantino Fernandes, 5, r/c, Esq., Lisboa) tem interesse em se tornar conhecido? Se assim é, escolheu uma boa altura, pois vai receber os «Cem escudos com o tal sorriso nos lábios»...

De Beja veio o seu maior competidor desta semana — o sr. Teodósio Augusto Salgueiro. Como sucede com todas as coisas, há sempre nelas a regra geral e a excepção: o vencedor escolheu a regra geral; o sr. Salgueiro optou pela excepção. Isso o levou a definir «FILANTROPO» nestes termos:

«É aquele que excede a lei de Deus — ama mais o próximo que a si mesmo».

Dos dois concorrentes que a seguir vamos citar, um é um bom exemplo de cepticismo; o outro, de pessimismo. Aquele (o sr. Manuel S. Neves, de Lisboa) afirma que

«Filantropo é o empresário de uma espécie de lotaria: só faz bem aos outros».

Mas este nosso leitor está certo, mesmo, mesmo certo de não lhe surgir um dia um tio rico, no Brasil?

O pessimista (o sr. Silvestre Gaudêncio, de Unhaís da Serra) manda-nos esta citação profundamente erudita:

«Filantropo: um animal pré-histórico».

O sr. Silvestre Gaudêncio só se esqueceu de nos dizer se o «animal» está vivo ou... fossilizado.

O sr. Fausto de Oliveira Leite (Lisboa) demonstra um espírito prático, verdadeiramente norte-americano, quando nos ensina que

«Filantropo é o indivíduo que põe a render o lucro desnecessário no banco da vaidade».

E não cal do banco abaixo, pode estar certo. Se tal lhe estivesse para suceder, de todos se estenderiam mãos para o amparar...

Diz o sr. Armando Rosa (Faro) que

«Filantropo é o rico que resolveu ser humanitário após a morte, para que o nome não se extinga com ele».

A filantropia é assim a maneira de comprar acções com dividendos póstumos.

Mas ficamos por aqui. Qual a palavra para esta semana? Agora proponho eu:

«ESPOSA PERFEITA»

As definições para tão grande «fenómeno» devem ser dirigidas a «MAGAZINE», Rua Luz Soriano, 41 a 48, até ao dia 25 de Novembro.

Para governo de todos os concorrentes do sexo forte devemos avisar que do «palavrão» MARIDO PERFEITO já nos estão a chegar definições verdadeiramente concludentes... É bom que ponham as barbas de molho.

As dimensões do Universo

A elaboração da moderna teoria astronómica dos «universos-ilhas», segundo a qual cada nebulosa espiral é um universo distinto, constituído por alguns milhões de estrelas ligadas entre si pelas leis da gravitação, torna um tanto confusa a pergunta formulada, visto que não podemos hoje falar com propriedade de «Universo», mas, sim de «universos».

Acceptemos entretanto, por comodidade, que quando falamos de «Universo» (com maiúscula) nos referimos a um conjunto de que os «universos-ilhas», ou «nebulosas espirais», são as unidades fundamentais.

Devemos ainda esclarecer que, para medir as enormes distancias que separam os astros, a astronomia utiliza, como unidade de distancia, o «ano-luz», ou seja o cami-

(Continua na 6.ª página)

A MÃE • PEARL BUCK

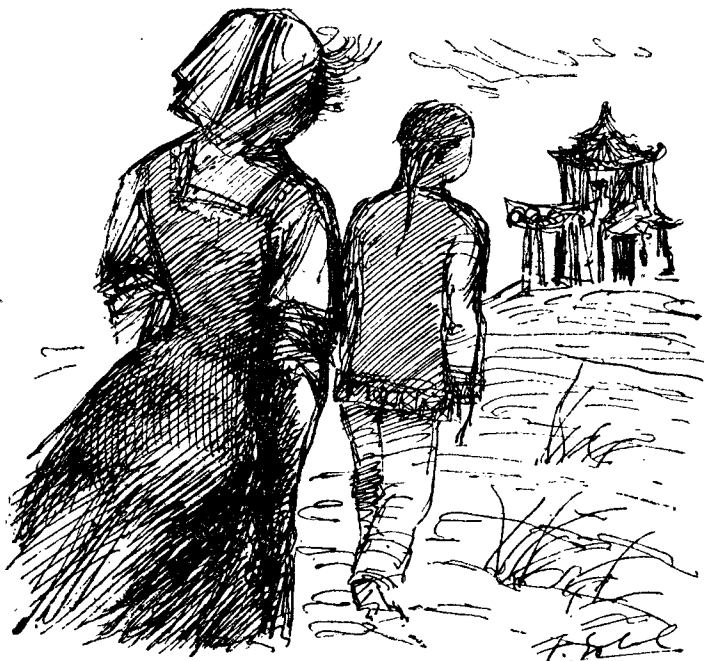


UMA velha muito velha e faladora, uma garota cega e dois garotos encardidos eram, agora, a sua família. O marido, esse partira, depois de uma discussão estúpida, sem uma palavra de adeus, sem uma saudação para os filhos, para a velha, para ela própria.

Arrependia-se, agora, de lhe ter falado desabridamente, de o haver criticado daquela vida que levava na cidade, indiferente à casa, aos filhos, a mulher. Ela tinha sempre consentido naquelas pequenas fugas dele, muito jovem ainda e com uma boa voz para cantar... e as casas de chá, cheias de gente inútil e as mesas de jogo, rodeadas de ricos espoliadores, davam-lhe a visão de uma outra vida. Partiu; e no lugar vazio que deixou no coração dela instalou-se uma vaga saudade e a vergonha de se sentir abandonada, ante a coscuvilhice das vizinhas. Aquelas vagas palavras cheias de subentendidos «então o seu marido, vizinha», «por onde anda o seu marido, vizinha?» enchiam-na de uma revolta surda, revolta que acabou em desesperança e ansiedade. A labuta quotidiana era pesada, monótona, bestial; mas a fadiga que vinha dela só lhe adormecia o corpo — o espírito esperava, cansava-se de esperar, e o coração alvoroçava-se ao sopro da juventude dela. Uma Primavera seguiu-se a outra, uma vaga de solidão a outra vaga e a outra e a outras mais. Tanta solidão, que a abafava. Em cada Primavera, ela tinha tido um filho; cada maternidade trazia-lhe uma ternura imensa e uma acalmia que a tornavam feliz. Pela primeira vez, depois de casada, a Primavera se fora, deixando-a sózinha, com os braços vazios. E o coração ansioso. Para se acalmar e satisfazer a bisbilhotice escrevia cartas que mandava pelo correio, comprava presentes, enviava dinheiro. Mas fraca consolação. Em vez de permitir que a chaga cicatri-

zasse, mantinha-a, pelo contrário, viva e sangrenta.

O trabalho continuou — a velha reclamava a comida, os filhos tinham de criar-se, e ela, ela tinha de pisar a sua ansiosa espera. Mas desconhecida o desanimo ou a angústia ou outro qualquer desses sentimen-



tos complicados, próprios da cidade. Também a ideia dos impostos que havia a pagar não a deixavam parar um só momento. Quando o agente de impostos aparecia, ela tinha de estar alerta. Era um homem da cidade. Homem sabido. Homem expe-

riente que sabia ver no rosto dela a solidão que ela, bem se esforçava por esconder de todos e a acabrunhava.

A crise desencadeou-se. A primeira, cheia da compreensão humana que têm todos os que sofrem, ouviu as suas queixas. E disse-lhe, com muita simplicidade: «Você, verdade, verdade, não é uma santa, mas é uma boa mulher. E respeitada». Pois era esse mesmo respeito que lhe pesava, agora. Ela bem quisera arranjar uma mentira e dizer que os deuses a tinham visitado e concebido deles... mas deteve-se. Sentiu vergonha dessa nova mentira. Por isso, enchendo-se de coragem, contou-lhe a verdade. Sabia que podia contar com essa boa mulher, e que, o que era mais ainda, só ela lhe podia valer, agora.

Mas a perda daquele filho representou imenso para ela. Toda a alegria e a saúde se foram. Sentiu-se velha e cansada, prematuramente, com o coração vazio, dolorosamente vazio.

Contudo, a coragem voltou-lhe, num esforço de vontade. Pensou na casa, nos filhos vivos, na cegueira da rapariga. Voltou aos campos, sem contudo sentir-se a mesma que havia sido antes. As delusões e a amargura de uma injustiça tinham cortado os flâmes que a ligavam à vida. Sentia-se falhada; e isso pesava-lhe.

Pelo menos na aparência, a vida voltou à antiga forma. Os anos rolaram sobre a China e sobre cada um pairou um novo destino: o filho mais velho casou, mas a jovem mulher parecia fraca e fria, incapaz de lhe dar um neto; o mais novo partiu para a cidade, numa activi-

dade desconhecida que a deixava perplexa; e a própria cega, sentindo-se demais junto da cunhada que absorvia para si todos os cuidados domésticos, pediu à mãe que a casasse. Então, embora o coração sangrasse pela incerteza do futuro da infeliz, contratou o casamento com um jovem desconhecido, de muito longe. Ao vê-la partir, recordou as palavras do velho farmacêutico que consultara por causa dos pobres olhos da rapariga, lembrando-lhe que aquilo podia ter sido um pecado do pai ou da mãe; e concluiu «seja qual for a maldição, está sobre ela, ninguém saberá modificar os destinos do céu» — aquelas palavras tinham-lhe caído como fogo no coração amargurado.

Que novos tormentos iriam esperá-la, pobre infeliz? E ela própria, para que estaria ainda guardada? O que fazia o filho na cidade? Que queriam dizer as suas idas e vindas misteriosas e aquele embruho que pusera sob o colchão dela? E tantas perguntas mais ela se punha, pensando no crime longínquo da sua juventude ardente, e na imensa solidão que o marido lhe deixara... Ela era a Mãe.

Do belo romance de Pearl Buck — profundo e humaníssimo estudo duma alma de mulher — que se passa no ambiente da velha China. Por amável deferência dos seus editores portugueses — as Publicações Europa-América.

M. Roma, o pedido de dispensa para casar, feito pelo Cardeal-rei D. Henrique — e tão insistentemente recomendado pelo povo de Lisboa — encontrou, tal os leitores calculam, a tremenda oposição de Juan Zuñiga, embaixador espanhol. O papa Gregório XIII mandou ao nosso País, em Abril de 1579, monsenhor Sauli como nuncio extraordinário a fim de apresentar pêsames a D. Henrique pela morte de D. Sebastião e de tratar da questão do casamento.

Estavam então reunidas as Cortes para tratarem da sucessão do reino e os representantes populares aproveitando a excelente oportunidade afirmaram a Mons. Sauli que «para se defenderem do rei de Espanha chamariam Franceses, Ingleses e até Mouros». Era a ameaça de heresia mesmo nas barbas do representante papal — e os leitores podem julgar do seu alcance numa época (como vimos nos artigos anteriores) em que os problemas económicos e sociais se apresentavam em termos religiosos, e em vez de «burgueses» (pelo menos em Espanha e Portugal) se dizia «protestantes» ou «heréticos», e em vez de «senhores feudais» (pelo menos em Espanha e Portugal) se dizia «católicos». Por tal razão se designava comumente Filipe II, rei de Espanha, com o título de «Rei Católico» ou «Sua Magestade Católica».

Mas que fazia o Papa? Licença de casamento para um cardeal que se transformara em rei, não era coisa difícil; a dispensa tinha precedentes canónicos onde se abonasse: o difícil consistia em contrariar a vontade do rei de Espanha. Em vez de proceder independentemente, Gregório XIII preferiu, conforme o comunicou ao embaixador espanhol, em 27 de Junho de 1579, entreter o Cardeal-rei com palavras ganhar tempo até que D. Henrique morresse ou, por seus graves achaques, perdesse o intento de casar. Deve acrescentar-se que o Papa conseguiu o seu propósito.

Entretanto, no arraial dos diversos pretendentes ao trono (Filipe II, a duquesa de Bragança, D. António, Prior do Crato, Manuel Felisberto, duque de Saboia, Raimundo, duque de Parma e até Catarina de Medicis, a rainha-mãe de França...) travava-se a grande batalha da legitimidade. Todos se apresentavam cheios de direitos e Filipe II, para se acautelar, começou a comprar os mais célebres dos juristas portugueses a fim de que «provassem» a primazia das suas pretensões. Não estando porém certo de que isso bastasse, Sua Magestade Católica resolveu leiloar a nobreza e o clero portugueses e foi comprando os seus membros quase sem resistência. O bispo de Viseu, D. Jorge de Ataíde, entregou-se num abrir e fechar de olhos, escrevendo ao espião espanhol Cristóvão de Moura estas deliciosas palavras:

«Por aqui verá V. S. quanto me deve, pois por eu ser seu cuida todo o mundo que sou castelhano, que é a maior infâmia que pode ter um fidalgo português».

Tal infâmia, salvo raros exemplos, era o património das nossas classes dirigentes de então. Entretanto o Cardeal-rei concentrava toda a sua sa-

Curioso diagram

VIDA QUOTIDIANA NA PE
A PRESENÇA

nha no candidato popular, ou seja o Prior do Crato. Na sessão de 22 ou 23 de Junho de 1579, no Senado Municipal de Lisboa, o oleiro António Pires e o sapateiro Martin Fernandes (dignos de darem o nome a uma ruazinha da capital) propuseram que a Câmara pedisse ao cardeal que não fosse juiz na causa da legitimidade de D. António, em virtude do ódio apaixonado que lhe tinha. Mal soube do atrevimento, D. Henrique, embora gravemente enfermo, convocou-os e fez-lhes a ameaça de os mandar enforcar se voltassem a atacá-lo e a defender o Prior do Crato. D. Henrique vivia no terror das heresias populares e Cristóvão de Moura (que, como seu patrão, Filipe II, também navegava nas mesmas águas) insinuava ao ouvido do cardeal que o povo estava disposto a proclamar D. António, «sin respecto de governadores y justizias». Isto é, pelas vias re-

volucionárias, tal como sucedera antes de Aljubarrota com o povo de Lisboa.

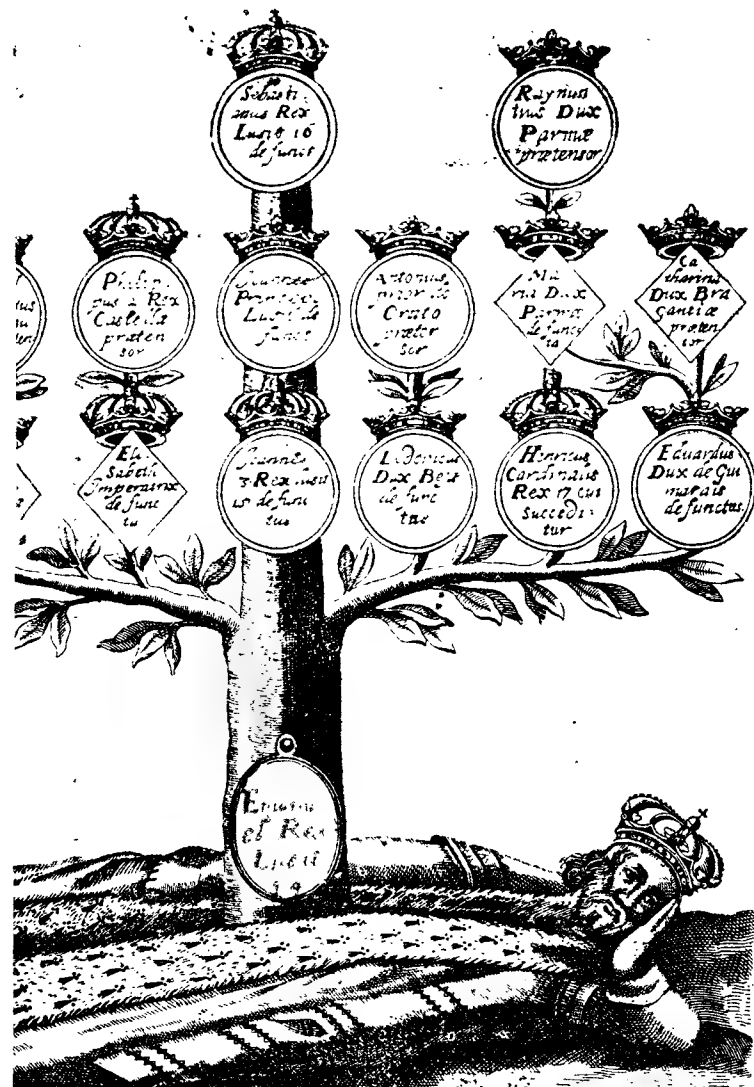
O povo de Lisboa estava, na verdade, a reatar as gloriosas tradições dos seus antepassados. Em 21 de Agosto os procuradores dos mestres solicitaram do rei o direito de eleger sucessor para a nação. D. Henrique imediatamente retorquiu que o povo não tinha direito nenhum. Entretanto os representantes populares persistiram na luta com evidente alarme de Filipe II. Para tranquilizar os receios do amo, Cristóvão de Moura escreveu-lhe que: «Por ningún caso sospechamos aquí que aya este Rey (D. Henrique) de admitir el derecho del pueblo». Mas Filipe não se sentia descansado. Quando em 13 de Setembro o Prior do Crato lhe enviou um delegado foi para lhe afirmar, entre outras coisas, que «A maioria da nobreza de Portugal (...) com prazer lhe beijará a ele Filipe II) a mão; mas a gente comum (o povo) ama-o tanto que sempre julgará que contra toda a justiça o darão por bastardo. E era verdade. Os agentes do rei castelhano tentavam por todas as formas corromper os dirigentes do povo de Lisboa; mas nenhum se rendeu: estavam habituados ao dinheiro ganho com a dor do seu esforço e era fácil de mais estender a mão para o receber... O medo do rei de Castela era um medo histórico: a experiência dizia-lhe que o povo português seria um osso duro de roer.

Mas convinha insistir; insistir sempre: talvez lhe caísse providencialmente nas mãos um Judas popular. Seus agentes enviavam então secretamente uma carta à Câmara lisboeta, cheia de palavras brandas, de bons propósitos. Os efeitos foram, porém, contrariados ao que desejavam: os trabalhadores dos mestres vitoriarum uma referência à única (dizia a carta) à única eleição realizada pelo povo: a de D. João I. Logo começaram surgindo violentos manifestos contra a união de Portugal com a Espanha e os humildes patriotas da capital dirigiram-se às demais Camaras do País propondo uma acção conjunta em defesa dos direitos do povo em eleger o seu rei. Os trabalhadores e burgueses do Porto acataram imediatamente; outras cidades e vilas lhe seguiram o exemplo. O autor do projecto de unidade nacional contra o sestrangeiros era o dr. Diogo Sa-



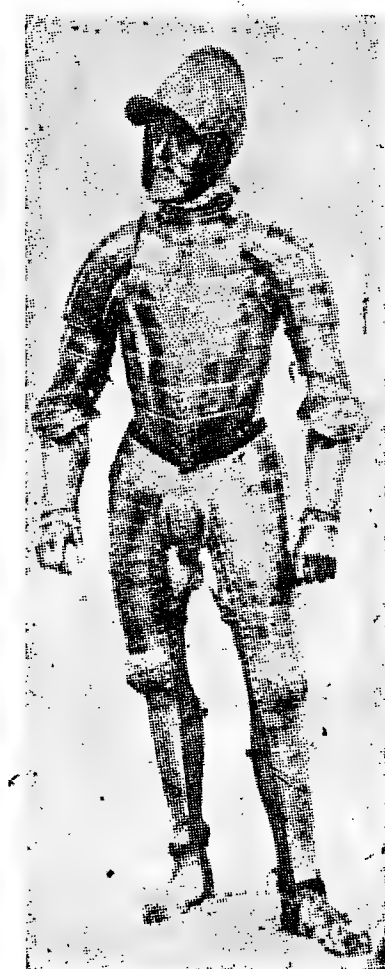
Outra armadura de Filipe II

APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS



a da descendência de D. Manuel, que termina com o nome dos seus descendentes
que se candidataram ao trono português

RDA DA INDEPENDENCIA
DO POVO — (4)



Uma armadura de Filipe II

lema, um dos representantes de Lisboa. Não lhe faltou coragem para declarar directamente a D. Henrique que o povo, naquele negócio da successão do reino, era o principal interessado em escolher.

Prepararam-se entretanto as Cortes de Almeirim. Os embaixadores panhoais temiam que o entusiasmo do povo por D. António viesse a influir nas eleições que se estavam fazendo nas Camaras para a escolha dos procuradores populares

É diferente que nem você cal-
cula a cidade de Balafrós!
Ao mesmo tempo que a sua indus-
tria deixou corpo e sepultou as hortas
das cercanias, onde, há vinte
anos, as crianças folgavam, também
os urbanistas começaram a puxar
pelos coques às pacatas avenidas de
três palmos de longo. Hoje, Balafrós
rivaliza em extensão, em ar-
terias imponentes, em cinemas, em
teatros, em «dancings», em «cafés»,
em cambistas, em instituições ban-
cárias, em companhias de seguros,
em mictórios, em prédios de muitos
andares, em recintos de boxe e es-
tádios desportivos, em «bas-fonds»
e «hauts-fonds» e em tudo o mais
com as grandes cidades. Quando
seus filhos desembarcam em qual-
quer urbe do Globo, o sistema mé-
trico que usam para medir os lu-
gares novos que visitam é o dos
«Inveníveis excelências de Bala-
frós». Por isso, ao apreciarem uma
avenida, um mictório ou uma es-
tação ferroviária iniciam o discurso
com a frase sacramental: «Em Ba-
lafrós...» — frase esta que sempre
se conclui com vantagem para a
cidade natal.

Só num capítulo (embora sem
são de seu natural orgulhosos) os
Balafrosenses sofriam uma vergo-
nhosa impotência: não possuíam,
intramuros, um génio a quem pu-
dessem dedicar, depois de morto,
um museu e a gloriosa lápide de
mármore onde mandariam gravar a
expressão sempre reconfortante:

NAQUI FALECEU AOS
TANTOS DE TAL O
GRANDE

Balafrosenses estavam certos de que a riqueza tudo consegue. Um dia o problema foi tratado numa reunião de três milionários. E a partir dessa data a cidade desabrochou em reuniões: reuniram-se os banqueiros, reuniram-se os agro-pecuários, reuniram-se os industriais, reuniram-se os mestres-de-obras, empreiteiros e senhores e também se reuniram todas as senhoras piás, venerandas e virtuosas. Balafros passou a desejar um gênio com todas as veras das suas avencidas. Era esse desejo que luzia no olhar inquieto dos seus filhos.

apontasse o jornalista Belmiro; outros o professor Teodomiro; e houve finalmente quem se inclinasse para o músico Tiro-Liro. A questão ameaçava fazer estalar as costuras da boa ordem estabelecida quando os vereadores (que também se reuniram), considerando os ensinamentos ministrados pela História do Passado; considerando todos os factos concernentes á génio-logia (ciência que trata dos génios); e considerando ainda os factos omissos—eram do parecer de que nem toda a gente era génio, e que o génio tem características que não podem faltar e que não se tendo em conta estas exigências científicas, Balafra's poderia sofrer o desgosto incurável de contrair um génio falso.

Pediu-se então aos vereadores que habilitem os Balafrogenses a escolher. E os vereadores, auxiliados pelos obstetricistas responderam que não havia nenhum gênio que não fosse incompreendido, perseguido, escarnecido e que não passasse fome, frio e desconforto. Quanto ao mais, convinha que fosse celibatário.

Então excluía todos os robustos talentos nos quais não se abonavam todas aquelas virtudes os olhares dos Balaforrosenses começaram a acumular-se sobre o pobre do Tomé (recorda-se dele?). O Tomé sofrera a prisão por não pagar aos tipógrafos a sua estreia na Poesia — virtude que se considerou de primeiríssima ordem para os fins em vista: Tomé candidatava-se desde logo como poeta e mártir. Outra vantagem: nunca ninguém lhe havia lido o livro. Mais ainda: os colegas de emprego faziam troca de

le e as jovens casadoiras não lhe descobriam futuro. Para começar não se podia esperar mais

Resolveu-se, pois, submetê-lo às restantes pro-
vações. O patrão despediu-o: e to-
dos ficaram ansiosamente aguardan-
do se Tomé resistiria. Mas resistiu.
Dado este passo em frente, um edi-
tor aceitou-lhe um original e criou-
se uma Comissão só para lhe cor-
tar alguns pedaços — provação que
não devia faltar no «palmarés» de
todo o verdadeiro génio. E os Bala-
frosenses deram um suspiro de alívio
quando Tomé, virilmente compen-
etrado dos seus deveres actuais,
se negou a deixar espiohar o seu
original. Pelos «cafés», pelos «Five
o'clock», pelas Salas dos Conselhos
de Administração, pelos gabinetes
da Camara, pelos «boudoirs» das se-
nhoras pianas, venerandas e virtu-
osas foi unanímemente o comentário: «Va-
lente Tomé! Maravilhoso Tomé!
Temos génio!».

Se ele aguentasse a nova fase co-
tirocinjo já todas as espe-
ranças pareciam legítimas. Os mi-
lionários filantropos, de concerto
com a Camara, começaram a deitar
as vistas para o prédio onde Tomé
vivia — um prédio velho e picado
das bexigas, na parte velha e cas-
tiga da cidade. Encarregou-se o do-
no de uma Agência Funerária de
estudar a inscrição para a lápide.
Estava, pois, tudo a postos. Foi en-
tão que começaram a aconselhar o
Tomé a imprimir a obra sem ir aos
abreviadores. Tomé encheu-se de
brios e um Banco fez-lhe chegar, no
mais perfeito anonimato, a quantia
necessária para a empresa editor-
ial. Balafros estava suspensa.

A obra *Salm* foi arquivada: Tomé caiu na alçada da Lei; os filantropos compraram o prédio velho picado às boxigas; o cangalheiro redigiu a lápide; a alegria brilhou nos olhos dos Balaforenses. Mas Tomé, na cela da cadeia, entrou em meditações. Pareceu-lhe que a cidade inteira o andava a explorar, a ludiibriar; que não nascera para cartaz turístico; então ao sair em liberdade, tomou a sucupa do comboio para Lisboa e demitiu-se de genio. Balaforos está inconsolável.

DIOGENES

Primeiro capítulo da história da Cimação

No Norte do Iraque, numa caverna, foi descoberto um esqueleto que tinha a bela idade de uns 45 mil anos. O mais extraordinário, porém, é que se verificou que o seu proprietário fora sujeito a uma delicada operação. Nada mais e nada menos que o corte dum braço até à altura do cotovelo.

Os médicos ortopedistas chamados a depor sobre o extraordinário achado, confirmaram a opinião dos arqueólogos e atrescentaram mais alguns curiosos pormenores. Aquele nosso longinquo antepassado sofria duma atrofia do braço provocada á nascença. Daí a operação. A sua dentadura apresentava um desgaste anormal só compreensível se tivesse servido para levantar grandes pesos. Como o braço cortado era o direito, conclui-se que o aleijado substituirá o braço pelos dentes.

Uma interrogação não encontra resposta: com que aparelhagem seria feita a geração?

Possivelmente algum formidável martelo de pedra...



OS OLIGO-ELEMENTOS

Fontes de energias

O LIGO-ELEMENTOS são minerais que existem no nosso organismo em doses infinitesimais, por exemplo 0,0055 gramas de fósforo; 0,0003 de magnésio; 0,0094 de ferro, etc.

O nome de oligo-elementos foi dado pelo grande sábio francês G. Bertrand a esses elementos minerais, verdadeiros senhores que são do organismo. (Oligo quer dizer em grego pouco mais ou menos, «elite», casta). Assim eles são a «elite» de todos os outros elementos que compõem o nosso corpo.

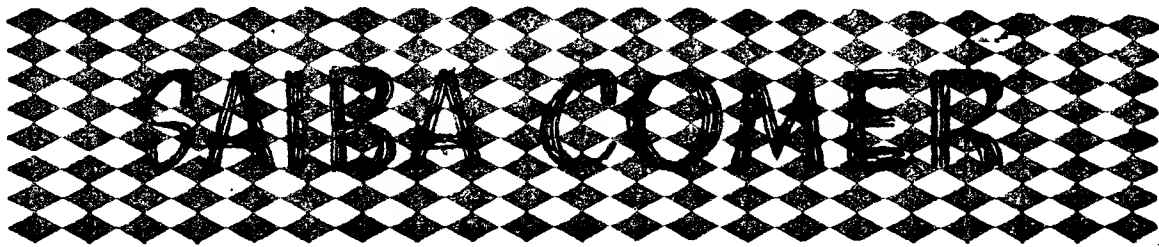
Falamos nas proteínas como fontes de saúde que tiramos da carne, dos ovos, do leite e seus derivados, etc.; vamos hoje falar no potássio, no flúor, no iodo, no magnésio — fontes de energia, metais que o corpo transforma em sangue, em ossos, em hormonas.

O nosso organismo é um laboratório onde, sem cessar, se processam reacções químicas. Se um mícrobio penetra em nós, aí temos um árduo trabalho de fabrico de venenos químicos — os anticorpos —

tendentes a destruí-lo. Se apanharmos um susto ou sentimos medo, logo o laboratório fabrica açúcar que irá ajudar os músculos na defesa ou na fuga. Todos os alimentos que ingerimos, até chegarem ao sangue, sofrem uma série de dissoluções, de transformações, etc.

Ora este trabalho do organismo não seria possível sem os oligo-elementos; deixaria mesmo de funcionar. Cada um dos metais e metalóides que compõem esta elite tem também uma acção determinada sobre aquela, este ou estoutro parte do corpo e só essa: o iodo alimenta a glândula tiroides; o ferro colora de belo vermelho o sangue; o flúor dá aos dentes o esmalte e o cálcio, bem, ninguém já ignora hoje a importância do cálcio para os ossos.

Podemos bem comparar o nosso organismo a um laboratório perfeito. E dizer, com propriedade que conseguiu o que os alquimistas medievais não conseguiram com toda a sua ansia — transformar o chumbo em ouro — pois, dos vários metais ingeridos ele faz, sim, o ouro mais precioso que jamais existiu — a nossa SAÚDE!



Ostras... Ostras...

SEGUNDO a opinião da dr.^a Lucie Raudoin — e já dissemos isto mesmo nestas páginas — uma dúzia de ostras contém as mesmas proteínas que 200 gramas de pão, ou 150 de carne de vaca, vitela, carneiro ou 200 de peixe ou aves, ou ainda três ovos ou 6 decilitros de leite! Mas além desta riqueza protéica, contém iodo —

e, por consequência, indigestas, o que acontece, com efeito, no Verão. Mas dietistas e biólogos são unânimes em declarar as ostras «deitasas» tão boas como as outras. Com a condição, claro está, de se acharem frescas.

E, pois, altura de destruímos a lenda dos meses sem R e de consumir, sem receio, os mariscos, em es-

pecial as ostras, tanto no Inverno como no Verão, um tão completo alimento.

Em Portugal, temos três variedades de ostras:

1. — «as especiais» — muito verdes de cor, com as brânquias cobertas por uma membrana cinzenta, engordadas; todo um Verão, em viveiros espaçosos e com cuidados metódicos;

2. — «as depuradas simples» — de boa qualidade, mas menos finas que as anteriores criadas em viveiros menos espaçosos;

3. — «as cultivadas» — de carne

elemento necessário ao metabolismo orgânico; ferro e cobre — metais que entram na regeneração do sangue (na cura da anemia, a ostra pode bem substituir o fígado de vitela); e as principais vitaminas: A — do crescimento; B₁ e B₂ — catalizadores da nutrição; C — vitamina do esforço; D — anti-raquítica.

Tantas qualidades aliadas a uma fácil digestão: apenas duas horas e cinquenta e cinco minutos são necessários, enquanto que a vitela grelhada ou as aves, exigem nada menos que quatro horas!

A ostra conserva-se em perfeito

estado oito dias após a sua colheita, no Inverno; e quatro, se o tempo estiver quente.

Acresce que é falso ser perigoso comer estes moluscos nos meses sem R. É um costume velho de séculos e remonta ao tempo, certamente, em que os transportes eram demorados em demasia para se poder levar, a grandes distâncias, artigos sujeitos a deterioração. Mas, hoje, que dispomos de transportes ultra-rápidos, este inconveniente desapareceu.

Muita gente atribui o perigo dos meses sem R, ao facto de as ostras estarem «deitasas», demasiado novas

branca, média qualidade e por isso mesmo de preço acessível. Só o facto de serem cultivadas em viveiros saturados delas, com grande salinidade, as torna rapidamente capazes de consumo mas magras, de feitios irregulares e sobrecompridas. Este facto, so por si, se coloca em inferioridade, uma vez que o aproveitamento das cascas se torna por vezes impossível.

Mas o mercado possui já formas de todos os feitios que facilitam a tarefa da cozinheira e dão, aos pratos apresentados toda a beleza e requinte.



Ostras ao gratin

Limpam-se bem as cascas com uma pequena escova de pelo rijo.



Abrem-se com a lamina de uma faca, tendo o cuidado de escolher as cascas redondas, regulares e fundas (há, no mercado, umas conchas de «pyrex» que servem perfeitamente e com vantagem para o efeito).

Pica-se uma cebola finamente, dois dentes de alho, um ramo de salsa e põe-se a refogar em bom

azeite; quando estiver loura a cebola, deitam-se-lhe dentro as ostras e deixa-se cozer um pouco; deitar-lhe uma pasta de miolo de pão desfeito em caldo, leite ou na própria água das ostras; deixa-se ferver um pouco, mexendo sempre para não pegar; fora do lume deitar-lhe gemas de ovos, na proporção de 3 para cada seis cascas; tempera-se com sal, queijo parmesão e pimenta ao paladar, levando ao lume com o cuidado de não deixar faltar as gemas.



Encher as cascas ou forminhas com esta massa, alisando com uma

Serve-se com arroz branco e solto, fazendo uma caixa, no centro da qual se deita o fricassé. Enfeita-se o arroz com azeitonas pretas, e rodelas de beterraba cozida.

Ostras no forno

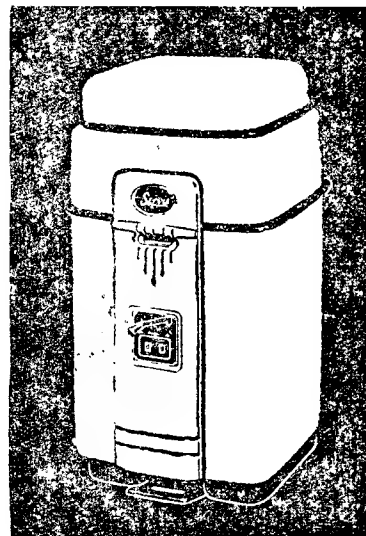
Depois de abertas e soltas das cascas, deixam-se cozer durante um bocadinho na própria água; depois escorrem-se, deita-se margarina e salsa, uma colher de farinha, humedecendo tudo com um pouco de caldo e vinho branco. Vai ao lume para apurar. Quando está já espesso o



molho, deita-se em pequenas formas, polvilha-se com pão ralado, um pouco de queijo e uma pitada de manteiga. Vão ao forno até alourarem e servem-se quentes, com espargos salteados; ou salada de feijão verde, beterraba e ovos cozidos e finalmente partidos, temperada com azeite e vinagre.

Eis a ECONOMIA que encontrei na máquina SERVIS

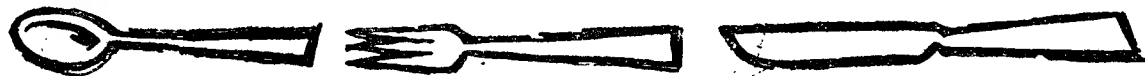
1. ECONOMIA DE DINHEIRO: o agitador não moleta a roupa, imprimindo à água um movimento de turbilhão em todos os sentidos.
2. ECONOMIA DE TEMPO: a lavagem pelo sistema de de turbilhão compensado é rapidíssima.
3. ECONOMIA DE ESFORÇOS: espremedor eléctrico, aquecimento e despejo de água automáticos.



Comprei, claro, a minha SERVIS na
Agência Comercial Sueca

Av. Fontes Pereira de Melo, 45

a preço fixo



Não

MASCARE o verdadeiro sabor da COMIDA com temperos picantes!

Exija

uma alimentação sadia e saborosa



AJI-NO-MOTO®

produto puríssimo extraído do trigo
não é um tempero
não ilude o paladar

antes o desperta, estimulando as nossas papilas gustativas.

Experimente

uma pequena pitada na sopa, no peixe, na carne, nas saladas.

As dimensões do Universo

(Continuação da 3.ª página)

nho percorrido pela luz durante um ano. Sabendo-se que a velocidade da luz é de 300.000 kms. por segundo, teremos que ao fim de um ano a distancia percorrida será superior a 9 triliões de quilómetros.

De posse destas duas noções fundamentais — a dos «universos-ilhas» e a do «ano-luz» — vejamos agora como é constituído cada um desses universos e quais são as suas dimensões.

Dado, porém, que todos os inúmeros «universos-ilhas» têm contextura semelhante e dimensões aproximadamente iguais, podemos limitar-nos a falar do «nosso» universo, conjunto de estrelas que também se designa pelo nome de «Galáxia».

Se a nossa «Galáxia» pudesse ser observada de fora, duma distancia da ordem de alguns milhões de anos-luz, aparecer-nos-ia sob a forma duma nebulosa espiral semelhante àquelas que, com o auxílio de um telescópio, podemos ver no céu. O seu diametro é de cerca de 100.000 anos-luz e os milhões de estrelas que a compõem estão afastadas entre si por distancias médias de cinco anos-luz.

Para dar uma ideia das espantosas dimensões do Universo bastará acrescentar que a distancia de um milhão de anos-luz se encontra outra nebulosa espiral semelhante ao nosso Universo, e assim sempre em todas as direcções, no espaço ilimitado.

É este o estonteante panorama do Universo que nos apresenta actualmente a Astronomia, e não se julgue tratar-se de mera especulação de uns senhores que vivem nas nuvens, pois que as observações feitas com os maravilhosos telescópios modernos já permitem conhecer desse Universo uma região com o diametro aproximado de 500 milhões de anos-luz.

A. B.



com TV

VOLL Automático

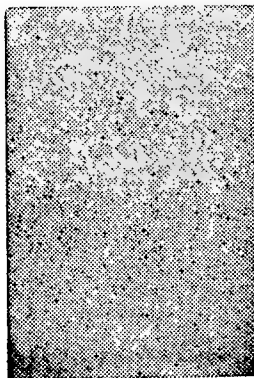
SABA

- automático para luminosidade e contraste
- comando à distancia
- grande poder de captação

CONSULTE OS AGENTES DA

GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

A CONQUISTA DO CEU



ASTRONOMIA NA IDADE MÉDIA. A Terra é representada sob a forma de um planalto sustentado por quatro colunas, assentes num mar de leite...



(Continuação da 1.ª página)

planetas é que faziam todo o serviço...

Coube a Copernico (1473-1543) a honra de arredondar novamente a Terra, o que foi tarefa ingente, dada a força de ignorancia estabelecida que pretendia, a todo o custo, achatá-la.

O desenvolvimento da ciência e da industria permitiu um gradual conhecimento dos astros mais próximos de nós. E o sonho, rebocando a realidade, imaginava viagens fantásticas aos mundos desconhecidos. Na época de Galileu apareciam «Cem narrativas de viagens à Lua» (1640). Em 1656, A. Kischer viaja através dos espaços cósmicos... Finalmente, Cyrano de Ber-

gerac publicou a sua célebre *História dos Estados da Lua e do Sol* (1649).

No século XIX, todas estas histórias tomam um carácter mais verosímil, ainda que a sua fantasia ingenua já nos faça hoje sorrir...

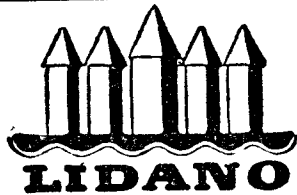
Julio Verne escreve o seu famoso romance *Da Terra à Lua* (1865) continuado, cinco anos mais tarde, em *A volta da Lua*.

Os romances de Wells *A guerra dos mundos* (1898) e *Os primeiros homens na Lua* (1901) marcam a transição de imaginação pura para os primeiros ensaios de navegação estratosférica e interplanetária.

Conseguirá o homem evadir-se da prisão?

A resposta é afirmativa, como veremos.

Quando seu filho quiser um sorvete dê-lhe o sorvete em pó



É um alto produto dinamarquês que se prepara higiénicamente em casa
(Saquinhos para 5/6 sorvetes. Latas para 20/24 sorvetes)

IV

DEIXEI dito aí para trás que me esquecera do «Finezas», a dada altura. E não menti. Deixaram de existir as razões para implorar o auxílio fraterno. A vida pulverizara, ao fim de teimosia encarniçada, a sombra de rebeldia que projectava em mim a sombra rebelde do «Finezas».

O casamento com a senhora, que continua a ser aquela minha outra metade e interpretou com justeza, em dado momento, as minhas inclinações sentimentais e as minhas conveniências, foi o primeiro grande golpe. (reconheço-o agora com a clarividência do irreparável). O ultimo, desfechou-me o «Pisa-Flores», o patrão que me paga ainda hoje o bastante para manter o «cadáver» de pé.

Chegada a hora da reflexão desinteressada em minucioso exame de consciência, como o que estou fazendo, avalio quão dissolvente foi a paternal influência do «Pisa-Flores». Untuoso, amável... e sovina, conseguiu vergar-me aos seus objectivos particulares, usando uma pericia refinada. Retribuiu-me os préstimos com umas unhas cortadas pelo sabugo, exigindo, porém, uma dedicação e uma eficiência de indivíduo excepcionalmente dotado. (Subestimamos continuamente as nossas capacidades!)

O talento do sujeito, seria mais correcto dizer: o seu génio, consistia em não me deixar atingir o ponto de rotura, quero eu dizer, a zona de desespero que dissipando a névoa densa me mostraria a exploração de que era alvo.

Disse génio e não exagerei!

Passava das seis (o corpo arrasado pelo trabalho sob pressão e ansioso por se apanhar na rua a sulcar o arzinho da tarde), quando o «Pisa-Flores», pressentindo o meu estado de espírito — que faro, carambas! — me dizia:

«O Policarpo! Merecemos um mimo, anh?»

Chegava-se à janela e gritava para o criado da leitaria fronteira: «Abraão! Traz cá cima dois galões... para mim e para o sr. Policarpo».

Monologava ainda entre dentes, «dias não são dias», e acrescentava, antes de abandonar a secretária para me dar duas palmadinhas no ombro: «Olha! Não esqueças os queques! Dois bastam!»

lápida mandada gravar e afixar por escrupulosos vereadores, «zelosa dos bens dos seus administrados ampliou com outros terrenos».

Acontecera uma coisa rara no bairro: a morte de um cidadão, acrescida de uma circunstancia de todo anormal — a morte fora violenta. Passara-se o sucesso desta forma. A meio dos vapores da embriaguez, o Inocência caturrou que era a altura de arrumar tricas antigas com o homem da Felícia. Indivíduo de temperamento azedo e violento, o Inocência, além de beber usava faca. Para o seu entendimento de troglodita, liquidar uma questão era pôr-lhe um ponto final, definitivo. E procedeu em consequência, tirando a vida ao homem da Felícia. (Cá está outro de quem não conheço o nome; chamavam-lhe o «Violas» pelas artes com que dedilhava o instrumento nas noites cálidas, á porta da sua «barraca»).

Pois bem, fixada a data do préstito, ao cabo de formalidades sem conta, o pessoal perdeu um dia de jorna para assistir á entrega do corpo ao descanso eterno. D. Candida fechou a escola, o que quer dizer que a moirama participou da cerimónia. Dia em cheio!

Palmilhava o cortejo a Calçada, os adultos suando em fio e os ganapos de pé ledo, quando passou ao quartel de Engenharia (Homens valentes! Bastava uma fífia no Ministério para saltarem para a rua com os trabucos, tomarem conta do cruzamento das Terras com o Jardim Botânico e a Calçada, e atirarem umas ameixas fulminantes contra o prédio do brigadeiro).

Estacamos aqui, os gaiulos, embasbacados com a manobra da sentinela. Antes de alcançarmos a romaria, topamos com o velho «Macarrão» despedido do grosso da coluna, bufando como um toiro. A comparação é válida, porquanto nos seus tempos fora um colosso de força. Fixou-nos com um olhar manso de quem se despede destas andanças e disse:

«Quando for a minha vez, não me cansarei tanto!»

Dentro do cemitério, o ataude transitou de mão em mão até á cova, passando pela capela como cachorro a quem puseram malagueta no rabo — o «Violas» era incrêu.

* * *

Depositado o féretro sobre dois suportes de pau, transportados desde a entrada por um galego, os acompanhantes rodearam o corpo para o adeus derradeiro. Sugeriu alguém que se abrisse o caixão. E assim se fez. Desviado o lençol, a multidão de compadres e amigos pôde apreciar a fisionomia calma e radiosa do «Cotovio». Entretanto, chegava o coveiro com o recipiente da cal.

Foi então que, por imprevidência, o funcionário poisou o balde sobre o ventre do cadáver. Este, como resposta, lançou um urro estridente. Tanto bastou para se estabelecer um alarido impróprio do local: fugas precipitadas, desmaios e prantos angustiantes. Umas mulheres, vindo no «desabafo» do defunto um desejo de reconciliação com as forças sobrenaturais, gritavam:

«Milagre! Milagre!»

Apenas o «Finezas» permaneceu firme á beira do coval, é certo que com os cabelos em pé e duvidoso quanto ao desfecho.

«Qual milagre!» — barafustou, finalmente. Se o «Violas» ronca é porque não está morto».

A fachada do Inocência, para desgraça do lirismo bairrista, fora cer-

POSTAL ILUSTRADO

As primeiras chuvas que vieram no princípio do Outono deixaram-me á porta o cartão de visita: larga mancha verde no dorso do baranco, em desequilíbrio, tal a menina que subiu na garupa da égua e não sabe como vir abaixo.

Distingue-se a penugem macia dos trevos. As leitugas erguem a pequenina anfora de pólen que os ventos caminheiros não tardarão a desflorar. E aquelas folhas largas, mal saídas do chão, á beira das quais surgem as candeias. Baixo-me e colho uma. Há nomes para elas em Lineu? Há, por certo. Pois trato-as por candeias, que é a cunha muito a propósito.

No meu aido, em lhavo...

No tempo onde havia pai e irmãos e bolos no forno para mim...

E uma trepadeira ao pé da minha janela, de que o vento sempre se servia como de uma harpa...

Nesse tempo, corria um formigueiro de trevos até ao poço do engenho. E aqui a além aparecia uma candeia, ralada de negro e verde e carmesim.

Apanhava-a, trazia os olhos enfiados nela até casa. Pendurava-a na parede, como se fosse candeia a sério. E a pobrezinha não tardava a apagar-se, serenamente, tão a sério tomava o seu papel...

Nesse tempo, quando havia uma harpa em glicínias...

...Agora, trago comigo um moirão de candeias. Não sei que lhes vou fazer. A verdade é que me faz bem o contacto delas. Equilibro-me melhor.

Como se fosse este o lastro que me faltava.

Daqui a Lisboa é um domingo. Brevíssima eternidade.

Claro que Lisboa não tem culpa. É tão difícil, lá...

O Sol é não o termos, o trabalho e a fadiga dele, o tempo e mutilado, no rio a vela e os armazéns sem deixarem vê-la.

Lisboa não tem culpa. Mas, tão

Por MANUEL AGRA

fisicamente se prende a esta angustia, a esta sofreguidão de viver jamais satisfeita, tanto por aí estamos dispersos e semeados sem razão, que a ideia de voltarmos provoca já um sentimento de desgosto.

Mas a cidade guarda um terreno firme...

Um sorriso...

Braços em cuja força confiamos.

(E o vosso sorriso, e os nossos braços...).

Lisboa! Até amanhã.

Não tarda a chover, apostamos?

A moinha esfarelado-se de um céu medianoite ou a tormenta brusca, rápida, desencadeada contra as folhas secas os mendigos, os sem amanhã — que é a pior de todas as pobrezaas.

Claro que os homens não entram no jogo.

Não aceitam.

Destruição — mas construir, dizem os bichinhos orgulhosos, erguendo a cabeça.

Ouçó o chiar da forja, no ferreiro.

E a risada do «amola tesoiras e navalhas».

E a serra mecânica, no bosque.

E uma poema — o poema é a esperança...

Eu próprio jogo no contra. Destruição? Não contem comigo! Depara-se-me um pinheiro com três dedos de altura. Parece que esta é a boa altura de o transplantar. Resolvo-me: a levá-lo para o nada de chão que tenho á porta.

Assaltam-me recelos... E se não pega? Se morre? (De frio, de abandono...).

— Pinheirinho! Poderei plantar-te á minha porta, fazer de ti algo que desafie a eternidade.

— Sim, meu amigo. Se...

E na sua vizinha desamparada:

— Se me plantares primeiro no teu coração

(Continuação da 3.ª página)

goa vitoriana de bicos de gás, de quartos lóbregos e paredes frias, de miséria e mendicidade. E eles vêm ainda, alguns destes pobres, que são a alegria das ruas, de bairros excêntricos e suburbanos, onde a vida ainda não mudou, onde os bicos de gás silvam com um clarão lívido contra as paredes escodeadas e sujas.

O realejo lá continua a escorrer a sua melodia gasta á porta dos teatros, de Covent Garden, do mercado de flores, aquele realejo irritante e inútil que as orfãs de um velho coronel sempre odiaram de

mantendo um vago aprumo militar, uma dignidade modesta no seu papel de músico alcançado.

Tocam de riço, num jeito maquinal, em fila, sobre o rebordo do passeio, enquanto o homem da perna decepada, amparado ás muletas, ligeiramente curvado para diante, estende ao transeunte o chapéu virado num gesto conhecido.

Um distico solto pende-lhe do peito, em colar, apresentando-nos os bravos de Dunquerque. E há sempre uns cobres no fundo do bolso, para ajudar a pensão de guerra, e um sorriso, para agradecer o heroísmo de um velho combatente. Então, ás vezes, eles fazem uma

recreio abandonados balouçam de leve na água negra, onde os anúncios luminosos põem borrões de um vermelho grosso e empastado.

Dum portal saem dois garotos, olhinhos furantes e vivos sob a volta grossa do cachecol que lhes cobre a cabeça — «A penny for the Guy mister». Um boneco de trapos, uma caraça carnavalesca de longos bigodes colados simbolizam o famigerado Guy Fawkes, que um dia quis fazer saltar o Parlamento com uma barreira de pólvora. Hoje só as crianças o lembram com foguetes, fósforos de cor e bichas de rabiar.

CRONICA DE LONDRES

esperadamente, porque ele assina-lava o dia chuvoso do funeral e o desfazer das suas ilusões de raparigas. Um «orgue de Barbaries», pobre e querida caixa de musica da nossa infancia, glória de batalhas justas, flâmulas e bandeiras ao vento, saudades de uns olhos verdes, postais de portos distantes e cartas de amor esquecidas no fundo de uma gaveta. Encanto perdido e reencontrado num minuto, prazado desta manhã, quente da ternura adolescente daquela carta de John, com muitos kisses em cruzinhas XX só agora lida no autocarro a caminho do emprego.

A neblina esgarça-se, esfrela-se em farrapos leitosos, mostra um disco alaranjado vogando sobre uma cratera imensa de nuvens variadas, de flechas acarvoadas e brilhantes.

E, de subito, como um grito, um estouro de pneu furado, como um comboio que sai dum tunel, a charanga improvisada rompe em estridências marciais, que fazem marcar o compasso aos basbaques do momento. E' um grupo de homens grisalhos, de fato coçado, sapatos sambados e velhos penantes,

pausa breve, limpam com o lenço o suor da testa, e atacam com brio e um lume fugidio no olhar:

Old soldiers never die
They just fade away...

Lentamente, num esvaecimento insensível de cores e de formas, a bruma leve começa a fundir-se com as sombras da noite. Por instantes o horizonte fende-se ainda numa larga faixa de azul pálido, sangra, e deixa um rastro de ouro, logo envolto num fino cendal de nuvens, como para esconder aquela agonia.

A cidade tornou-se agora, no escuro do seu sortilégio nocturno, um conto de mistério oriental. Entre-vêm-se, sob o véu de uma poeira humida, que se cola á roupa e põe um travo picante na garganta, vultos vagos, «cafés» de vidraça embaçada, um mendigo no vão de uma porta, um policia de ronda jogando o facho da lanterna de bolso.

Do Tamisa rola uma névoa subtil, uma garoa que se perde pelos olhais das pontas e afaga brandamente os namorados que se beijam nalgum caos deserto. Vapores de

A corrente humana engrossa a caminho de Piccadilly, apinha-se á porta dos cinemas, e segue, segue sempre. Erra no ar o odor gorduroso dos hot-dogs, servidos sobre balcões de estanho de carretas ambulantes. Uma mulher elegante deita ao passar um aroma de lavanda.

A saída dos teatros, aparecem as floristas com o seu raminho de violetas e o cesto enfiado no braço. Mas não, elas não têm o encanto que a arte e o romance lhes emprestaram. Não, não são bonitas, nem sequer jovens. Têm rugas no rosto cansado, fios de prata no cabelo respeitável, e algumas ocultam sob a meia grossa as pernas varicosas.

No asfalto molhado há pontas de cigarro, pedaços de papel e flores esmagadas numa orgia de pétalas. E a névoa cobre tudo de uma maldade humida de uma saudade pudica, muito ao de leve, ao rés do solo, tocando tudo desta tristeza, deste desencanto macio e desta serenidade desfolhada do Outono londrino.

Novembro, 58.

LUIS DE SOUSA REBELO

NÃO VÊIA APENAS

A PEÇA

leia

(não pode deixar de ler)

o extraordinário livro

de OLIVIERO DI AMINE FRANCH

edição de Livros do Brasil



teira. Penosos trabalhos sofreu o coveiro para apaziguar os animos e explicar na sua linguagem pitoresca as causas do fenómeno. A despeito da vibrante eloquência, o mulheiro crédulo engendrou a lenda — era fatal! —, bem vivaz ainda no espirito da gente humilde: o «Violas», ao galgar as alturas a caminho do céu, deu a tempo pelo erro da sua conduta e urrou em manifestação de arrependimento e remorso. Em consequência da prova ter sido publica e feita em terra firme foram-lhe perdoados os pecados.



VILHENA apresenta ARTES & ARTISTAS

UM ASSUNTO
POR
SEMANA

ARQUITECTURA



— Ficou assim porque, quando o governador colocou a primeira pedra, ninguém teve a coragem de lhe dizer que estava torta!

PINTURA



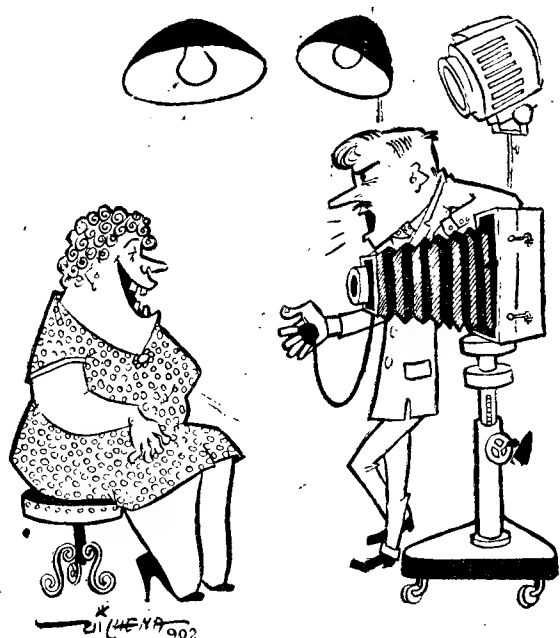
Sem palavras

ESCULTURA



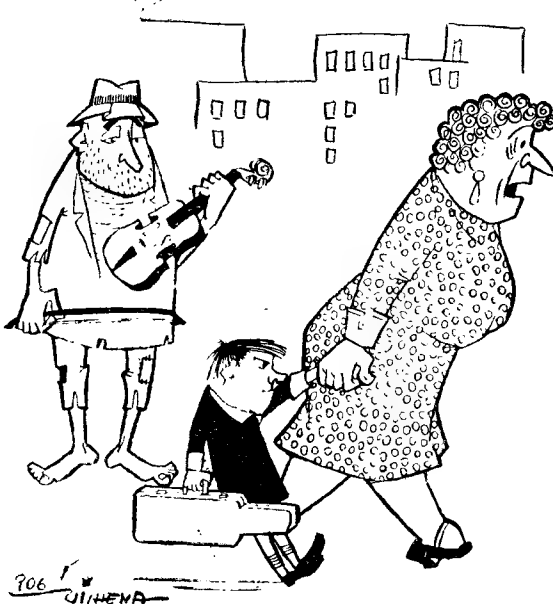
— Este foi feito por um artista da nossa tribo que estudou na Metrópole.

FOTOGRAFIA



— Mas quem é que mandou sorrir?!...

MÚSICA



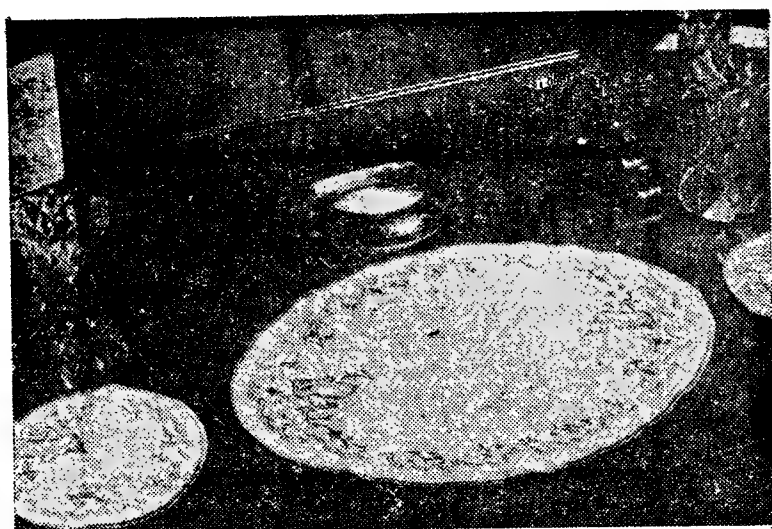
— Hei-de fazer de ti um violinista, quer queiras quer não!

SELO CANTO



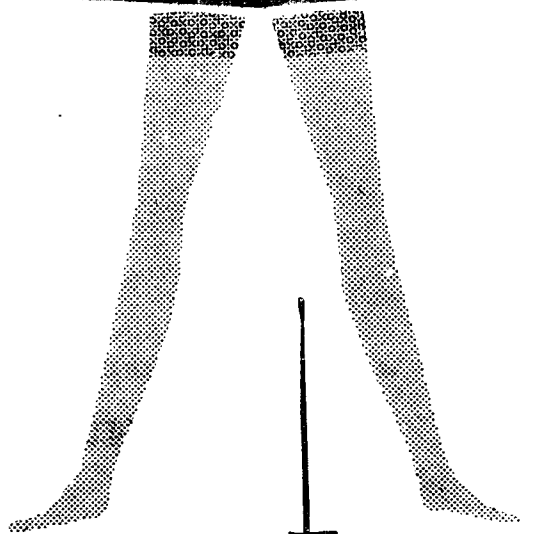
Sem palavras

Ria com gosto, com saúde e com a pasta **DEX-CREME**



Jojo de «napperons» para toucador, de «rioplex» azul-claro, borua-
dos a ponto de Bolonha, ponto cheio e ponto pé-de-flor com filoselle
Ancora azul-escuro, cor-de-rosa claro e cor-de-rosa médio, verde-claro,
verde-escuro e amarelo. O modelo maior mede 0°39x0°29, e os mais pe-
quenos 0°15. Uma amostra explicativa de qualquer dos pontos empre-
gados importa em 6\$00 e o desenho dos «napperons» no tamanho natu-
ral importa em 7\$00. As importancias podem ser enviadas em selos. A
cobrança, mais 2\$00 Pedidos á «Página da Mulher», «Diário de Lisboa»,
Rua da Rosa, 57, 2° — Lisboa.

não esqueça
as suas pernas
ande em beleza
com as meias
aventure



DISTRIBUIDORES PARA TODO O PAÍS A FREIRE GOMES, LDA

PAGINA DA

CULINÁRIA

Eirós á Mariana

Prepara-se 1 kg. de eirós grossas e cortam-se em pedaços grandes. Fritam-se 3 dentes de alho numa colher, de sopa, de margarina. Retira-se o tacho do calor, tiram-se os alhos e deitam-se para dentro 6 cebolinhas, 1 cenoura cortada em tiras delgadas, a casca de 1/4 de limão, sal, pimenta, outra colher, de sopa, de margarina e os pedaços das eirós.

Voita ao lume e deixa-se ferver com o tacho destapado, até as cebolinhas ficarem levemente louras.

Nunca se mexe com colher, para não desfazer as eirós. Deita-se um tomate grande, limpo de peles e pevides, 1 cálice pequeno de conhaque, tapa-se o tacho e deixa-se ferver até o molho apurar.

Servem-se rodeadas de fatias de pão ligeiramente fritas em margarina.

Costeletas de carneiro com molho de manteiga

Preparam-se as costeletas, temperam-se com sal, pimenta e sumo de limão. Fritam-se em manteiga juntamente com um dente de alho. Colocam-se num prato dispostas em forma de coroa, rodeiam-se com batatas fritas e cobrem-se com o seguinte molho: derretem-se cinquenta gramas de manteiga com duas colheres de farinha, mexendo sempre com colher de pau. Junta-se caldo ou água fazendo um molho espesso. Junta-se a manteiga da fritura coada por um passador fino e um cálice de vinho da Madeira. Serve-se quente.

Biscoitos para chá

Amassam-se cento e cinquenta gramas de margarina com trezentos e oitenta gramas de farinha de trigo, cento e cinquenta gramas de açúcar refinado, um ovo e raspa da casca de um limão pequeno. Junta-se um pouco de leite, para a massa ficar bem ligada, sem a deixar muito mole.

Tendem-se biscoitos, que se vão colocando em tabuleiros levemente untados e polvilhados com farinha. Salpicam-se com açúcar pilé e metem-se os tabuleiros em forno esparto para os biscoitos cozerem rapidamente. Tiram-se, depois de frios, com a lamina de uma faca.

Comida portuguesa

de há cinquenta nanos UM BIFE A MARRARE

No «Café Marrare», instalado há cinquenta anos onde se encontra hoje a sala de jantar do Hotel Francfort da Rua de Santa Justa, tinham grande fama, por serem deliciosos, os «bifes á Marrare» que se preparavam da seguinte maneira: cortava-se um bife alto dum pojadouro de vaca. Punha-se ao lume uma frigideira de ferro e quando esta já estava bem aquecida deitava-se-lhe para dentro um bocado de manteiga. Logo que a manteiga estava derretida e bem quente, mas antes de escurecer, punha-se o bife a frigar. Deixavam-no tostar de um lado, sem lhe tocar e voltavam-no depois para tostar do outro lado. Isto era feito rapidamente para a carne ficar mal passada no interior do bife. A seguir substituíam a manteiga da fritura por outra porção igual de manteiga fresca e deixavam-na derreter. Juntavam-se duas colheres de natas frescas, a manteiga da fritura e mexiam tudo. Deitavam, então, esse molho sobre o bife que já estava colocado numa travessa aquecida e serviam-no com batatas fritas na forma de patitos.

As batatas apresentavam-se muito macias e empoladas porque eram fritas pelo seguinte processo: depois de cortadas eram levemente cozidas em banha derretida num tacho colocado sobre lume brando. Retiravam-se da gordura e deixavam-se arrefecer. Elevava-se então o calor da gordura em lume forte e quando estava a ferver bem mergulhavam-se-lhe novamente as batatas que, assim, ficavam completamente fritas e empoladas. O sal era-lhes deitado no fim, quando iam para a mesa acompanhando o famoso «bife á Marrare».



VESTIDO CASEIRO

Para casa, para receber as visitas ou um jantar mais íntimo, fica bem este vestido de fazenda com as orlas das mangas e a gravata desfiadas. Os ombros são descidos, a cinta é ligeiramente acentuada. Deixamos ao bom gosto das leitoras a escolha da cor e do tecido.



PRISÃO
DE VENTRE

A pontualidade intestinal sem
cólicas nem acostumação.

Rectonus

Supositórios

À venda nas Farmácias.

V. tx.ª deve preferir
este famoso aspirador



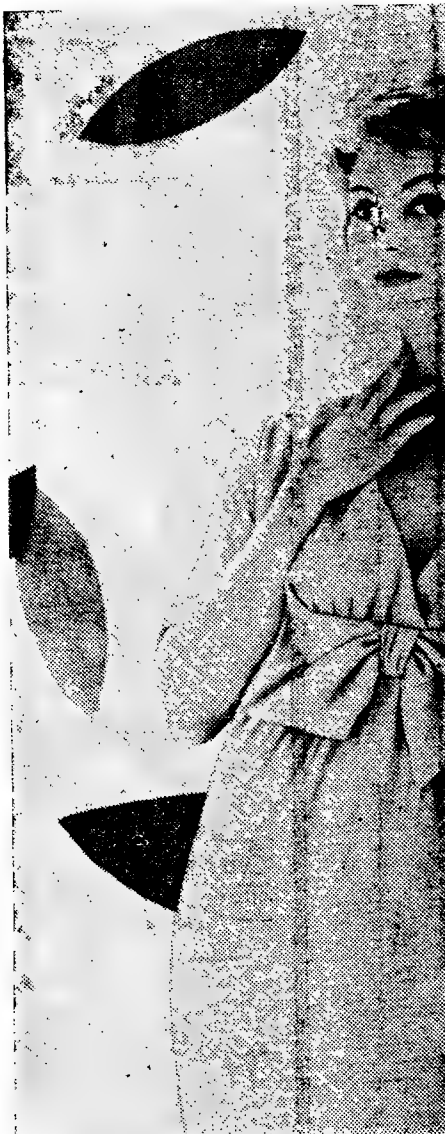
A VENDA EM TODAS AS
BOAS CASAS COM GARAN-
TIA E ASSISTÊNCIA PER-
MANENTE



A venda nos melhores
estabelecimentos

O «Diário de Lisboa» vende-se
no PINHAL NOVO, na casa Ma-
nuel Maria Marques.

FANTASIAS DO «TRICOT»
CONHEÇA AS ÚLTIMAS NOVIDADES
EXECUTADAS PELA **ORION**
VISITANDO O
STAND HUSQVARNA
RUA ALEXANDRE HERCULANO, 9-A



DA «LINHA SACO» (CO
À LINHA «IMPÉRIO»
QUAL SERÁ A

Vestido de «lainage» azul turquesa
de corte que lhe dá a nota de modern
ção da linha da moda, está agora, talvez
valeria a pena trocar a linha saco, tão
tão pouco sugestiva — e, sobretudo, tão
beleza da mulher?



Uma mulher encantadora que rec
a beleza juvenil graças ao trata
regular com Placentubex

Merz & C. Frankfurt/Main
Agentes Gerais para Portugal
A. Dias & Santos, Lda. — Rua da

DA MULHER



ACO» (CONDENADA)
PÉRIO» (EM VOGA)
SERÁ A PREFERÍVEL?

azul turquesa, valorizado por um pormenor
ota de modernismo. A leitora, atenta á evolu-
tá agora, talvez, em condições de perguntar:
mha saco, tão inestética, pela linha «Império»
sobretudo, tão pouco dada a favorecer a es-

Oito conselhos de Claude Chambert para combater a fadiga

Comam peixes e mariscos, ricos em fósforo, cálcio e vitaminas B. São excelentes para combater a fadiga.

ao ar livre. O oxigénio, desintoxi-
cando o organismo, leva-o a um
grande repouso.

CLAUDE CHAMBERT

Desde que comam legumes ver-
des dêem preferência aos que são
ricos em vitaminas C: alcachofras,
alfaces, espinafres, feijões verdes,
beterrabas, etc.

Comam muita salsa crua. É o
vegetal mais rico em vitamina A
e um poderoso reconstituente.

Desde que estejam fatigados
passem a comer pouco, lentamen-
te, e, de preferência, alimentos de
fácil digestão. Comendo muito
submetem o organismo a um es-
forço suplementar.

Em casos de fadiga evitem os
vinhos muito alcoólicos e o café
forte que depois de uma ilusória
energia por eles obtida vos fará
cair em verdadeira prostração.

Procuram distrações e conví-
vios agradáveis. O isolamento e a
falta de distração provocam, ou
agravam, os estados de fadiga.

Depois de um esforço intelec-
tual repousem completamente. Não
atendam aqueles que vos dizem
que os exercícios físicos servem
de descanso aos fatigados do es-
pírito. As duas fadigas — intelec-
tual e física — não se neutrali-
zam.

Passem a maior parte do tempo

Os meus segredos

Quando guardo, por algum tem-
po, os meus sapatos de verniz, un-
to-os levemente com vaselina para
que não fiquem ressequidos nem
estalem.

*

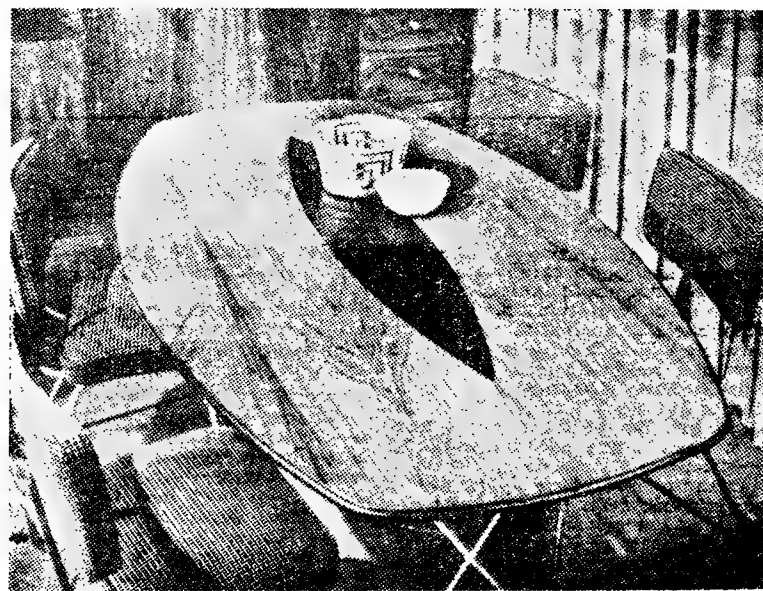
Para lustrar os móveis antigos
emprego a seguinte mistura: essen-
cia de terebintina, vinte e cinco
gramas; azeite, cinquenta gramas.
Passo depois os móveis com uma
flanela macia.

GATA BORRALHEIRA



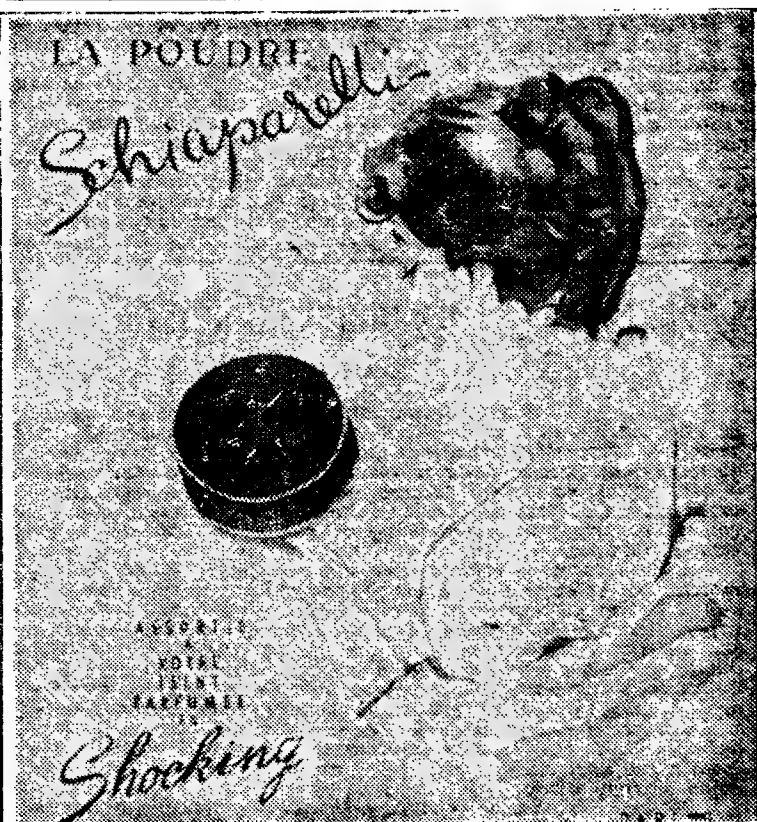
UM MODELO DA CASA DIOR

Vestido de fazenda branca abotoa-
do em toda a altura. O cinto é de
camurça cor-de-castanha, com uma
larga fivela revestida. O chapéu de
pele branca dá á «toilette» uma no-
ta de requinte. É bem um modelo
da Casa Dior que se deve ao lápis
de Saint Laurent.



MÓVEIS MODERNOS

Mesa de castanho encerada com a parte central de madeira muito
escura. As cadeiras são de metal com costas e assentos estofados de xa-
drez castanho e verde claro.



BREVEMENTE...

Schiaparelli PARIS

APRESENTA, EM LISBOA, NAS MELHORES PERFUMARIAS,
O SEU FAMOSO PÓ DE ARROZ

Placentubex

Creme sem gorduras para o
rejuvenescimento profundo da pele

Segundo experiências científicas efectuadas nas
mais importantes clínicas dermatológicas universitá-
rias, o creme «Serol» (marca registada), isento de
gorduras e solúvel na água, que serve de base ao
extracto de Placenta no PLACENTUBEX, penetra nos
tecidos profundos da pele. A fim de que esta acção
em profundidade tenha êxito completo, porém, é de
grande importância que a pele se encontre privada
de gorduras — as quais em regra, contêm grande
número de impurezas. Por isso, é conveniente lavar
o rosto com água e sabão — de preferência com o
sabonete Merz-White.

Na pele assim preparada, aplica-se então uma fina
camada de PLACENTUBEX e só depois de se deixar
este creme infiltrar convenientemente, se deve pôr
um creme gorduroso ou nutritivo habitual.

PORTANTO: Lavar — Placentubex — Creme gordo.
As suas amigas e conhecidas notarão espontanea-
mente o seu aspecto fresco e juvenil — e, sem dúvida,
invejá-la-ão.
O Sabonete
MERZ-WHITE,
que também
contém Placen-
tubex, é um
valioso auxiliar
do tratamento



Fotografias da zona circundante dos
olhos antes e depois do tratamento
com Placentubex

adadora que recuperou
raças ao tratamento
Placentubex

kfurt/Main — Berlim — Zurique
Portugal — Rua da Madalena, 273 — Lisboa



Lindos Papéis de Fantasia
e Fitas para Embrulho.
Vasta Colecção de Cro-
mos de Natal. Agendas.
Albuns. Decalcomanias.
Flores Plásticas

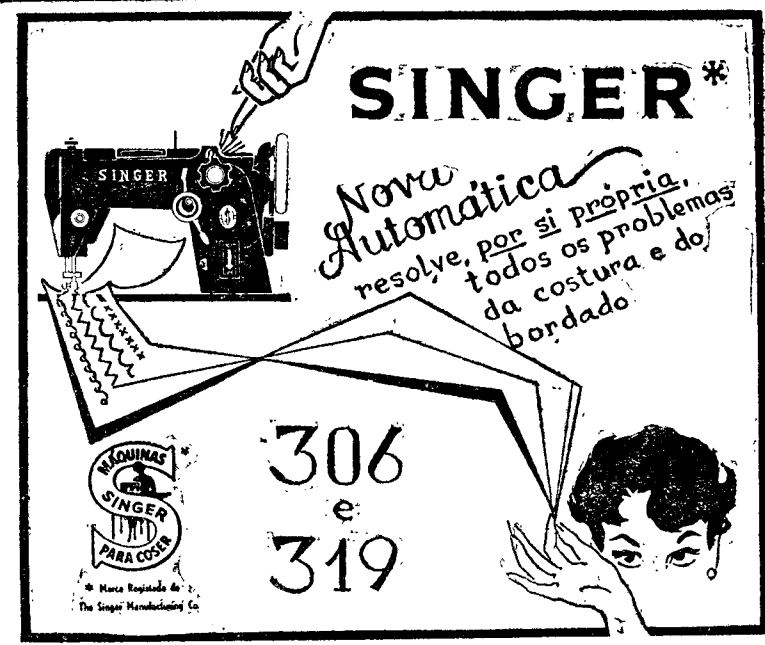
Papeleria Vasconcelos
RUA DA PRATA, 270

Máquina de
TRICOTAR **BUSCH**

APENAS **115\$** MENSAIS
CHEGOU NOVA REMESSA DA
MAIS SIMPLES, ECONÓMICA
E SENSACIONAL MÁQUINA
DE FAZER 'TRICOT'

REPRESENTANTES:

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Lda.
Avenida Fontes Pereira de Melo, 37
Telets: 59181-2-3 - LISBOA



Leiam o jornal
humorístico **fixe**



Eduquemos o nosso filho!

Mãezinha, eu ajudo!...

Quando uma criança diz: — «Eu ajudo», geralmente a mãe sorri inerte, acerta-a mas não aceita o seu trabalho. Isto é vulgar. É o caso da Teresinha, entre tantos...

Ora, ao entrar na 2.ª infância, a criança desperta para uma nova vida, cheia de interesses e curiosidades, em que o egocentrismo tão característico da idade anterior começa a ceder o lugar a uma influência cada vez mais nítida do meio social. As noções de propriedade e de possibilidade vão-se firmando, e a criança não só começa a ter consciência daquilo que lhe pertence, como também daquilo que pode fazer por si própria.

Durante anos, ela habituou-se a ver sua mãe fazer determinadas coisas a que a princípio não prestava atenção, mas que, com a continuidade, se foram firmando no seu espírito, fazendo nascer o interesse.

Ela observa, interessa-se e um dia quer experimentar. Talvez ela possa fazer o mesmo... É a imitação que se origina devido à influência do meio ambiente. E nós vemos a criança, pelos seis ou sete anos a querer fazer sozinho aquilo que habitualmente sua mãe faz perto dela. Quer vestir-se... calçar os sapatos... por que não pentear-se?

— Mãezinha, eu limpo a loiça... E tantas outras coisas que lhe acoem ao espírito e que as mães pressurosas imediatamente procuram impedir. Ela ainda não tem idade... é pequenina... não é capaz... A mãe faz... a mãe... a mãe...

E a criança permanece «tal operário que tudo quer fazer e a quem ninguém quer dar trabalho», entris-

dolência e as poucas qualidades de acção de sua filha, será então a primeira a censurá-la e a incitá-la ao trabalho.

Nunca devemos impedir o desenvolvimento da criança nem deixar de corresponder às suas necessidades na altura própria; devemos sempre procurar o seu bem-estar e ajudá-la a adaptar-se ao quadro social em que se encontra.

Vejam os seus interesses, ajudemos o seu desenvolvimento; procuremos aquilo que lhe possa agradar; aceitemos os seus trabalhos com o interesse e a compreensão que ela espera de nós; não a desiludamos.

Muitas vezes pensa-se erradamente que a criança gosta de elogios, mas não é bem assim. Tal como nós, quando temos a consciência de estarmos a realizar algo de bom, gostamos que nos compreendam, também a criança que realiza pela primeira vez determinada acção gosta que aqueles que a rodeiam compreendam e apreciem o seu feito; não é elogio que ela pede, é apenas compreensão!

Façamos, pois, por que ela se sinta amparada, e vá adquirindo desde cedo a noção de que tem possibilidades para realizar as tarefas que a princípio lhe parecem impossíveis para as suas forças, para que «amã» ela se torne um membro útil à sociedade.

TELMA



«O agasalho é muito sustento» — diz a sabedoria popular. Isto deve entender-se na boa medida, sem exageros que incomodam e prejudicam. Para os dias rigorosos de Inverno, este agasalho para o bebé é muito prático e confortável. Que vem a ser? Um simples casaco, com capuz, mas cosido na parte inferior, como um saco, e fechado de alto a baixo com um fecho de correr. Este modelo é de lã amarelo-claro, guarnecido com uma trança de lã branca. Pontos empregados: de liga e de canhão.

Concurso dos bocabinhos de ouro

Juiz-se que a criança deve estar sempre estendida, pelo motivo de não poder manter-se de pé. A criança deveria receber as suas primeiras impressões sensitivas do ambiente, do céu, assim como da terra, mas, precisamente, não se lhe concede ver o céu. Na realidade, contempla o tecto da casa, que, quando muito, será liso e branco, ou a coberta da cama. Contudo, é com a vista que ela colherá as primeiras impressões com que há-de alimentar o seu espírito faminto.

A ideia de que a criança necessita ver algo foi o que levou a mostrar-lhe objectos para a distrair daquelas condições erróneas que a isolam do ambiente. Então, a semelhança do psicólogo experimental terão atado à cama da criança uma bola suspensa por um fio, a oscilar; ou outro qualquer objecto que se balanceie diante dos olhos, para distrair a criança. Esta, ávida de colher imagens do ambiente, segue aquela bola ou os objectos que lhe oscilam diante dos olhos, e vê-se obrigada a segui-los com a vista, por não poder mover ainda a cabeça, retorcendo-se num esforço antinatural. E este esforço deformante é devido à posição grossa e artificial em que está, tanto no que diz respeito à forma, como ao movimento.

Bastaria levantar a criança, apoiando-a a um plano ligeiramente inclinado, para que pudesse abarcar o ambiente da casa; melhor seria colocá-la num jardim, onde lograsse seguir um panorama constituído pelas suaves ondulações das hastes em flor, por flores brilhantes colocadas à sua volta e pelos passarinhos saltando e voando.

É necessário que durante bastante tempo sejam os mesmos lugares que sirvam de campo de exploração para a criança, porque, vendo constantemente as mesmas coisas, aprende a reconhecer-las e a encontrá-las no seu respectivo lugar, distinguindo os movimentos dos objectos movidos pelo ar dos movimentos dos seres vivos.

A que livro pertence este trecho e quem é o seu autor? Será sorteadá uma assinatura da Revista «Os Nossos Filhos» por todas as pessoas que respondam correctamente. As respostas devem ser enviadas até ao próximo dia 24 para «Diário de Lisboa» — Magazine — Página «Eduquemos o nosso filho!» — Rua Luz Soriano, 44 — Lisboa.

A C.....
M..... M.....

A mãe riu

com o desgosto do filho

Pobre menino, que só encontrou na mãe incompreensão e troça, ao desejo espontâneo de lhe contar as suas magoas! Devia antes tê-lo escutado com toda a atenção, muito embora a causa das lágrimas lhe parecesse pueril. Seria um motivo sem importância para a sua mentalidade de pessoa adulta, mas para o filho o caso tinha um significado muito diferente, era talvez o seu primeiro grande desgosto. A criança também tem o seu amor próprio e sente-se quando é troçada; por isso a mãe cometeu um grande erro não acolhendo as confidências do filho com carinho e compreensão. Teria, com esta atitude, conluzmente tal não acontece; há até uma grande ternura pela mãe. Assim, não virá longe o dia em que ele tudo concentre em si, alegrias e desgostos; desconfiado do acolhimento que a mãe faria aos seus desabafos, resolverá calar-se, passando a ser para a mãe um desconhecido!

Tudo isto é consequência da falta de preparação que as mães têm para educadoras. Já repararam que há cursos para tudo menos para esposos e educadores? As mães deviam ler tudo o que as pudesse esclarecer na sua missão, mas infelizmente tal não acontece, há até mesmo, não sei porquê, grande desinteresse por essas leituras.

MARIA DE LOURDES PEREIRA

Consultório das Mães

Sei que há uma tabela que nos indica o peso que as crianças devem ter, conforme a idade. Gostava que a publicasse, pois tenho um pequenito com dezasseis meses, e não sei se pesa o que está indicado.

Resposta:
Os pesos indicados pela tabela não têm de ser forçosamente seguidos por todas as crianças. Há uma regra que nos ajuda a avaliar se a criança está de saúde e se desenvolve normalmente; essa regra ensina-nos que dos cinco aos seis meses a criança dobra aproximadamente o peso que tinha ao nascer, aos doze meses triplica-o, e aos dois anos quadruplica-o. Um criança são mais pesadas do que outras, e nem por isso são mais saudáveis. Por exemplo: as crianças alimentadas artificialmente são, em geral, mais pesadas, mas não têm mais saúde do que as crianças criadas ao peito. Posto isto, aqui lhe fica a tabela que deseja:

Nascimento	3,250
10 dias	3,250
1 mês	3,700
2 meses	4,400
3	5,100
4	5,800
5	6,500
6	7,100
7	7,500
8	7,800
9	8,100
10	8,400
11	8,600
12	8,800
18	10
2 anos	11,500
3 anos	13

Tenho dois filhos, de nove e doze anos. Muito cabeças no ar, muito impetuosos, e muito pouco atentos às minhas recomendações. Por mais que os avise não consigo que sejam cuidadosos e sensatos como outras crianças da mesma idade. Vivem permanentemente aflitos pelo que lhes pode acontecer, e muito desanimada porque eles cada vez me ouvem menos.

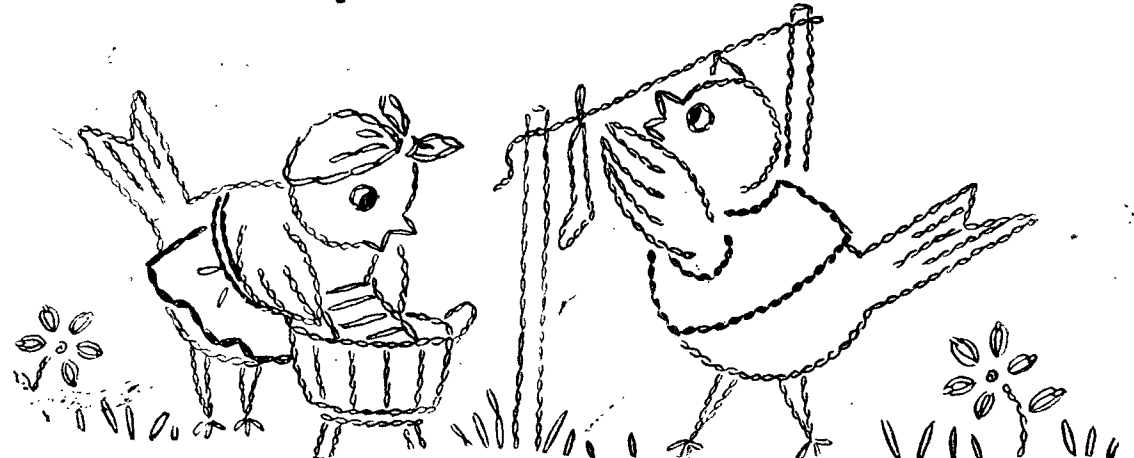
Resposta:
— Tem de modificar a sua atitude, estimada leitora. É muito possível que esse seu estado permanente de ansiedade e desânimo seja a causa do comportamento estouvado de seus filhos. Embora na melhor das intenções, a verdade é que os enfada com os seus cuidados e recomendações excessivos. As pessoas ansiosas, que por tudo se enervam e preocupam, que em toda a parte descobrem motivo de aflição e desconsolo, afas-

tam a felicidade de si próprias e daqueles que as rodeiam, criando um ambiente verdadeiramente opressivo. É muito provável que a leitora se encontre num estado de grande fadiga, por excesso de trabalho ou preocupações, e que portanto precise, antes de mais nada, de repousar e de se tratar. Depois, mais calma, compreenderá que as crianças necessitam de um certo numero de regras em que possam apoiar-se, mas não de dezenas de regras que lhes toham os movimentos e barrem o caminho em todas as direcções. Quero dizer que deve, evidentemente, dar a seus filhos umas tantas indicações claras, precisas, mas não estar constantemente com recomendações e proibições; eles têm de tomar a responsabilidade do que decidem e fazem, e a mãe terá de assistir, sem intervenções aflitivas, às consequências, mesmo ligeiramente desastrosas, da sua conduta. Eles têm de viver por si próprios, de experimentar, de aprender. As suas constantes recomendações não lhes deixam adquirir o sentido da responsabilidade, e das proporções. Por isso eles não sabem decidir, nem avaliar as consequências, o que é muito natural, visto que tudo lhes é apresentado com uma importância exagerada que a realidade se encarrega de desfazer.

Os meus primeiros filhos foram sempre muito mansos e bons de criar. Mas tenho agora um bebé que é extremamente vivo, meze-se constantemente, nem a mamar está quieto, o mais pequeno barulho o faz estremecer, e dorme pouco.

Resposta:
Trata-se, possivelmente, de uma criança nervosa. É como todos os bebés, deve ser observado periodicamente por um médico pediatra, que acompanhará o seu desenvolvimento e aconselhará o regime que mais lhe convém.

O nosso conselho, pois, é que leve o seu filhinho ao médico. Entretanto, rodeie a criança de um ambiente calmo. Não deixe que os irmãos, embora os excitam constantemente com as suas brincadeiras. A hora da mamada feche-se sozinho com ele num aposento sossegado. Passe a dar-lhe o banho à noite, ao deitar, e junte a água do banho um infuso de 100 gramas de tilia.



Pequena história do casal amigo

Para contar aos bebés e bordar nos seus bibes

2 — Uma dona de casa tem muito sempre de lado para lado, não des-acontecia, estar em casa quando a senhora Pardalica lavava a roupa — lá ia ele, muito gentil, estender as meias e os lenços, numa cordialidade, a senhora Pardalica andava e gostava de a ajudar. Por isso, se

A ASTRONAUTICA

A Astronáutica é decerto tão velha como a Astronomia. O homem primitivo que ao observar as constelações lhe atribuía formas saídas da sua imaginação e sonhava fazer uma viagem aos corpos celestes que giravam pelo firmamento, estava já lançando as bases dessas ciências e abrindo caminho para uma mais perfeita compreensão do Universo. Porém, até ao século XVII, a astronáutica não podia considerar-se ainda uma ciência. O homem nada sabia dos astros nem da sua mecânica. Com a descoberta da lua e das leis que regem o movimento dos corpos celestes, as especulações á volta de uma possível viagem interestelar principiaram a ter um carácter mais científico e as obras sobre o assunto a surgir numa quantidade que dizia bem do entusiasmo suscitado. Cyrano de Bergerac publica em 1649 «Viagem á Lua» e o grande Newton sonha com viagens efectuadas em veículos movidos por reacção. No século XIX, desde Wells com a «cavorite» até Lasswitz e o «écran cósmico» passando pela famosa «Viagem á Lua» de Julio Verne, os autores deram largas á sua fantasia alimentada sem cessar pelas descobertas efectuadas nos campos da física e da química. O romance de Julio Verne, que preconizava a utilização de um canhão de trezentos metros de comprimento, foi duramente atacado e os críticos concluíram que para fazer uma viagem á Lua era mister uma fraca velocidade inicial e um veículo capaz de aumentar ou diminuir a sua velocidade de acordo com as necessidades. Estas exigências só podiam ser satisfeitas por um engenheiro: o foguetão.

Tziolkowsky

Nascido em 1857, Constantin E. Tziolkowsky foi o autor do primeiro projecto sério de foguetão interplanetário (1903). Preconizava o uso de misturas de combustíveis líquidos (oxigénio e hidrogénio); alimentação por bombas; e deflectores de veio e giroscópios para comandar e dirigir o voo. São estes ainda os princípios que presidem á técnica de construção dos foguetões. A França lartilha com a Rússia a glória de ter lançado as bases da Astronáutica. Em 1911, o francês Bing demonstra a importância da relação de massa e dos foguetões compostos; em 1920, Esnault-Pelterie declara quase resolvida a questão da relação de massa, atentas as velocidades de ejeção conseguidas e na mesma altura Tziolkowsky lança o projecto de um satélite artificial. Em 1923 o alemão Oberth escreve um tratado, hoje clássico, sobre a propulsão por meio de misturas combustíveis líquidas; em 1924 pela primeira vez os Estados Unidos participam dos trabalhos astronáuticos e o americano Goddard lança com sucesso um foguetão movido a combustível líquido; em 1928 o francês Pirquet apoia a utilização de satélites como meio de evitar as dificuldades originadas pela relação de massa e é ainda um francês, Rosny-Ainé, o inventor da palavra «Astronáutica».

Foguetões

Em 1232 os defensores da cidade de Kai-Fong surpreenderam e dispersaram a cavalaria mongol que os atacava, lançando sobre ela flechas ás quais se ligava um tubo de bambu cheio de matéria inflamável, á qual era posto fogo na altura do arremesso. Como se vê, os foguetões começaram por ser armas de guerra e ainda hoje o são — caso do foguetão balístico intercontinental.

Com o advento das armas de fogo, o foguetão viu-se relegado para segundo plano, destinado unicamente a servir como ornamento de festas. Utilizado esporadicamente em algumas ocasiões — em 1806, pelos Ingleses, contra Boulogne; em 1807, contra Copenhague; na guerra com a América e Grande Guerra — o foguetão reconquistou durante a segunda guerra mundial o lugar há tanto tempo perdido. Nessa altura, engenhos dos mais variados modelos foram postos em prática, na sua maior parte propulsados a combustíveis sólidos (como os das «bazookas» e dos «órgãos de Stalin») mas as grandes inovações verificaram-se no campo dos foguetões a combustíveis líquidos de que, no fim da guerra, a V-2 alemã era o modelo mais perfeito.

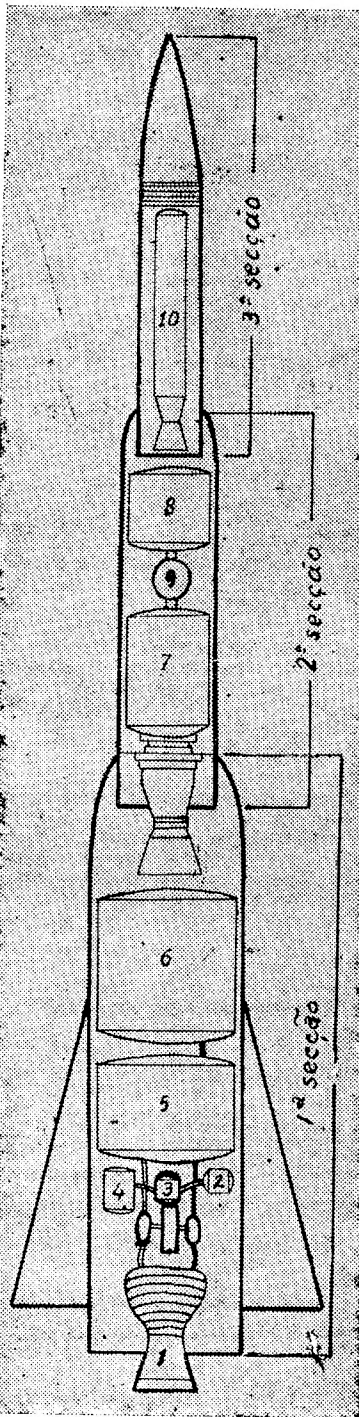
Após o conflito as pesquisas continuaram, quer na América, quer na Inglaterra, Austrália, França e U. R. S. S. e presentemente há foguetões para o estudo da alta atmosfera, para facilitar a descollagem

dos aviões de transporte, para intercepção, para combate aéreo, foguetões táticos e a chamada arma absoluta — o projectil balístico intercontinental.

Como arma de guerra, o foguetão é largamente empregado. Pelo Exército como projectil tático «sol-sol», pela aviação como engenho de combate aéreo «air-air» e «air-sol» e na defesa anti-aérea, como projectil teleguiado «sol-aer», enquanto a marinha utiliza submarinos equipados com plataformas de lançamento de foguetões.

Propulsão por foguete

Actualmente são usados na aviação quatro tipos de motor: de explosão, turbo-reactor, stato-reactor e foguetão. Dentro das dimensões terrestres os três primeiros são excelentes mas para atingir, como no caso das viagens cósmicas, velocidades de milhares de metros por segundo, o foguetão é mais vantajoso. Para mais, fora da camada atmosférica, o veículo não pode ir buscar a matéria comburentes ao exterior, tem de a levar ele mesmo, o que só é possível na propulsão por fo-



pólvora só podem ser utilizados em curtas distancias, não se atingindo com eles as velocidades hipersónicas necessárias na astronáutica.

Os combustíveis e comburentes líquidos abrangem uma gama de produtos que vão do oxigénio líquido ao ácido nítrico, passando pelo álcool etílico e a água oxigenada.

Os diferentes corpos sólidos ou líquidos cuja energia é empregada na propulsão chamam-se «ergols». Consoante se trata de um corpo unico que é ao mesmo tempo combustível e comburentes, de uma mistura que deve ser previamente inflamada, ou de uma mistura cujos componentes, ao contactar, se inflamam espontaneamente, esses corpos tomam o nome de «monergols», «propergols» ou «hipergols». Um monergol sólido típico é a pólvora, de que já falámos. O unico monergol líquido utilizado com êxito até hoje foi — e é — o peróxido de hidrogénio, numa concentração de 80 a 85 %. O nitrometano tem sido também empregado. Como propergol podemos citar a mistura oxigénio líquido-álcool etílico e como hipergol a mistura ácido nítrico-dimetilhidrazina dissimétrica.

O bom funcionamento de um foguetão depende principalmente do comburentes, isto é, da substancia na qual o combustível será queimado. Os mais utilizados são o oxigénio, a água oxigenada e o ácido nítrico e actualmente o flúor é objecto de pesquisas, sendo considerado o mais possante comburentes que se conhece.

Os combustíveis são bem mais abundantes e podem ser líquidos (como o álcool etílico) ou gasosos (caso do hidrogénio).

Como combinações mais empregadas na propulsão por foguetão, mencionamos os propergols água oxigenada — hidrato de hidrazina, ou metanol; oxigénio líquido — álcool etílico, hidrocarburetos, hidrazina, amoníaco líquido, ou o decaborano (composto de hidrogénio e boro) e o hipergols ácido nítrico — anilina, furfural, ou éteres vinílicos.

Chegamos agora á alimentação. Nos grandes foguetões a líquidos a camara de combustão é alimentada por intermédio de bombas. O movimento das bombas é assegurado pelo funcionamento de uma turbina a vapor. Emprega-se também a pressão do hélio ou dos gases provocados pela combustão de uma pólvora.

Funcionamento

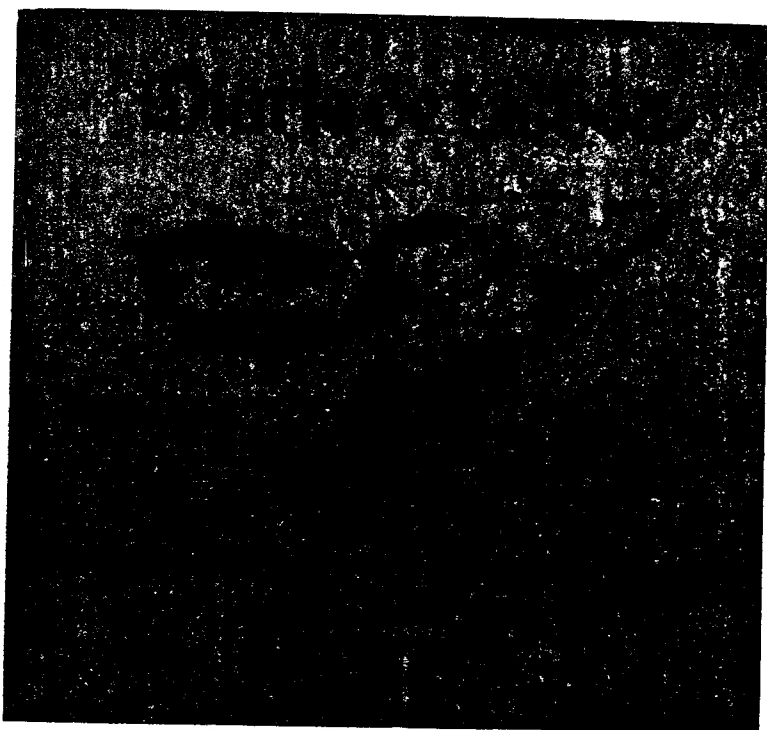
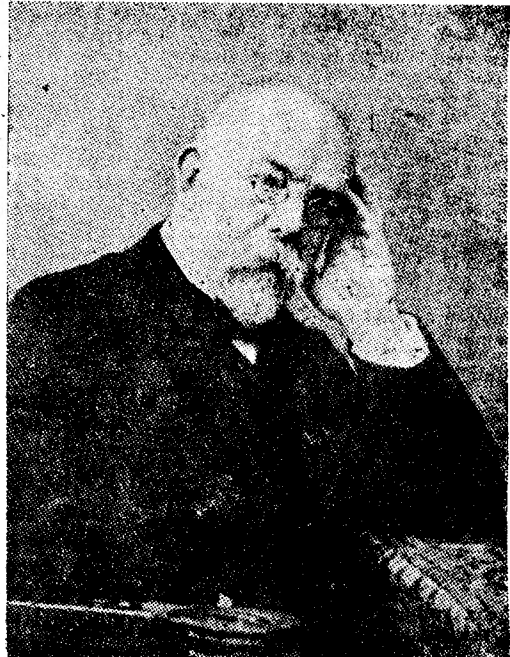
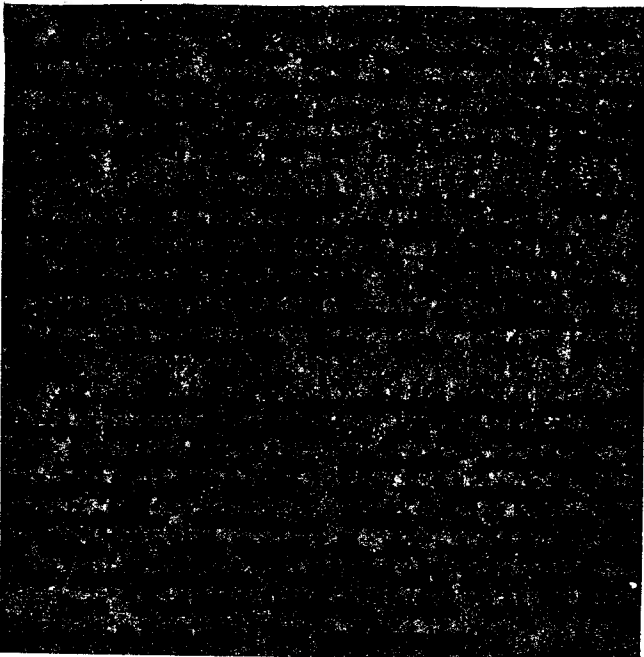
Vamos descrever de uma forma muito esquemática como funciona um foguetão de três andares, ou secções:

1.º andar: O álcool e o oxigénio líquido são enviados á camara de combustão pelas bombas accionadas por uma turbina a vapor, vapor que provém de água oxigenada decomposta ao passar por uma camara contendo um catalisador (permanganato de potássio). A água oxigenada é por sua vez enviada á camara

(Continua na ultima página)



Concurso gigantes da Humanidade



PROBLEMAS DOS JOVENS

Parece-me que escolhi um assunto que requer conhecimentos que não posso em abundancia e experiencia que não posso de modo algum ter. Mas paciência! Terão de me ouvir mesmo assim, pois já há muito que fervilha cá dentro imensa

ram previamente e que essa manei- ra não é a mais aconselhavel. E se do primeiro método resulta um indivíduo com medo de tudo, sempre agarrado aos outros, deste contacto não raras vezes brutal fica uma idela errada do bom e do mau que

Métodos de educação

por ANA MARIA QUINTANS FERREIRA (17 anos)

coisa que não resisto a transcrever. Quero no entanto dizer-vos que qualquer critica da vossa parte será bem recebida e estudada como merece.

Há vários métodos—segundo a psicologia da familia — para tratar os filhos. Ou seguem o menino ou menina, já um adulto por vezes, por toda a parte, interrogando-o com mais insistência do que um inquérito policial, destruindo-lhe enfim a personalidade por uma repressão sistemática de qualquer expansão a que chamam cianice, palermice ou outra coisa igualmente agradável; ou, por outro lado, chegada que é a adolescência, largam no espaço a ave ainda pouco habituada á tempestade, e sem beiral para pousar. Diz-se que já está um homem, que precisa de conhecer a vida e de aprender a defender-se.

Mas não vêem que não o ensina-

se encontra, e que difficilmente se apagará.

E até por vezes — isto talvez mais em relação aos rapazes — incita-se a certas liberdades, afirmando-se que não as praticando não se é homem. E um indivíduo a quem repugnam certas atitudes, vítima de sorrisos trocistas e da sua timidez que o impede de afirmar a sua personalidade, torna-se um joguete nas mãos eu diria de autênticos criminosos.

Há felizmente ainda óptimos educadores. Mas por que é que não são todos? Bastaria um pouco de bom senso e, sobretudo, muito respeito e amor pela alma em formação. Estou convencido de que se isto assim fosse, grande parte dos desespero, actos de bravura, etc., dos «daddy boys», desapareceria. Não acham que uma geração sã vale todos os sacrificios?

VISTOS PELOS JOVENS

A ARGOLA É A CORRENTE

MARAVILHAS DA NATUREZA

O mistério das areias que cantam

Vamos, amiguinho, o Sol está quente, sim, mas não importa. Passo a passo encontraremos a sombra carinhosa de uma árvore. Vamos. Há flores no campo. Há regatos descendo do monte. Há cachos de uva suspensos das latadas. E há canções... Ouves? Os ceifeiros cantam. Vamos os dois por este carreirinho. Além, no alto da colina, avistaremos a planície e poderemos vê-los. Pronto, chegámos. Cansados, não é? Mas felizes, também. Estou a pensar que é bom subir com as nossas próprias pernas, não subir às costas de ninguém. Olha agora lá para baixo. Os ceifeiros, vêes? Avançam, em fila. A mão direita corta suavemente o trigo e o trigo, sua-

Por
MARIO CASTRIM

mé, o Eduardo, o Martinho, o Orlando e o Felício. Trabalhavam todos no campo, menos o Tomé. O Tomé possuía uma pequena loja e teve de fechá-la porque não fazia negócio. Foi o primeiro a chegar à montanha e teve a sorte de encontrar um enorme veio de minério. Deitou mãos à obra e uma bela tarde apareceram o Orlando, o Felício, o Martinho e o Eduardo, de picareta ao ombro. Quando souberam que o Tomé descobrira a mina, o Felício, em nome dos companheiros, falou assim:

—Ouve cá, ó Tomé. Tive agora uma ideia...

—Que ideia foi?

—Nós os quatro, mais dia, menos dia, acabamos por dar com o minério. Mas leva tempo. De maneira que o melhor era juntarmos-nos os cinco e trabalhar na tua mina.

—Hem? Os cinco?... Na minha mina?... Tu estás doido, Felício, ou cuidas que eu estou?

—Mas porquê?

—Perquê? Então andei eu a furar por aí, como uma toupeira para agora vocês se aproveitarem da minha?

—O Tomé, pensa um bocadinho. homem. A mina é tua, mas de que vale a mina ser tua se não podes explorá-la sozinho?

—Não posso? Quem é que disse que não posso? Esperem uns dias mais e verão!

O Felício, o Eduardo, o Orlando e o Martinho gastaram para cima de três horas a provar-lhe que um homem sozinho não vale nada. Que o homem não tem os músculos do cavalo, as patas do leão, as garras do tigre, a dentuça do crocodilo. A força do homem é serem muitos, trabalharem juntos e em paz. Os homens são como as argolas de ferro; separadas, são apenas argolas de ferro, sem préstimo; unidas, formam uma cadeia poderosa e útil.

—Mas o Tomé mantinha-se, casmurro.

—Não venham com essas histórias que de mim não conseguem nada. O que vocês querem é apanhar a mina que me deu um trabalho a descobrir. Argolas de uma corrente... Pois façam vocês a corrente. Eu, pelo sim, pelo não, prefiro trabalhar só com a minha argola...

...E o tempo correu. O tempo corre sempre, fora de nós e dentro de nós. O tempo corre sempre, como uma bola que desce por uma encosta sem fim. O Tomé continuou a trabalhar sozinho. Cavava, punha as traves, arrancava o minério, penetrava-o, lavava-o, ensacava-o, carregava-o para cima do burro, transportava-o para a cidade, vendia-o. Como era só a fazer tudo, o trabalho rendia pouco.

—Não faz mal. É melhor assim. Já minha avó dizia que muitos cozinheiros estragam o cozinhado.

Certa noite, porém, quando o Orlando, o Martinho, o Felício e o Eduardo andavam, ainda, à procura de minério, ouviram uma voz sumida como se viesse de baixo da terra.

—Socorro. Acudam-me. Acudam-me que já não posso mais.

Procuraram, procuraram, e foram dar com o Tomé caído num poço de quatro metros de altura. Já tinha os dedos em sangue, de se agarrar às paredes de granito. As últimas forças fugiam-lhe, não tardava que se afundasse para sempre...

Os quatro amigos não tinham, à mão, nem cordas nem varas. Então formaram uma cadeia. O Eduardo inclinou-se à beira do poço; o Martinho agarrou os pés do Eduardo; o Orlando agarrou os pés do Martinho; o Felício agarrou os pés do Orlando... Não tardou que as mãos do Eduardo agarrassem os cabelos do Tomé.

...O Tomé estava salvo. Sorria. Olhava para as estrelas com uns olhos claros, simples, interessados, como se as visse pela primeira vez.

—A partir de hoje, vamos trabalhar unidos. Vocês têm razão. Vejo agora. A corrente é mais forte do que uma argola só...

E pronto, amiguinho, aqui tens a história. Podemos agora, talvez, descer a encosta para admirar, mais de perto, o esforço dos ceifeiros. Admirar a acção maravilhosa dos homens quando trabalham juntos e em paz.

A música é bem um dom natural. A bem dizer, nem os homens sabem como nasceu. Apareceu entre eles, não criada por seres humanos, mas pela própria natureza exterior — do balouçar das árvores em tarde de brisa amena, do rumor dos regatos que saltavam de pedra em pedra, com um cuidado infinito, do silex trabalhado pelos primitivos, do ruído dos chifres dos veados guerreando, depois do crepitar da primeira chama, do ruído familiar da panela que ferve, do silvo do vento, do canto das próprias aves. Poderão eles, depois disto dizer como nasceu a música? Não, ela é tão natural e espontânea e necessária à natureza humana como qualquer das descobertas de então e das quais dependia a vida. Mas podemos afirmar, inteiramente certos de não errar, que ela foi recebida com carinho por homens mal saídos da animalidade... porque fazia parte das coisas que os rodeavam.

Ora, o deserto sem fim, escaldante, torturante, traiçoeiro, também tem a sua música. Muitas vezes, das areias tranquilas, se levantam sons ritmados, graves, como se invisíveis instrumentos fossem soprados, dedilhados, percutidos por mãos de seres desconhecidos. Para os árabes, eles vêm de espíritos que habitam mundos inferiores, espíritos das dunas falando uma linguagem que ninguém entende, mas que é verdadeira música. Começa devagarinho, como uma harpa tangendo, ergue-se no ar, mais e mais forte, como um órgão gigantesco, ruía como um tambor na selva, ribomba como o trovão e volta a diminuir, é um gemido de cordas feridas, até se esfumar no silêncio das coisas sem vida.

Como sempre acontece, muitas lendas se têm tecido à volta deste fenómeno natural. Lendas de mortos que vagueiam pelo deserto e encetam uma dança macabra, ao som surdo de tambores; cavidades misteriosas que a areia não pode encher: sinos de cateiras submersas na areia traiçoeira; searas, como as do mar, tentadoras, que atraem os viajantes do deserto para os fazer morrer de sede; espíritos que vagueiam na solidão imensa chorando, males de amor!... E tantas, tantas mais que a imaginação fértil do homem criou!

Mas, de que se trata, afinal?

Muito simplesmente, da deslocação de areia seca e fina, sobre camadas de outra mais grossa, pelas encostas das dunas; no silêncio sepulcral do deserto, esse som ergue-se pouco a pouco, até se tornar como um canto imenso e diminui, também gradualmente, até se extinguir. E o silêncio sem fim volta a cobrir o deserto. E os homens sossegam.

Em certas ocasiões, os próprios passos dos homens e dos cavalos, o simples rebolar de uma garrafa pela vertente da duna, podem produzir sons tão fortes que se cuvem a grande distância, e parecem vir do seu interior. É um fenómeno que, também se tem verificado em praias, embora as canções destas difiram muito das das areias. Das praias erguem-se silvos, gemidos agudos e prolongados; das areias, saem mais graves, mais violentos, cortando a calma do deserto com algumas notas que causam arrepios. Porque nunca é um som apenas, mas

ouvem-se pela tardinha, quando o dia morre e a nostalgia desce a encher as coisas e as gentes. Claro que é, nesta hora de transição que o vento amaina; e a areia que ele arrastou para o cimo das dunas, despenhada agora num equilíbrio instável, começa a escorregar pelas ladeiras, primeiro devagar, depois mais depressa, porque a esses primeiros grãos outros se juntaram, e outros e outros, e muitos mais — por isso o som vai crescendo de intensidade.

Já se verificou, por outro lado, que o deserto se mantém silencioso muitas semanas após as chuvas, o que vem confirmar a tese de que a areia seca e bem seca é a causa deste fenómeno estranho. Também estas canções se ouvem mais no Verão e nunca pela manhãzinha, quando as areias conservam a frescura da noite...

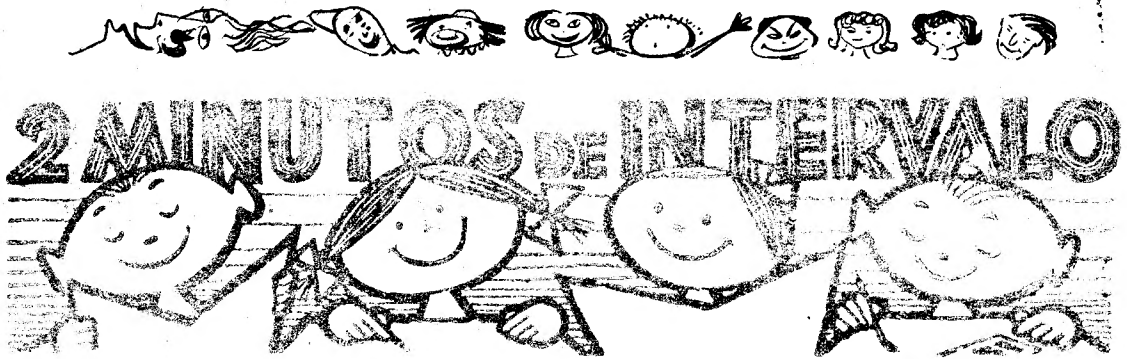
No entanto, a última palavra ainda não foi dita. Há areias finas e secas que não cantam; areias limpas que cantam melhor e outras igualmen-



uma sinfonia, um coro estranho que aumenta durante minutos, longos minutos e deixa, ao desaparecer, a sensação vaga de uma angústia indefinível. A hora a que, nos desertos, se fazem ouvir estas canções, ajuda, já por si, a aumentar o mistério delas. Quase sempre,

te limpas que se conservam mudas. A despeito de todas as tentativas para fazê-las acordar, não se sabe por que teimosia da natureza, se conservam mudas. E o mistério continua a encher o coração dos homens do deserto...

MARIA HELENA DA COSTA DIAS



Fábula: Adivinha

Pertence a uma numerosa família sem ser do reino animal, vegetal ou animal.

É muito honrado, muito unido à humanidade.

Vai às salas na companhia de senhores e de cavalheiros. Toma lugar ao chá. Foi banido dos ombros, mas o homem sem ele não pode existir...

Foi expulso de parte da Espanha, mas a Holanda recebeu-o de braços abertos, internando-o num hospital.

É humilde, sem ele não poderia haver harmonia...

Acabo de saber que se encontra na China...

Quem será esta personagem? Procurem-na na História e encontrá-la-ão na companhia de todos os heróis.

Despedida: Cabrio

Com estas palavras se despediu um pai de seu filho:

—Nada mais tenho a dizer-te se não isto, meu filho: se sabes o que queres e só queres o que podes, e podes o que queres e sabes que podes o que queres, então podes viver com absoluta tranquilidade.

Antologia

No tempo em que ninguém sabia escrever porque o alfabeto ainda não fora inventado, vivia numa aldeia um carpinteiro de nome Cadmus. Era fenício, isto é, natural da Fenícia, uma nação de comerciantes muito espertos, estabelecida nas costas do Mediterrâneo. Cadmus era uma dia trabalhando no seu banco de carpinteiro, a certa distância de casa. Subito notou a falta de uma ferramenta qualquer, que esquecera de trazer. Fez então uns rabiscos num cavaco de madeira e disse a um escravo: «Fulano, leve isto a minha esposa e traga o que ela der». O escravo levou o cavaco. A mulher de Cadmus leu o sinal e disse: «Aqui está o que ele pediu». O escravo abriu a boca e ainda mais quando ao entregar a ferramenta

ouviu o patrão dizer que era aquilo mesmo.

Seu assombro diante do cavaco mágico foi tamanho que pediu licença a Cadmus para o trazer pendurado ao peito como bentevisão...

(Do livro «História do Mundo para as crianças», de Monteiro Lobato).

Temple: Compromisso

—Graças a Deus...

GRAÇAS A DEUS

AVISO

AVISO

AVISO

AVISO

AVISO

AVISO

AVISO

AVISO

AVISO

AVISO

AVISO

AVISO

AVISO

AVISO

AVISO

AVISO

Braga — Bracara Augusta
Tavira — Balsa
Lagos — Lacobriga
Lamego — Lama ou Lameca
Aveiro — Talabriga
Abrantes — Tibulci.

Temple: Compromisso

O senhor professor chama à lição o Periquito que no mundo da gramática está positivamente em branco. O professor faz incidir o interrogatório sobre a conjugação dos verbos.

—Vejamos! Eu lavo-me, tu lavaste, ele lavase, nós lavamo-nos, vós lavai-vos, eles lavam-se! Isto que significa?

—E o Periquito, imediatamente: —Significa que é domingo, senhor professor!

Um original português para a juventude

Eis, na realidade, um caso para aplausos: um livro para a juventude feito por Portugueses, aliás por uma portuguesa — Virginia Lopes de Mendonça.

É um livro para as nossas leitoras, que tem por tema a vida da gente da nossa terra, o seu viver simples, o seu trabalho, as suas alegrias, os seus sonhos.

As nossas amigas terão aí ensino de conhecer, desde pequenina até à velhice, a bela figura de Aninhas. Corria leve, como se não tocasse sequer com os pés no chão. Foi por isso que um dia o companheiro lhe pôs o nome de «Gaivota». Ele tinha um barco «Gaivota» que deslizava pelo oceano como se fosse uma pena, quase nem tocando a água. Era leve como Aninhas. Esbelto como Aninhas. Começou então a chamá-la «Gaivota» e assim a conheciam.

Este livro é mais um volume da Coleção «Biblioteca das Raparigas», editada pela Portugal Editora.

vemente, como quem se deita para repousar, tomba no braço esquerdo do ceifeiro. Mas repara... Não há apenas os ceifeiros. Há os homens que guiam os carros de bois; há as mulheres que levam os montinhos de trigo para o carro. Há os rapazinhos da tua idade — ou mais novos, ainda — que vão de grupo em grupo com a bilha de água matando a sede aos homens que, ao calor da fornalha, derrubam o trigo. Todos são precisos. Todos. A união dos homens é que faz a força do homem. Exactamente, meu filho, os homens são tal qual as argolas de uma corrente. A sua força é maior quando estão unidos. Isto é claro, claríssimo para nós. Mas o Tomé levou tempo a compreender. Sentemo-nos aqui, à sombra desta árvore que eu vou contar-te a história do Tomé:

Há dois anos o Sol queimou as searas. Não havia trabalho no campo e os homens cada qual seguiu o seu caminho: uns foram para Lisboa, outros para o Brasil e ainda outros compraram uma picareta e foram para a montanha em busca de minério. Entre estes, iam o To-

A BAILARINA

Era uma vez duas meninas, uma chamada Joia e outra chamada Ilda. Joia era uma menina muito rica, filha de um grande senhor, e vivia numa casa grande, cheia de comodidades. Porque isso era bonito andava a aprender a dançar numa grande escola onde se aprendiam as mais lindas danças... não porque tivesse qualquer jeito.

Ao contrário, Ilda era muito pobre e apesar de gostar muito de vir a ser bailarina não podia andar aprendendo como Joia porque seu pai (um simples rachador de lenha) não podia pô-la numa escola tão cara como aquela.

Ora um dia Ilda lembrou-se de ir falar com Joia, sem dizer nada a seus pais. Quando Ilda chegou estava Joia a brincar com uns brinquedos maravilhosos. A conversa principiou, dizendo a menina pobre a menina rica que gostava muito de ser bailarina e se ela não se importasse podia pedir a seus pais para lhe pagarem as lições, visto que eles tinham muito dinheiro.

— Ah! Ah! tu, minha maltrapilha, uma bailarina? Vai-te embora, desaparece da minha vista... — gritou-lhe a outra, às gargalhadas, olhando-a com desprezo.

Ilda ficou muito triste e contou a seu pai, mas eles logo lhe disseram que não chorasse porque algum dia o seu sonho havia de realizar-se.

Certo dia estava sentada à porta da sua cabana, a pensar, quando de repente uma linda menina, muito bem posta, lhe apareceu morta de sede: — Dás-me um copo de água? — E Ilda imediatamente lhe deu água num púcaro de barro, um pouco velho. A menina simpatisou muito com Ilda e depois de muitas perguntas perguntou-lhe o que ela queria ser quando fosse crescida... A pequena pobre então, com um ar muito pesaroso, disse que gostava muito de ser bailarina mas que seus pais não tinham posses para pô-la a tirar esse curso, visto ser muito caro. A menina desconhecida levou então a mão a uma grande algibeira do seu rico vestido e deu-lhe um saco cheio de dinheiro, dizendo: — Ilda, tu com este dinheiro tiras o teu curso e depois de o teres tirado apresentas-te no castelo do Rei Azul, onde eu tenho a certeza que irás dançar as mais lindas danças, porque és muito graciosa! E agora despeço-me de ti, mas primeiro quero perguntar-te onde fica a estrada real, porque me perdi.

— Fica ali, naquela direcção! — disse a pequena pobre, com muito custo, estendendo o dedo, toda tremula, pois a sua comoção era tão grande que até ali não tinha podido articular palavra. A menina bem posta foi-se afastando devagar e quando já ia um pouco distante gritou para ela:

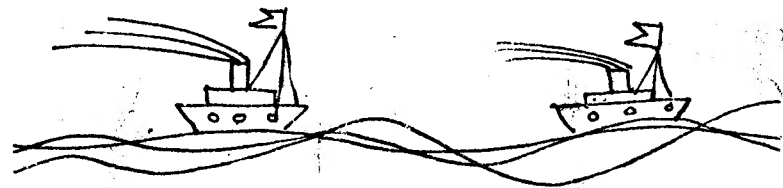
— Eu sou a princesa Pérola, filha do Rei Azul! — Ilda ficou tão admirada com o que se passava que até chegou a pensar que tudo aquilo era um conto de fadas... Passaram-se anos, tirou o seu curso tornado-se uma grande bailarina, e já se preparava para se apresentar no castelo do Rei Azul quando soube que Joia estava um grande incêndio em sua casa e seus pais tinham morrido sem lhe deixarem nada, porque os haveres que tinham estavam todos dentro daquela casa... e como não tinha habilidade para dançar não apareceu ninguém a ajudá-la a concluir o seu curso.

Ilda, que fora ter com ela, disse:

— Agora que posso auxiliarte, anda viver comigo. Hás-de de me ir ver dançar ao castelo do Rei Azul, em lindas festas que lá costumam fazer. Então Joia, perante um tão belo exemplo daquela menina tão boa e nada vingativa, tornou-se também uma menina muito boa, passando a ser uma grande amiga e companheira inseparável de Ilda, a quem ajudava em tudo, enquanto a grande bailarina se ia apresentando em vários teatros do Mundo inteiro, deixando espantado quem a via dançar assim tão bem...

F I M

Olga Maria Mendes Nunes, de 12 anos, aluna do 2.º ano de «Ballet» do Conservatório Nacional. Morada: Paço de Arcos (Praceta Dionísio Matias, letra P, r-c., dt.º).



DA MINHA JANELA

Da minha janela,
Lendo ou sonhando,
Eu vejo as pessoas
Que vão passando.

E vejo tristezas
Nos seus pensamentos,
Escuto queixumes
Dos seus tormentos.

Vejo os pombinhos
Além, nos telhados.
E vejo na rua
Passar namorados.

Joviais rapazes,
Lindas raparigas,
Trazendo nos lábios
Alégres cantigas.

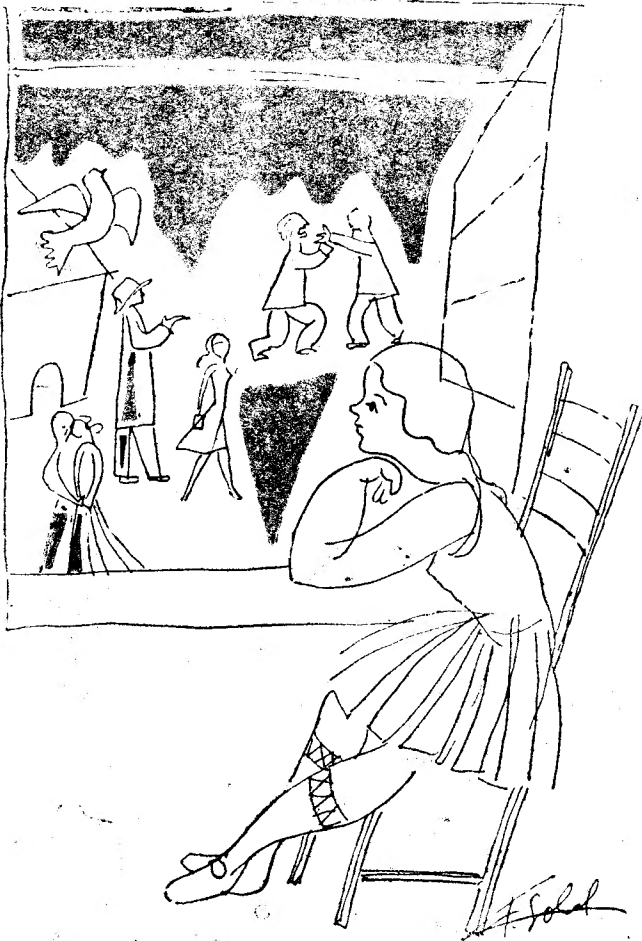
E uns homens
Maus, a bramir,
Trocando insultos
E a discutir.

Vejo um ceguinho
Esmola a pedir,
Cantando, a chorar,
Fingindo sorrir.

E fico tão triste
Que peço ao Senhor
Que a todos nos dê
Sossego e amor.

Maria Teresa Monteiro

Amiga n.º 929 — 12 anos



Concurso da semana

SOLUÇÕES DO SUPLEMENTO N.º 79: I — CONCURSO «GENTE NOSSA»: a cidade era Viana do Castelo. II — CONCURSO «GIGANTES DA HUMANIDADE»: o grande músico chama-se Wolfgang Amadeus Mozart.

Vencedores

1. — Amigo n.º 973 — Maria Alcinda Ribeiro de Carvalho (Moa-chique).
2. — Amigo n.º 1.038 — Maria Helena Cavaco (Lisboa).
3. — Amigo n.º 1.211 — Maria de Lourdes Alvarenga Pinto da Costa (Mesão Frio).
4. — Amigo n.º 635 — Maria Teresa de Oliveira Lemos (Lisboa).
5. — Amigo n.º 1.405 — Nuno Silva Miguel (Monte Estoril).
6. — Amigo n.º 1.397 — Alvaro Manuel de Rocha e Vasconcelos (Coimbra).
7. — Amigo n.º 211 — Maria Helena Duarte Tavares (Lisboa).
8. — Amigo n.º 1.406 — Maria Angela Brito de Sousa (Dafundo).
9. — Amigo n.º 505 — António de Carvalho e Branco (Dafundo).
10. — Amigo n.º 1.394 — Manuel Gil Marques de Sá Gomes (Gaia).

Prémios

- 1 a 3: «GAIVOTA», por Virgínia Lopes de Mendonça — Colecção «BIBLIOTECA DAS RAPARIGAS» — PORTUGALIA EDITORA.
 4. — «UM SABADO DE AVEN-TURAS», por John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» — LIVRARIA CLÁS-SICA EDITORA.
 5. — «SHANE», por Jack Schae-fer — LIVROS DO BRASIL, LDA.
 6. — «BIOMBO CHINÊS», por Somerset Maugham — LIVROS DO BRASIL, LDA.
 - 7 e 8: «HOTEL DO NORTE», por Eugene Dabit — LIVROS DO BRASIL, LDA.
 - 9 e 10: «DESATINO», por Jean Cocteau — LIVROS DO BRASIL, LDA.
- PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE MOZART**
11. — Amigo n.º 1.407 — Maria Emília Rodrigues Ribeiro (Lisboa).
 11. — «UM LUGAR AO SOL», por Erico Vreissimo, e «PORGI E BESS», por Dubose Heyward — LIVROS DO BRASIL, LDA.

Gente
Nossa



Elas lá vão
foice na mão
com um sorriso
que é tão preciso.
E sem um ai
o trigo cai
cai suavemente
na terra quente.
Cai e levanta
a voz que canta
essa toada
longa e arrastada.
Que a terra anima
e com ela rima
E sem descanso
alegre e manso
o trigo amigo
procura abrigo
nas mãos daquela
ceifeira bela...

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta ou postal, à seguinte pergunta:

Qual a província portuguesa a que pertence a figura que hoje publicamos?

As respostas devem estar na Redacção até ao próximo dia 21 de Novembro.

Um diário e uma peça

Acaba de estrear-se em Lisboa uma peça de teatro tirada de um célebre, de um extraordinário «Diário» escrito por uma jovem. Os nossos leitores já calculam a que é que nos referimos: trata-se exactamente do Diário de Anne Frank. Acerca dele já várias vezes nos referimos no «Juvenil», nunca nos cansando de recomendar a sua leitura a todos os jovens maiores de 15 anos. Eis agora uma nova oportunidade para o lembrarmos aos nossos leitores: aqueles que puderem ver a peça de teatro devem ir mais longe, lendo e meditando a vida daquela menina heroica; mas os que não conseguiram (ou por idade, ou por outras circunstâncias) assistir a esse espectáculo têm agora um incentivo para adquirir e ler uma tão bela manifestação do espírito humano.

Peçam aos vossos pais, ou agora ou no Natal, que vos ofereçam o «Diário de Anne Frank».



DIÁRIO DE BORDO

2.ª POESIA

por Jose Bandeira — 19 anos

Matraqueia a chuva, lento,
No catilho da janela.
Eu fico de dentro,
Basta-me vê-la.

Não farei mais poesia
Aje o dia surgir.
Dado a chuva no caminho
Não me apetece dormir.

Estava a noite muito escura,
Veio a chuva pra lavar:
Lava as nuvens, vem a Lua;
Vem as nuvens morre o luar.

Estava a noite muito fria
Veio a chuva pra a aquecer.
Tinha a minha lma vazia —
— Mais fria não pode ser.

Não farei mais nenhum verso,
Não vale a pena escrever.
Anda lá fora (ao inverso)
A poesia, no chover

Amigo n.º 1.224

Amigo n.º 182 — António Maurício Esteves (Figueira da Foz) — Tens direito a dois livros e não a um, como veio publicado no n.º 79. Parabéns, pois, pelo prémio que receberás por estes dias.

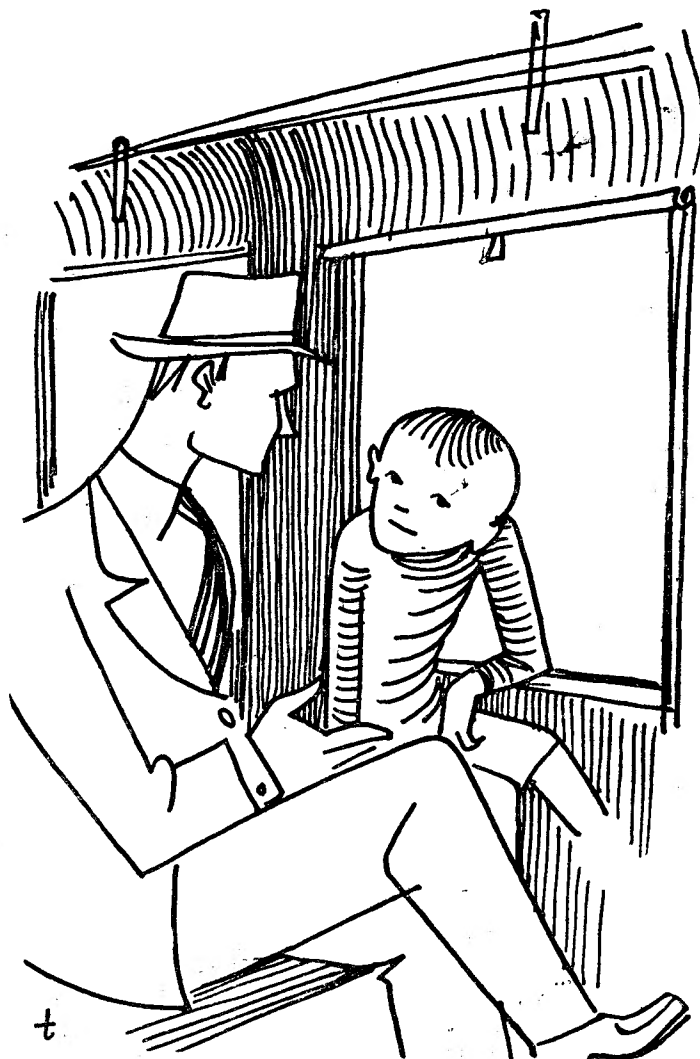
Atenção!! Encontram-se ainda em nosso poder os prémios atribuídos aos Amigos: Horácio R. da Graça Carvalho (Evora), Elsa Dulce Ferreira (Almada), Maria Ribeiro (Barreiro), António Carlos Santiago, Aida Morgado Serrão da Veiga (Amadora), António Jorge de Figueiredo e Maria Manuela Januário da Costa.

Estes prémios têm sido anunciados de vez em quando, sem contudo aparecer quem os reclame. Porquê? Gostariamos que os Amigos que, por acaso, sejam conhecidos dos anunciados, os avisassem deste nosso apelo.

Amigo n.º 1.299 — Carlos Duarte (Porto) — Não poderemos, talvez, trocar o livro pelo outro que pedes, pois não temos nenhum exemplar em nosso poder. Contudo, teremos imenso prazer em tentar que não fiques com o que te foi atribuído, uma vez que já o possuis.

Amigo n.º 1.237 — João Fernando Santos Mendes (Lisboa) — Podes ficar com o livro pois, como te disse, houve necessidade de fazer uma troca com outro amigo. Ainda bem que ficaste contente; na verdade, é um bom livro em nada inferior ao que ganhavas.

Amigo n.º 1.288 — Carlos Alberto Cardoso — E's tu o premiado, sim, e deves receber o livro ainda esta semana.



Agora vou contar uma coisa que me aconteceu.

No elevador da Bica. Senta-se á minha beira o rapazinho aleijado. Os pés, dois trambolhos. O dinheiro das esmolas encafuava-o, as mãos prestes, no bolso da camisola preta.

Diz-se que em Portugal é proibido receber esmolas; mas parece que não é proibido dá-las. Foi o que eu fiz. Tirei os cobses do porta-moedas, pousei-lhos na concha da mão sôfrega.

As mãos bonitas que o garoto havia!

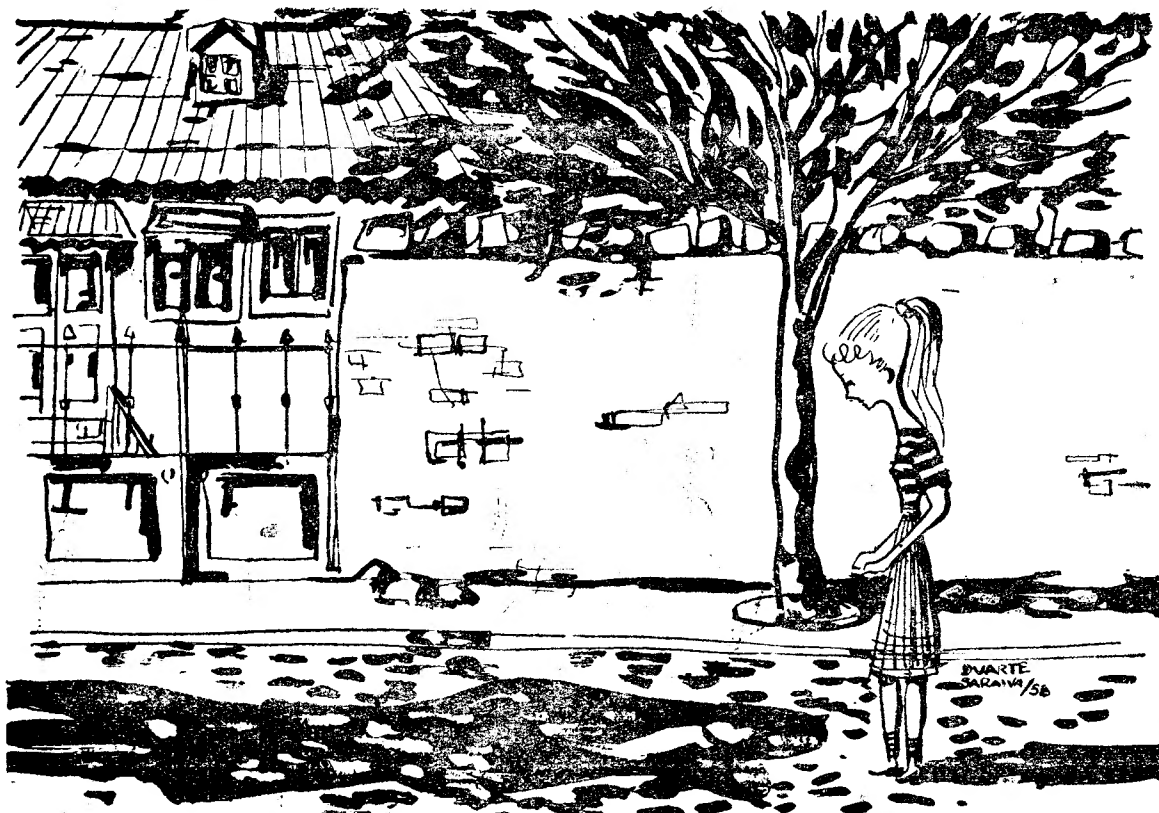
o órgão mal ferido por outro novinho em folha. E logo que o faz, o coraçãozinho miúdo recomeça a pulsar, a pulsar, a pulsar, e a serra, que tem bicho carpinteiro, começa logo a serrar o tempo como diz o poeta das «Odes Elementares».

O elevador da Bica chegou ao cabo do destino. O garoto seguiu rastejando, o seu caminho para onde? Preparava-me também para seguir o meu, quando sinto a mão de alguém no meu ombro. Era uma rapariga alta, de

DESENHO

Por Manuel Duarte Saraiva

(18 anos)



FLASH

A SENHORA ENGENHEIRA

Dedos compridos e brancos, uns dedos femininos, ágeis, nervosos.

— Onde trabalhas tu? — perguntei: Perguntinha tola... onde ele trabalhava, evidentemente, era calib... Mas ele respondeu direito:

— Não trabalho.

— E porquê, posso saber?

— Porque não sei.

E ajustando melhor o pensamento:

— Porque não posso.

— Ouve, meu caro, queres dizer que não podes por causa dos pés. Mas não é razão. Podias aprender um ofício onde só as mãos entrassem — tecelão, por exemplo, ou sapateiro, ou relojoeiro.

Já viste trabalhar um relojoeiro?

Nunca tinha visto, o pobre. Descrevi-lhe tudo: a precisão dos movimentos, as rodinhas a meterem-se umas com as outras, o «cabelo» feito discóbolo, a arremessar para longe, cada vez mais para longe, faulhas de tempo...

A máquina parou. Adoeceu. O relojoeiro sabe onde está o mal. Substitui

franja, com uma bata branca no braço que também apertava livros e cadernos, tudo em equilíbrio instável.

— Gostei muito de o ouvir, há bocadinho. Sabe? Vou seguir o seu conselho...

Não me recordava de conselho nenhum. Passei em revista os conselhos que sei dar, em vão.

— Que conselho?

— O do relojoeiro. Vou aprender isso, nas férias. Hei-de pedir ao meu pai, ele deixa, com certeza.

Disse-lhe que sim, com a cabeça. Vim a saber que anda no sétimo de ciências. Futura engenheira. Tinha um ar severo, ríspido, quase. De quebrar todas as pontes, ela que as queria erguer. Pedi-lhe que me comunicasse quando estivesse apta, pois tinha lá em casa uma cebola para concerto. Riu. Um riso que estilhaçou todas as arestas do seu rosto e fez descobrir, sob os traços de engenheira que viria a ser, os traços da menina que ainda era.

os traços da menina que ainda era.

MANUEL AGRA

Curso elementar de estenografia

Por Natália da Fonseca

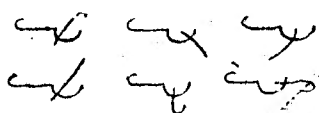
Iniciámos no ultimo numero do «Juvenil» o estudo sistemático das abreviaturas, que hoje continuamos.

Vinhamos novamente que ao emprego das abreviaturas deve presidir a maior ponderação. Nada de inventar abreviaturas no decorrer do apanhado estenográfico e que depois não sabemos o que significam... Nada de aplicar abreviaturas que os dedos não saibam.

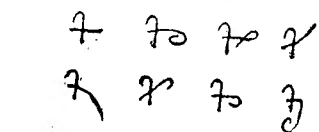
Evidentemente, para velocidades superiores a 100 palavras por minuto não nos seria hoje praticamente possível prescindir delas. Sem esquecermos, porém, que a abreviatura é a excepção, não é a regra...

Vejam algumas abreviaturas-base e alguns dos seus desenvolvimentos com o emprego dos sons iniciais, terminais e gerais.

Abreviatura-base:



Abreviaturas derivadas:

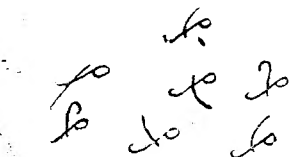


(Da esquerda para a direita: favorecer, favorecera, favorecido, favorecendo, favorecemos, desfavorável).

Abreviatura-base:

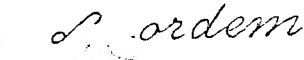


Abreviaturas derivadas:

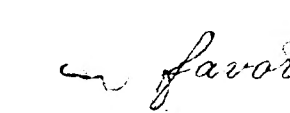


(Da esquerda para a direita: ordenado, ordenarei, ordenar, ordenamos, ordenava, ordenado, desordenado).

Abreviatura-base:



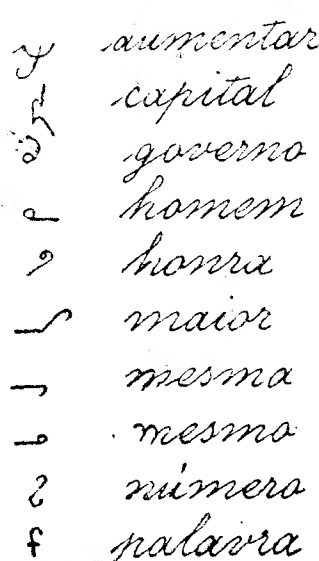
Abreviaturas derivadas:



(Da esquerda para a direita: livremente, liberdade, libertação, li-

bertando, libertara, libertador, libertável, libertinagem).

Mais algumas abreviaturas:



A Astronáutica

(Continuação da 1.ª página)

ra de catálise por meio de pressão de hélio. A combustão efectua-se por alumagem. Após o esgotamento do combustível, um dispositivo especial solta o primeiro andar e põe a funcionar o segundo.

2.º andar: A dimetil-hidrazina dissimétrica e o ácido nítrico são enviados por meio de pressão de hélio á camara de combustão onde, vaporizados e em presença um do outro, reagem espontaneamente. Ao esgotar-se o combustível, de novo o dispositivo de «controle» alojado no terceiro andar solta a segunda secção, pondo em funcionamento a terceira.

3.º andar: Em geral é propulsionado por um combustível sólido (pólvora) ou líquido (nitrometano com catalizador para regular a combustão) e pode conter na sua parte terminal a carga de explosivo... ou um satélite artificial.

NOTA: Pedimos ao jovem autor deste artigo que nos envie a sua identidade.